

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

O DESENHO DE HUMOR NO RESGATE
DA IDENTIDADE CULTURAL

Análise de personagens étnicos em um semanário gaúcho

AUGUSTO FRANKE BIER

Porto Alegre, dezembro de 2001.

AUGUSTO FRANKE BIER

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

O DESENHO DE HUMOR NO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL

Análise de personagens étnicos em um semanário gaúcho

Dissertação como exigência parcial
para a obtenção de grau de Mestre em
Comunicação do Programa de Pós-
graduação em Comunicação da
Faculdade de Comunicação e
Biblioteconomia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Dra. Nilda Jacks

Porto Alegre, dezembro de 2001.

"Não é a sociologia ou a antropologia, nem a história ou outra disciplina que deverá dizer qual seria a definição exata da identidade (...) Não é a sociologia que deve se pronunciar sobre o caráter autêntico ou abusivo de tal identidade particular (em nome de que princípio ela faria isto?). Não é o cientista que deve fazer "controles de identidade". O papel do cientista é outro: ele tem o dever de explicar os processos de identificação sem julgá-los. Ele deve elucidar as lógicas sociais que levam os indivíduos e os grupos a identificar, a rotular, a categorizar, a classificar e a fazê-lo de uma certa maneira ao invés de outra".

(Cuche, 1999: p. 188-189).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de início, a Santo Expedito, o santo das causas urgentes, pela graça (quase) alcançada. Se a banca não reagir bem, vai perder um devoto.

Agradeço à professora Nilda Jacks, minha orientadora neste trabalho, pela seriedade do seu exercício, pela coragem de auxiliar um mestrando caricaturista e pela sua infinita paciência em submeter um animal anárquico à metodologia acadêmica. Tarefa pela qual, aliás, deveria receber adicional de periculosidade.

Agradeço à psicóloga Elizabeth Nunes Teixeira, amiga de presença fundamental para que eu permanecesse vivo e chegasse até aqui, bem como a Pedro Lima, médico e cúmplice no fornecimento de viveres para que esta travessia não se interrompesse. Devo a vida a ambos.

Agradeço a Maximiliano Franke Bier, meu irmão. Este psicólogo foi um irmão para mim. Eu costumava agradá-lo dando carona sobre os ombros até a escola. Agora, depois que passou do metro e oitenta, preciso pensar em outra coisa.

Agradeço aos meus professores e colegas, bem como aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, pela sua dedicação, camaradagem, apreço e incomensurável boa vontade no atendimento de demandas que nem sequer Nostradamus ousou prever.

Sou particularmente grato aos meus colegas Renata Charão e Alan Neiva, do Núcleo de Pesquisa em Mídia do CONESUL, da FABICO, pela competência demonstrada e pelo carinho em mim despertado.

Ainda em Porto Alegre, agradeço a colaboração do professor René Gertz pelas orientações iniciais, ao professor Mauro César Silveira, da UFMS, pelas sugestões e leituras quando este trabalho ainda se esboçava, à equipe do jornal “O Interior”, no nome do Sr. Valdir Heck, ao Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, através de Beto Costa Leite, a Duca Aveline e Laura Machado, pelas preciosas e inspiradoras informações resgatadas da Intenet, a Moah Cyrr Sebastião de Souza, chefe e amigo na redação do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, cuja compreensão permitiu maior flexibilidade dos meus horários para que eu pudesse cuidar da dissertação, bem como Luís Marques, Secretário de Estado da Cultura, e Charles Kiefer, Secretário Adjunto, que tiveram a mesma sensibilidade quando assumi a direção do Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, em agosto de 2001.

Em São Leopoldo, agradeço aos professores Artur Rambo, Martin Dreher e, de forma especial, Isabel Arendt, do Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros da Unisinos. Em Ijuí, agradeço aos professores e amigos Celso Acker e Leila, pela hospedagem e orientação nos acervos locais.

Em Caxias do Sul, agradeço às amigas Helena Bérghamo e Cissi, também p
acolhida e orientação nas áreas de pesquisa.

Em Santa Maria, agradeço ao professor “Máucio” Bonotto Rodrigues pela
hospedagem, apoio logístico, psicológico, artístico e festivo, o mesmo podendo ser
dito sobre o Byrata, ambos cartunistas de mão cheia (de nanquim!), sob cuja égide
fui apresentado a um grande leque de novas amizades. Azar o deles!

Em Santo Ângelo, além do apoio da família, agradeço a Paulo Leal,
advogado amigo (sempre é bom ter um!) e grande estimulador, a Mara Isabel, pela
história que hoje guarda junto com nossas crianças, e a Dalmir Ledur, minha
consciência de vez em quando e minha voz na Câmara Municipal o tempo todo.

Para Ernesto e Varna,
Que me deram a vida.

Para Maribel e Gustavo,
Os melhores presentes
Que a vida me deu.

RESUMO

Este trabalho se propõe a demonstrar que, através do humor, é possível realizar o resgate de aspectos da identidade cultural dos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos. Por meio da análise de dois personagens étnicos publicados durante dois anos em um semanário gaúcho destinado ao público rural, a pesquisa busca nas tiras cômicas de hoje elementos identitários que nos remetem à cultura dos primeiros imigrantes alemães e italianos do Rio Grande do Sul. As tiras de Blau e Radicci estão aqui analisadas do ponto de vista da representação, do humor, da história e da identidade cultural de cada grupo étnico. Os blocos temáticos surgidos e abordados durante esta investigação são os seguintes: práticas políticas, religiosidade, tino comercial, relação imigrante x gaúcho, comida e bebida, e trabalho doméstico.

ABSTRACT

This thesis seeks to demonstrate that, through humor, it is possible to recover some of the cultural identity of the teuto-gauchos and ítalo-gauchos. Through the analysis of two ethnic characters published for two years in a gaúcho weekly paper destined for the rural public, the study looks for elements of identity in the comic strips of today, which reflects the culture of the first German and Italian immigrants that came to Rio Grande do Sul. The comic strips of Blau and Radicci are here analysed from the view point represented by humor, by history and the cultural identity of each ethnic group. The themes suggested and touched on throughout this investigation are the following: politic practices, religiosity, comercial prudence, immigrant X gaúcho relationship, food and drink, and domestic work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – UM PASSEIO PELO RISO DA MEMÓRIA	11
CAPÍTULO I	17
1.1 No rastro do humor gaúcho	17
1.1.1 Anedotas e contos	24
1.1.2 Dramaturgia	26
1.1.3 Cancioneiro	26
1.1.4 Desenho de humor	27
1.2 Blau e Radicci: Foragidos da Ficção para o Mundo Real	28
CAPÍTULO II – A ESPÉCIE HUMANA DIANTE DO ESPELHO	35
2.1 Identidade Cultural	35
2.2 Concepção objetivista e concepção subjetivista: um olhar através das representações	39
2.3 Concepção relacional e concepção situacional: a identidade em jogo nas lutas sociais	42
CAPÍTULO III	48
3.1 Identidade, representação e humor	48
3.2 Humores já dantes navegados	52
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA	57
CAPÍTULO V – ABORDAGEM HISTÓRICA DAS TEMÁTICAS	63
5.1 Práticas Políticas – O ingresso na vida política brasileira	63
5.1.1 Alemães	63
5.1.1.1 Da guerra ao parlamento	67
5.1.2 Italianos	70
5.1.2.1 Uma babel de analfabetos	71
5.1.2.2 Inserção social e política	72

5.1.2.3 Alternativa integralista	75
5.1.3 Análise das tiras – Práticas políticas	79
5.1.3.1 Reforma Agrária	79
5.1.3.2 Eleições	82
5.1.3.3 Política Econômica	83
5.1.3.4 Desilusão com políticos	85
5.2 Religiosidade	90
5.2.1 Alemães	90
5.2.1.1 Deus e o diabo na terra da promessa	92
5.2.2 Italianos	95
5.2.2.1 O onipresente olhar de Deus	97
5.2.2.2 Deus não tem pátria	99
5.2.3 Análise das tiras – Religiosidade	102
5.2.3.1 Contribuições	102
5.2.3.2 Controle Social	104
5.2.3.3 Dessacralização	105
5.3 Tino comercial	107
5.3.1 Alemães	108
5.3.1.1 Rumo à Industrialização	109
5.3.2 Italianos	111
5.3.2.1 Dupla ética	112
5.3.3 Análise das tiras – Tino comercial	117
5.3.3.1 Astúcia	117
5.3.3.2 Dívidas	119
5.4 A relação imigrante x gaúcho	120
5.4.1 Alemães	121
5.4.2 Italianos	127
5.4.3 Análise das tiras – A relação imigrante x gaúcho	132
5.4.3.1 Separatismo	132
5.4.3.2 Universo regional	135
5.5 Comida e bebida	137
5.5.1 A cultura na mesa	137
5.5.2 A realidade e o sonho	138
5.5.3 O país das maravilhas	140
5.5.4 Análise das tiras – Comida e bebida	144
5.5.4.1 Gastronomia típica	144
5.5.4.2 Bebida	147
5.6 Trabalho doméstico	157
5.6.1 Alemães e Italianos fecundam a Nova Terra	157
5.6.2 Estranhos que chegam a pé	158
5.6.3 A revanche contra o passado	160
5.6.4 Mulher sem descanso	162
5.6.5 Idealizando o trabalho	164
5.6.6 Análise das tiras – Trabalho doméstico	167
5.6.6.1 Relações de trabalho	167
5.6.6.2 Animais no trabalho	175

CONCLUSÃO – AUFWIEDERSEHEN! CIAO! Palavras terminais sobre uma jornada que mal começa	181
BIBLIOGRAFIA	192

INTRODUÇÃO

UM PASSEIO PELO RISO DA MEMÓRIA

Porto Alegre abriga um significativo grupo de caricaturistas forjados criticamente na oposição à ditadura militar instalada em 1964. Os autores dos dois personagens de tiras cômicas aqui estudadas fazem parte desse grupo que, na sua história de resistência, teve no nacionalismo uma de suas bandeiras. O que nos remete para questões da identidade, procurando saber quem somos diante do mundo, dos demais brasileiros, dos outros gaúchos e – no momento de criar uma piada sobre a própria etnia – até frente a nós mesmos.

Este trabalho pretende realizar uma reflexão sobre as tiras cômicas de Blau e Radicci, nas quais os teuto-gaúchos e os ítalo-gaúchos estão representados. Mais do que isso, quer resgatar nas tiras elementos que compõem a representação da identidade dos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos. E se propõe, ainda, a procurar demonstrar que, através do humor, é possível proceder o resgate da identidade cultural das etnias.

As tiras com os personagens Blau e Radicci, surgidos nos anos 1980, foram veiculados no semanário “O Interior”, de Porto Alegre, entre 1987 e 1990. Para este trabalho, 152 tiras foram selecionadas.

Publicados sob o influxo do Movimento Nativista, que questionava a memória do gaúcho tradicional – ligado ao latifúndio pastoril, construído com as mãos do africano escravizado e as armas do mestiço rio-grandense contra o castelhano -, os desenhos com personagens de etnias igualmente gaúchas, mas de outras origens, surgem como um emblema. E, talvez como um pedido de licença para afirmar que o mosaico étnico rio-grandense transcende os descendentes do gaúcho primitivo, os teuto-gaúchos aí estão através de Blau e os ítalo-gaúchos por meio de Radicci.

Esta foi uma das razões para a escolha do tema deste trabalho. Em outras regiões do Brasil, quando se fala no gaúcho, a imagem evocada é aquela do homem de botas e bombachas, chapéu de aba larga, lenço no pescoço, arma na guaiaca, apreciador do chimarrão e de uma boa briga. O tipo vinha se prestando a inspirar humoristas desde antes da República, mas o fez de forma especial a partir da Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas chegou ao Catete. Em nossos dias, o Analista de Bagé, personagem de Luís Fernando Veríssimo, deve ser o exemplo mais acabado sobre o assunto. E, no desenho de humor, o cartunista Santiago, com o personagem Taurino Fagunde, deleita *todos* os gaúchos com suas piadas. Isso inclui os rio-grandenses de origem italiana, alemã, árabe, francesa, lituana, chinesa, africana... Blau e Radicci surgem como um aceno dentro desse cenário multiétnico,

um aviso dessa pluralidade, sugerindo que outras culturas do povo rio-grandense também são significativas e que igualmente têm sua história para contar.

Outra razão para escolher este tema foi a constatação de que o RS poderia ser o único estado da Federação a ter em sua mídia impressa a veiculação de desenhos de humor com personagens étnicos. Enquanto a miscigenação das etnias formadoras do povo brasileiro vai se dirigindo para aquilo que Darcy Ribeiro chamou utopicamente de “raça cósmica”, no Sul este processo não só parece mais lento, como também apresenta núcleos étnicos bem definidos em suas diferentes áreas de colonização. O que possivelmente vem para facilitar a identificação de cada grupo dentro do conjunto e, assim, criar o ambiente para o humor e o riso de uns sobre os outros. Ou seja: o humor poderia estar colaborando para um resgate da identidade étnica.

O grande número de profissionais do humor gráfico atuando no mercado gaúcho deu mais uma razão para que este trabalho fosse desenvolvido. A qualificação desse grupo é reconhecida no mundo inteiro, e muitas obras parecem oferecer um campo de estudo interessante e vasto, que poderia ser contemplado através de várias áreas do conhecimento, como artes, história, antropologia, política, semiótica, filosofia, lingüística, comunicação, sociologia e outras. Esta é uma investigação que quer chamar a atenção da comunidade acadêmica e dos desenhistas de humor sobre um terreno ainda pouco explorado pela pesquisa. Os estudos culturais do humor ainda são relativamente recentes e carecem de abordagens. Da mesma forma, espera-se que o presente trabalho seja provocador o bastante para inspirar novas investigações sobre humor e identidade. A investigação aqui apresentada, por exemplo, está ligada ao estudo de identidades culturais regionais.

Na condição de integrante do Núcleo de Pesquisa em Mídia no Cone Sul (FABICO/UFRGS), onde estava se desenvolvendo um levantamento pormenorizado sobre a **Identidade Cultural Gaúcha como Formação Discursiva**, coordenado pela professora Nilda Jacks, tive acesso aos primeiros resultados sobre aspectos étnicos. Portanto, foi também com base nesse material que desenvolvi a pesquisa.

Após a coleta das tiras, que representou o passo inicial para efetivar este trabalho, foi realizado um levantamento parcial na bibliografia existente em cinco cidades gaúchas que, de alguma forma, estavam mais diretamente ligadas à colonização por imigrantes italianos e alemães. A operação nessas localidades consistiu em rastrear material humorístico produzido por imigrantes alemães e italianos do RS e seus descendentes, ou publicado por outras etnias e respeito dos imigrantes e vice-versa, desde o início da colonização (1824) até hoje. No **Capítulo I** está o resultado desse levantamento. O material impresso examinado permitiu que se fizesse uma panorâmica do humor surgido sobre o tipo humano rio-grandense mais antigo, cuja vertente se ramificou e posteriormente desembocou no riso sobre os imigrantes alemães e italianos. As linguagens encontradas se apresentaram na forma de anedotas e contos, textos de teatro, canções e desenho de humor. Desse material, apenas o desenho de humor continuou sendo contemplado e mapeado, conduzindo às tiras que compõem o corpus desta pesquisa. Na segunda parte do Capítulo I, pode-se encontrar a apresentação dos personagens Blau e Radicci, um perfil de ambos, sua ambientação no cenário das tiras e um pouco da sua cultura, bem como o clima em que vieram ao mundo.

No **Capítulo II**, a abordagem sobre identidade escolhida para este trabalho teve a contribuição teórica de Stuart Hall (1999), e de Denys Cuche (1999). Hall fala da identidade fragmentada e flexível do homem pós-moderno e sua caminhada num momento em que a civilização ocidental questiona suas verdades e o coloca em busca permanente de vínculos sobre os quais possa construir um pertencimento. Cuche, por sua vez, traz quatro concepções de identidade ligadas à cultura, sendo que, nas duas primeiras, lança um olhar sobre as representações e, nas duas seguintes, comenta a identidade nos jogos de poder das lutas sociais.

Com o propósito de explorar de forma básica o humor e corroborar seus funcionamentos, este trabalho também inclui no mesmo **Capítulo III** alguns aspectos sobre representação para circunscrever o tema. Ainda aqui a identidade continuou sendo contemplada, numa tentativa de demonstrar que as representações (tiras cômicas), se entendidas como expressão cultural, podem estabelecer identidades individuais ou coletivas. E que tais identidades são passíveis de consolidações a partir da linguagem humorística.

O **Capítulo IV** trata da metodologia. Alguns procedimentos metodológicos já foram apresentados anteriormente e serão vistos adiante, pois já permeiam esta explanação desde seu início.

Para que as tiras de Blau e Radicci fizessem vir à tona aspectos identitários e atendessem aos propósitos da investigação, foram aproveitados três volumes dos cinco que compõem a coleção “Nós, os gaúchos”, publicada pela Editora da Universidade/UFRGS. De posse desse material, foi possível iniciar nas tiras cômicas a busca de aspectos identitários que acusassem ligação com os registros da literatura

de referência. Essa bibliografia foi sendo examinada até que permitisse o surgimento de seis blocos temáticos.

Cada bloco teve, no **capítulo V**, um levantamento quantitativo junto às tiras de cada personagem, os quais foram historicizados para fundamentar a ligação entre a literatura de referência e as tiras cômicas. Para que isso ocorresse, uma literatura suplementar teve de ser consultada, buscando reforçar a base cultural e étnica para as piadas de Blau e Radicci. É uma tentativa de demonstrar que os teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos dos nossos dias ainda podem encontrar nos personagens elementos culturais que remetem aos costumes e valores dos primeiros imigrantes.

Acredito que este trabalho possa representar uma boa provocação.

CAPÍTULO I

1.1 No Rastro do Humor Gaúcho

Embora a produção humorística do Rio grande do Sul seja aparentemente caudalosa e fluente no que diz respeito à sua própria gente e cultura, na área do desenho de humor (cartum, charge, caricatura, tira e história em quadrinhos)¹ as investigações acadêmicas praticamente não existem. Porto Alegre, a capital do estado, é referência mundial apontada como grande usina de cartunistas, como assegura Fonseca (1999), e residência de um bom número de profissionais premiados dentro e fora do Brasil. Nesse quadro, o que chama atenção é o fato de que três dos grupos étnicos (lusos, alemães e italianos) que integram o mosaico populacional gaúcho estão representados por personagens de desenhos de humor². Além de

¹ Cartum: anedota gráfica sobre costumes. Charge: anedota gráfica sobre fato ou notícia em evidência. Caricatura: retrato distorcido de pessoa ou circunstância acentuando ou diminuindo certas características. Tira: “gag-strip”, charge ou cartum que utiliza a linguagem de história em quadrinhos para uma seqüência curta. História em quadrinhos: narrativa média ou longa que associa texto e desenho seguindo um roteiro para cenas em seqüência (Rabaça e Barbosa: 1978).

² Dois outros personagens étnicos começaram a ser publicados em tiras de humor a partir de 17/04/2000, com o lançamento do jornal “Diário Gaúcho” (RBS), quando esta pesquisa já estava em

oferecer um campo de pesquisa realmente instigante, a situação oportuniza o preenchimento de uma lacuna que há anos pede por um tratamento aprofundado.

O humor, de modo geral, vem sendo estudado desde a antigüidade e a partir de diferentes pontos de observação, mas é estranho que a maioria dos historiadores evite o tema.³ A maior parte da pesquisa histórica sobre humor foi elaborada por historiadores literários e etnólogos que usualmente se concentram em problemas relacionados a gênero, tradição literária ou questões de tipo ou motivo. Apenas recentemente tais pesquisadores, considerando o humor como uma chave para compreender os códigos culturais e as percepções do passado, passaram a se concentrar no assunto (Bremmer, 2000:11). Seguindo a orientação dessa nova vertente investigativa, o humor surge como um dos elementos constituintes deste trabalho, cujo cenário cultural é o regional, isto é, a cultura gaúcha.

A identidade e a cultura regional do Rio Grande do Sul sempre foram aspectos significativos na afirmação do estado, e não apenas na conjuntura nacional, mas também nas discussões internas. Por isso não causa estranheza o fato de que políticos, intelectuais, produtores culturais e até mesmo grande parte da população esteja usualmente envolvida no assunto. Um dos frutos dessa realidade é a fecunda produção teórica sobre a identidade gaúcha a partir das mais diferentes áreas do conhecimento. Esta investigação, que busca particularmente demonstrar que o humor pode funcionar como elemento de resgate da identidade étnica dos teuto-gaúchos e

andamento. O tipo gaúcho tradicional é **Tapejara, o último guasca**, de Paulo Ricardo Louzada de Almeida; o afro-gaúcho é **Tinga**, de Alexandre Oliveira.

³ O dramaturgo Ivo Bender (1996: 10) também aponta o pouco interesse pelo humor, ou seja, pela comédia nos estudos acadêmicos, ao passo que a tragédia tem merecido maior atenção.

dos ítalo-gauchos, começou a desenvolver-se no rastro da rica produção já existente sobre a identidade a partir das mais diversas vertentes.

Entretanto, é nos campos da prosa de ficção e poesia que parece estar concentrado o maior volume de estudos (de literatura) sobre o tipo humano rio-grandense - estando o humor aí incluído, sem um tratamento especificado (Zilberman, 1992). O enfoque humorístico existe, como já demonstraram Lopes Neto e Ramiro Barcelos, passando por Luís Fernando Veríssimo⁴ e Apparicio Silva Rillo⁵. Igualmente o anedotário gauchesco publicado pela Editora Tchê! na década de 1980 serve de exemplo, pois é vasto, bem como a poesia humorística, cujo expoente mais conhecido é Antonio Augusto Fagundes⁶.

Os primeiros registros chamados cômicos ou humorísticos ligados à identidade do tipo humano rio-grandense, que neste texto vamos designar como “gaúcho”, dizem respeito aos descendentes dos mais antigos ocupantes europeus no estado, também conhecidos como luso-brasileiros, que a seguir se miscigenaram aos nativos e negros (Paixão Cortes, 1976)⁷, estes últimos trazidos à força da África para servir de mão-de-obra escrava. As partidas de demarcação de terras lusitanas, a

⁴ “**O analista de Bagé**”, lançado como livro de crônicas e, nos anos 1980, também publicado em página mensal de quadrinhos na revista “Playboy” brasileira, como desenhos do cartunista Edgar Vasques (criador de Rango).

⁵ “**Rapa de Tacho**”, quatro volumes de contos (causos) gauchescos, ilustrados por Bier, liderou as vendas na Feira do Livro de Porto Alegre na primeira edição, em 1982.

⁶ Ney Gastal (1987: 26) relata, que, entre 1959 e 1960, durante um congresso tradicionalista em Cachoeira do Sul (RS), o então jovem Antonio Augusto (Nico) Fagundes, no intuito de combater o tédio das palestras, começou a rabiscar os versos daquela que seria considerada uma das maiores obras da chamada poesia chula do Rio Grande do Sul, intitulada “Comendo Égua”, finalizada em parceria com Jayme Caetano Braun (Chimango), Apparicio Silva Rillo (Magro), Cláudio Oraindi Rodrigues (Tio Manduca), Telmo de Lima Freitas e Glaucus Saraiva.

⁷ O autor observa que, até o final do século XVIII, a mulher branca era desconhecida do gaúcho tradicional do Rio Grande do sul.

partir de 1750, é que determinaram novo impulso ocupacional por europeus no interior do território gaúcho⁸.

Aproximadamente três séculos se passaram, desde o início da ocupação do Rio Grande do Sul pelos europeus, para que o gaúcho fosse observado sob uma ótica de humor em registro gráfico. É através de João Simões Lopes Neto, com a publicação de “Causos do Romualdo”, em 1912, numa compilação de histórias orais contadas pelas estâncias do Rio Grande do Sul, que surgem os primeiros tratamentos humorísticos sobre a vida rio-grandense. Três anos mais tarde, em 1915, depois de uma dissidência no Partido Republicano Rio-grandense (PRR), Ramiro Barcelos rompe com o governador Antônio Augusto Borges de Medeiros e, assinando como Amaro Juvenal, escreve longa, irônica, agressiva e riquíssima poesia atacando seu desafeto com título dando nome e apelido: “Antônio Chimango” (Zilberman, 1992). Empregando extenso vernáculo regional e caricaturando Borges de maneira arrasadora na sua atuação no PRR e no governo do estado, Ramiro Barcelos, com essa obra escrita nos moldes de “Martin Fierro”, ganhou mais notoriedade do que com toda sua carreira política (Machado, 1973).

Se a literatura da época já se apresentava contundente ao lançar o riso sobre o gaúcho, o mesmo não se pode dizer da produção de desenhos de humor, como foi constatado na etapa do levantamento bibliográfico empreendido pela pesquisa. O quadro não muda em relação aos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, grupos étnicos

⁸ Embora o noroeste do Rio Grande do Sul tenha sido ocupado inicialmente por jesuítas espanhóis, a retomada daquela área por brancos europeus ainda esperou cerca de meio século depois da assinatura do Tratado de Madrid, em 1750. A partir do início do Século XIX, sesmeiros portugueses passaram a repovoar a região, mas sem que houvesse registro de produção de obras humorísticas nas Missões (ASSIS BRASIL, L. A.. in “Diversidade Étnica e Identidade Gaúcha”. Santa Cruz: Unisc, 1994: 156).

descendentes de imigrantes vindos da Europa para o Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX⁹. Os cartuns, charges, ilustrações e quadrinhos produzidos por esses dois segmentos étnicos, bem como a produção humorística de outras etnias a respeito deles, como revelou o levantamento, foram rastreados cobrindo de livros a jornais, de anuários a revistas, de cartazes a folhetos. Além disso, também foram levantadas monografias, dissertações e teses a respeito¹⁰.

A coleta de dados, com suas limitações, acusou uma escassez de investigação nas áreas de humor étnico e identidade no Rio Grande do Sul. A única pesquisa abordando humor impresso a respeito de descendentes de imigrantes alemães ou italianos no estado é a dissertação de Mestrado em História de Heike Kleber da Silva (UNISINOS, 1996), intitulada “Representações do humor no imaginário Teuto-brasileiro”. O trabalho analisa o discurso humorístico veiculado entre 1921 e 1940 num almanaque católico produzido para uma faixa de leitores do meio rural: “Der Familienfreund-Katholischer Hauskalender und Wegweiser für das Jahr...” (“O Amigo da Família – Almanaque Doméstico Católico e Guia para o Ano de...”). Provavelmente é o primeiro trabalho a sistematizar o assunto no Rio Grande do Sul. A pesquisa examina a publicação como instrumento “de construção de verdades e

⁹ Alemães a partir de 1824, italianos a partir de 1875.

¹⁰ No período compreendido entre 4 de fevereiro e 10 de março de 2000 foram realizados levantamentos nos acervos de bibliotecas nas cidades de Porto Alegre, São Leopoldo, Ijuí, Caxias do Sul e Santa Maria. Em Porto Alegre, as investigações tiveram lugar nas bibliotecas da UFRGS, da PUCRS, da EST (Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes) e do Museu de Comunicação Hipólito da Costa. Em São Leopoldo, os levantamentos foram realizados na Biblioteca Central da UNISINOS, no Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros e no acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas (ambos ligados à mesma Universidade), bem como na Biblioteca do Museu Municipal. A coleta de dados em Ijuí ocorreu na Biblioteca Central da Unijuí e no acervo de obras do Museu Antropológico Diretor Pestana. Também em Caxias do Sul a coleta se deu em dois lugares: a Biblioteca Central da UCS (Universidade de Caxias do Sul) e o arquivo do semanário “Correio Riograndense”. Já em Santa Maria, a busca passou pela Biblioteca Pública Municipal, pela Biblioteca Central da UFSM e pelos acervos bibliográficos da Associação Italiana e a representação consular da

identidades, de manipulação de um imaginário social por parte dos jesuítas da região colonial” (Silva, 1996: 7). Por intermédio de peças de humor escritas e desenhadas – na maior parte apropriadas de publicações alemãs e ainda não traduzidas para o português -, a Igreja Católica procurava, de maneira subliminar, criticar valores e comportamentos considerados típicos do meio urbano, construindo uma identidade idealizada para o meio rural e para si. As piadas presentes no almanaque também dissecavam problemas internos da própria sociedade colonial, mas nem sempre de forma direta. É um procedimento que se alinha de tal forma a outros discursos produzidos e divulgados pelos jesuítas de então, que estes, orientados pelo movimento da Restauração, procuravam controlar a vida dos indivíduos do seu rebanho. A pesquisadora identificou a construção de imagens do discurso humorístico do almanaque em três pontos: a mulher, os vícios e o não trabalho.

Tudo indica que Heike Kleber da Silva está correta quando afirma que o humor acompanhou grande parte dos jornais e almanaques que foram produzidos pelos teuto-brasileiros. E dá a conhecer que não foram poucas as publicações predominantemente humorísticas, demonstrando a existência de um grande público apreciador do gênero na zona de colonização alemã do Rio Grande do Sul¹¹.

O levantamento de dados nas cinco cidades gaúchas já referidas¹² apontou para uma produção razoável de trabalhos com enfoque humorístico que pode ser

Itália (que atende a Quarta Colônia Italiana do RS, sendo as outras Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi).

¹¹ Algumas das mais importantes: “Der Hinkende Teufel” (“O Diabo coxo”), Porto Alegre, 1855. “Moskito” (“Mosquito”), Pelotas, 1914. “Der Brumbär” (“O Resmungão”), Arroio do Meio, 1930-1938.

¹² Porto Alegre (a maior parte do acervo ainda pede por levantamento), por ser a capital do estado (RS) e local que concentra pontos de estudos e acervos pertinentes aos grupos estudados. São Leopoldo, por ser o berço da colonização alemã no Brasil. Caxias do Sul, por sediar o primeiro

classificada da seguinte forma: 1) anedota e conto; 2) dramaturgia; 3) cancionero e 4) desenho de humor.

Além disso, um aspecto em particular permeia estas diversas formas de humor abordadas: trata-se da imitação escrita do sotaque alemão ou italiano falando em português. A chacota dos luso-brasileiros com os sotaques se dirige mais aos teutos do que aos italianos. Há dois textos notáveis imitando a fala arrevesada do alemão, ambos em forma de cartas, uma para o editor da revista de variedades “Kodak” (Porto Alegre, 1913) e outra xingando Borges de Medeiros, no ano de 1924, então Presidente do Estado, pelo descaso oficial para com a colônia alemã (Porto Alegre, 1987)¹³.

Os artigos imitando italianos voltam a ganhar destaque nos textos atuais, escritos pelo cartunista Carlos Henrique Iotti, nas páginas da revista “Gibizón do Radicci”, editada por ele e sua equipe em Caxias do Sul. É o ítalo-gaúcho rindo de si próprio. Mas o teuto-gaúcho também demonstra que sabe rir de si mesmo. Isso fica evidente no convite e programa de um baile de “kerb” realizado em Nova Petrópolis no ano de 1936. O texto está escrito em alemão dialetal, da região do Hunsrück, e depois “traduzido” para o português com sotaque (Müller, 1984).

A língua dominante praticada pelos descendentes de italianos no Rio Grande do Sul é o talian, uma variação regional do dialeto vênето trazido pelos imigrantes. Nesse dialeto é que foi escrito “Nanetto Pipetta”, obra do frade Aquiles Bernardi,

assentamento de colonos italianos no Brasil. Ijuí, por representar uma área de “colônia nova”, ocupada por colonos provenientes das colônias velhas na virada do século XIX para o século XX. Santa Maria, por ser um centro universitário importante, pelo acervo referente aos imigrantes italianos da Quarta

publicada em forma de folhetim no então “Stafetta Riograndense”, de Caxias do Sul (entre 23/11/1924 e 18/02/1925), depois editada em forma de livro. Trata-se de uma obra fundamental para entender a colônia italiana. Marca o cinqüentenário da imigração e aborda com bom humor, entre outras coisas, as trapalhadas dos imigrantes e seus descendentes no uso da língua portuguesa. O estrondoso sucesso da publicação causou espanto, pois a comunicação dialetal desfrutava de pouco status entre os mais letrados. Mas a narrativa dirigia-se ao meio rural, onde o *talian* era a fala corrente, e pregava a moral católica e cristã – além de combater o discurso anarquista que se alastrava pela colônia, conforme ressalta o professor Arthur Rambo, coordenador do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros, da UNISINOS¹⁴. Para celebrar os seus 90 anos de circulação, a partir de fevereiro de 1999, o “Correio (antigo “Stafetta”) Riograndense” decidiu prosseguir publicando a saga do grande herói da colônia sob o novo título “El Ritorno de Nanetto Pipetta”.¹⁵

1.1.1 Anedotas e Contos

O maior volume de material de humor publicado sobre as duas etnias, desde o início da produção impressa nas colônias do século XIX até nossos dias, está na forma de anedotas e contos. Nesta área, os ítalo-gaúchos parecem estar mais próximos de si mesmos no “novo mundo”. Enquanto a produção dos alemães se dá

Colônia e por sua geografia estratégica como corredor comercial desde meados do século XVIII, razão pela qual um grande número de alemães e italianos lá se estabeleceu.

¹³ “Kodak” n. 30 (10/05/1913) e “O Interior” n. 649 (04 a 10/07/1989), respectivamente.

¹⁴ Informação passada ao pesquisador durante entrevista em novembro de 1999.

¹⁵ Os textos da nova fase eram criados pelo ator Pedro Parenti, que também encarnava o personagem no palco, contando com as ilustrações de Iotti. Ambos são naturais de Caxias do Sul. Pedro Parenti faleceu em 2000.

pelo reaproveitamento ou cópia de textos importados, os italianos já conseguem criar humor na terra que os recebeu. As entrevistas e levantamentos realizadas em outras localidades apontam todas para o acervo produzido ou reunido em Porto Alegre, principalmente na EST¹⁶, sob a responsabilidade dos pesquisadores e professores Rovílio Costa, Arlindo Battistel e Luís De Boni.¹⁷

Duas obras de Telmo Lauro Müller (1981 e 1984) reservam capítulos para o humor da zona de colonização alemã, com transcrição de anedotas recolhidas da tradição oral. Muitas delas misturam o alemão dialetal e o português. São tematizadas situações reais ou fictícias envolvendo as agruras de colonos na cidade. Em sua quase totalidade, os personagens são pessoas que saíam do meio rural para circular em São Leopoldo. Mas também surgem situações com padres, pastores, médicos, vendeiros e os próprios moradores do meio urbano.

Como grandes expoentes desse gênero figuram os anuários e almanaques, publicações majoritariamente editadas por ordens religiosas católicas e gráficas protestantes em funcionamento nas zonas de colonização. Por outro lado havia, também, as edições leigas ou seculares. Dentre todas, ganha destaque por ser assumidamente humorística a publicação “Der Brumbärr” (“O Resmungão”),

¹⁶ Acervos sob responsabilidade dos professores e pesquisadores Rovílio Costa, Arlindo Battistel e Luís de Boni. Estes dois últimos também assinam uma coluna de amenidades, curiosidades e humor intitulada “Vita, Stotia e Frótole” no “Correio Riograndense” desde 12 de agosto de 1981. Algumas obras mais conhecidas: “Assim vivem os italianos – vol. 2”, de Arlindo Battistel (EST/Educs, Caxias do Sul, 1990), “Polenta e Liberdade” (coletânea de causos), “Intanto Ridemo”, de Élyo Caetano Grison (Espiritualidade Franciscana, Porto Alegre, 1986), “Le storie dei filó”, de Cecília Ignazzi (Livraria do Maneco, Caxias do Sul, 1991), “Frótole del Baracon”, de Rosemar de Fátima Vestena Piovesan (UFSM, Santa Maria, 1995), “Un filó da distante”, de vários autores (EST, Porto Alegre, 1998), “Girando la Storia”, de Sérgio Angelo Grando (EST, Porto Alegre, 1995), “Se godivimo co gnente”, de Cecília Ignazzi (Livraria do Maneco, Caxias do Sul, 1992).

¹⁷ Costa e Battistel também assinam uma coluna de amenidades, curiosidades e humor, intitulada “Vita, stória e frótole” no “Correio Riograndense”, de Caxias do Sul, desde 12 de agosto de 1981.

dirigida por Alfons Brod na década de 1930, em Arroio do Meio. Seus textos e desenhos foram produzidos na sede do município e arredores, inclusive utilizando uma linguagem que já começava a incorporar expressões em português. O mesmo processo de mistura de idiomas ocorreu entre os italianos¹⁸.

1.1.2. Dramaturgia

No que diz respeito ao teatro humorístico, a publicação encontrada é da autoria de Rosemar Piovesan (1985), editada pela UFSM, contendo quatro comédias escritas em vêneto. A esse trabalho teatral soma-se a dramaturgia adaptada das obras “Nanetto Pipetta”, apresentadas por um grupo de atores de Caxias do Sul. As apresentações também são muito apreciadas entre os gaúchos de origem alemã, especialmente nas festividades religiosas, mas não foi encontrado qualquer registro do tipo na área coberta por este levantamento.

1.1.3. Cancioneiro

As informações colhidas também levam a crer que é maior o volume de canções populares humorísticas entre os ítalo-gaúchos do que entre os teuto-gaúchos. O problema que se apresenta nessa área é distinguir o que foi trazido pelos

¹⁸ Este fenômeno pode ser observado numa manifestação típica da colônia italiana do rio Grande do sul, que é o “Festival da Mentira”, de Nova Bréscia, realizado desde 1982, de dois em dois anos, geralmente em abril, mês do aniversário de emancipação da localidade.

imigrantes e o que foi criado pelos seus descendentes no Rio Grande do Sul¹⁹. Todavia, o cancionero vêneto não deixa de ser um indicativo diferenciador, mas nem de longe definitivo. No caso dos teuto-gaúchos, volta à cena um aspecto interessante já abordado anteriormente, que é o da brincadeira com a fala atrapalhada, isto é, do português falado com sotaque, erros gramaticais e mistura de idiomas, como bem exemplifica a canção “Frühstück”, incluída pelo Pe. Ivo Inácio Bersch (1984) numa coletânea de canções populares da colônia alemã.

1.1.4. Desenho de Humor

Sobre o exame do material coletado e classificado na página 7, a maior parte do acervo se encontra em publicações produzidas pelos teuto-gaúchos²⁰. Os trabalhos aparecem em alemão (exceto os publicados durante a Segunda Guerra), abordando temáticas universais e predominantemente urbanas. O que não se deve estranhar, porque foram extraídos e reproduzidos a partir de impressos editados na Alemanha. Quanto a referências sobre ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos, ou registros de que tais grupos tenham produzido desenhos de humor dentro das próprias colônias, quase nada foi encontrado, exceto uma ou duas ilustrações do início do século XX.

Após a Segunda Guerra, o humor voltou a ser veiculado nas colônias, em primeiro lugar nas ondas do rádio, e um exemplo disso são os programas “Hora Alemã”, que ainda podem ser ouvidos em várias localidades do interior do estado

¹⁹ Essa dificuldade também foi verificada na poesia humorística. Arlindo Battistel (EST) ressalta, em entrevista concedida ao autor em março de 2000, que o caso ainda está por ser estudado.

²⁰ “Skt. Paulus-Blatt”, religioso católico (Nova Petrópolis, 1912-1938), “Der Familiendfreund-Katholischer Hauskalender und Wegweiser für das Jahr...”, religioso católico (Porto Alegre, 1913-1953), “Serra-Post Kalender”, secular (Ijuí, 1922-1975), “Der Brumbärr”, secular (Arroio do Meio, 1930-1938).

(Rockembach, 1996: 126). Quanto ao desenho de humor, somente a partir dos anos 1980 começam a ser lidas, entre os gaúchos, as tiras de humor com personagens étnicos de origem alemã e italiana²¹. Suas produções continuam sendo publicadas atualmente em jornais do Rio Grande do Sul.²²

1.2. BLAU E RADICCI: Foragidos da ficção para o mundo real

Após esta rápida abordagem do cenário de produção humorística tendo por tema os teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, cabe delinear o objeto de estudo desta investigação: as tiras de humor dos personagens Blau e Radicci. Ambas foram publicadas simultaneamente, na mesma página, sempre uma acima da outra, com a mesma área, no jornal semanário “O Interior”²³, entre 07/03/1987 e 07/09/1989. Foram 130 edições no período de dois anos e meio, com a publicação de 123 tiras (incluindo oito repetições) de Blau e 121 tiras (incluindo 20 repetições) de Radicci. O corpus inicial deste estudo foi composto por 113 tiras de Blau e 103 tiras de

²¹ “Alemão Blau”, de Augusto Franke Bier (em Porto Alegre, 1986), e “Radicci”, de Carlos Henrique Iotti (em Caxias do Sul, 1983).

²² Principais publicações do **Alemão Blau**, de Bier: “O Interior” (Fecotrigo, P. Alegre, 1987-1990), “Alles Blau” (Sulina, P. Alegre, 1989), “Folha de Hoje” (Caxias do Sul, 1989-1990), “NH” (Novo Hamburgo, 1989-1990), “Informativo do Vale” (Lajeado, 1991), “Jornal das Missões” (Santo Ângelo, 1991-2001), “Jornal da Manhã” (Ijuí, 1992-1993), “Garganta do Diabo” (Santa Maria, 1993-2000), “Gibizon do Radicci” (Caxias do Sul, 1997), “Nós, os teuto-gaúchos” (UFRGS, P. Alegre, 1996), “Hora H” (Ijuí, 1999-2001), “Jornal do Vale” (Lajeado, 2000-2001), “Lutar é Preciso” (Sindjus, P. Alegre, 1996-2001), “Kerb do Blau” (JM, Santo Ângelo, 2001). Principais publicações do **Radicci**, de Iotti: “O Pioneiro” (Caxias do Sul, 1983-2001), “O Interior” (Fecotrigo, P. Alegre, 1983-1990), “Ted Fagundes” (Tchê!, P. Alegre, 1986), “Radicci e outras histórias” (Tchê!, P. Alegre, 1987), “Demo Via” (Rugeri/MEC-RUL, Caxias do Sul, 1988), “Diário do Sul” (P. Alegre, 1987-1988), “Zero Hora” (P. Alegre, 1990 e 1995-2001), “Folha de Hoje” (Caxias do Sul 1989-1990), “Correio do Povo” (P. Alegre 1993-1994), “Gibizon do Radicci” (Caxias do Sul, 19 edições desde 1993), “Nós, os ítalo-gaúchos” (UFRGS, P. Alegre, 1996). Também publica fora do RS, em SC e PR.

Radicci, num total de 216 desenhos. Após a triagem que permitiu a investigação aqui apresentada, o número caiu para um total de 181 tiras.

Voltado para os produtores rurais, o veículo contava, ainda, com um cartum semanal de outro tipo caricatural gaúcho, representando a etnia lusa: o Macanudo Taurino Fagunde, criação do humorista Neltair Rebés Abreu (Santiago)²⁴. As três etnias representadas nos desenhos de humor do jornal estavam ambientadas na vida do campo ou da lavoura. O que, de certa forma, trata de remetê-las de volta à primeira atividade desenvolvida pelos imigrantes quando aqui chegaram, que é ligada ao meio rural. Tal enfoque poderia possibilitar um estudo comparativo entre os costumes trazidos pelos imigrantes alemães e italianos do século XIX e as práticas ainda remanescentes daqueles hábitos nos dias de hoje representadas nas tiras de humor. Mas é apenas uma hipótese que surge, e que não será tratada neste estudo.

Blau e Radicci surgiram na década de 1980, período em que o Rio Grande do Sul experimentava uma espécie de “boom” nativista, com o resgate cultural das tradições campeiras do estado e de reflexo direto sobre a mídia e o mercado (Jacks, 1998; Oliven, 1992). Era como se todo gaúcho tivesse o mesmo passado da vida campeira das estâncias e descendesse de portugueses, enquadrado nos moldes cultuados e mitificados pelo MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho). Os dois

²³ Jornal da FECOTRIGO (Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do RS), com redação em Porto Alegre. O veículo, ainda em circulação, tem periodicidade mensal e não publica mais desenhos de humor.

²⁴ O personagem de Santiago não está contemplado neste trabalho por três razões; 1) esta investigação trata do humor sobre os colonos alemães e italianos e seus descendentes; 2) as tiras de humor aqui abordadas foram publicadas juntas, constituindo um espaço único, usualmente na página 18 do jornal “O Interior”; 3) o personagem de Santiago - Taurino - já integra investigação através da dissertação de Mestrado (UFRGS) do cartunista e artista plástico Mario Lúcio Bonotto Rodrigues (Máucio), em abordagem sobre o discurso do humor no tradicionalismo.

personagens aparecem demonstrando que havia uma diversidade étnica e cultural no cenário, que os “outros” também estavam integrados, embora preservando características próprias. Aqui poderia ser levantada outra hipótese: a de que o surgimento de alguns desenhos de humor com personagens étnicos de origem alemã e italiana, paralelamente à retomada do culto às raízes nativas tradicionais, surgiu como uma espécie de resposta ao reducionismo unificador levado a cabo com grande ajuda da indústria cultural do Rio Grande do Sul e do MTG. Também esta hipótese não será trabalhada aqui, embora permaneça como desafio para investigações posteriores.

O fenômeno teria se estendido, também, aos de origem alemã e italiana do RS, onde se configurava uma revalorização do que até há pouco tempo ainda era considerado rústico ou grosseiro. Se o “índio grosso” da campanha passava a ser visto com um olhar redimensionado e a ponto de influenciar as populações urbanas, que em boa parte passaram a adotar representações e símbolos do movimento, como a bombacha, as botas, o chimarrão, a culinária campeira e a música dos festivais nativistas, talvez não houvesse mais razões, também, para que os teuto-gaúchos e italo-gaúchos se envergonhassem de ser “colonos”. Tânia Tonet (1996: 63) atribui essa vergonha²⁵ aos estragos causados à identidade cultural nas regiões de imigração do RS, através da proibição da fala de dialetos durante o Estado Novo e a Segunda Guerra (entre 1937 e 1945).

²⁵ Trata-se de uma vergonha das raízes e da história vivida, ao passo que a “identidade cultural é um caminho de autoconhecimento e de busca de maturidade, com profundos reflexos na consciência política e social” (Tonet, 1996: 63). Diz ela que, “quando se sabe quem é, consegue-se avaliar com clareza os erros e acertos, percebendo valores e potencialidades”. Ou seja: a auto-estima nos torna mais tolerantes com os grupos que nos cercam.

Neste sentido também é ilustrativo trazer um comentário de José Clemente Pozenato (1996: 115) sobre a boa aceitação do seu livro “O Quatrilho” na zona de colonização italiana do RS: “... é que a região da imigração italiana está madura para olhar-se com certo distanciamento. E para rir um pouco de si mesma, condescendente” (1996: 115). O que poderia explicar a grande aceitação do personagem de Iotti, o Radicci, não só entre os leitores de Caxias do Sul, local do seu surgimento, mas também dentro de praticamente todo o Rio Grande do Sul e até fora dele.

RADICCI é um personagem²⁶ do cartunista Carlos Henrique Iotti, de origem italiana, publicado primeiramente em Caxias do Sul, a partir de 1983, no jornal “O Pioneiro”. É a caricatura do ítalo-gaúcho. Vive numa propriedade rural dos nossos dias e contracena diretamente com sua mulher, Genoveva. Também atua com o filho Guilhermino, que passa da adolescência para a juventude indo para Porto Alegre como estudante da faculdade de Jornalismo, mas volta para casa sempre que tem folga. Nono, o sogro de Radicci, também aparece significativamente. O cenário se completa com o armazém, a capela católica e a cidade grande, eventualmente visitada.

Só existe uma razão para fazer Radicci trocar a vidinha descansada pelo trabalho, valor tão caro à moral da colônia italiana do RS: a privação do vinho. Quem controla essa privação? Ninguém mais e nem menos do que Genoveva, sua mulher, com quem o gringo vive às turras. É um beberrão sempre elaborando justificativas

²⁶ Personagens permanentes de desenho de humor, como os criados por Iotti e Bier, também são designados como “bonecos”. O termo ainda aponta a representação da figura humana realizada por

desconcertantes para tomar o próximo trago. Mas ele não foge dos padrões típicos do colono “casca-dura”, sempre administrando a pequena propriedade de forma a não ficar no prejuízo. Tanto, que até sustenta os estudos do filho Guilhermino em Porto Alegre, onde cursa “giornalismo”. Radicci, com a italianidade forjada na colônia rio-grandense, é expansivo e desbocado.

BLAU é personagem de humor criado pelo cartunista Augusto Franke Bier, de origem alemã, publicado a partir de 1986, junto com Radicci, no jornal “O Interior”, dirigido para o público rural ligado ao cooperativismo gaúcho de setor primário. Blau é um teuto-gaúcho da atualidade que também está ambientado numa propriedade rural. Contracena diretamente com sua mulher, Frida, personagens ocasionais, seu filho Pubi, ainda menino, e com um gaúcho separatista chamado Rêgo, sinalizando a integração cultural com o povo do Rio Grande do Sul. Mas o seu universo abre espaço, ainda, para tipos como o pastor, a sogra, os vizinhos e as autoridades.

O que Blau tem claramente em comum com Radicci é o gosto pela bebida, só que, no caso do “alemão batata”, ao invés de vinho (que também não dispensa), ele prefere a cerveja. Nada mais do que a fidelidade às origens sendo exercitada no novo mundo. Também é por isso que arruma problemas em casa, onde precisa enfrentar os desaforos de Frida, sua mulher. Normalmente é mais dócil do que sua consorte, mas está longe de se conformar com a situação política do país que seus antepassados

um desenhista de humor ou de histórias em quadrinhos, sendo que “o boneco é quase sempre a característica básica do estilo do caricaturista” (Rabaça, 1978: 448).

escolheram para apontar. Como todo alemão que tenta ser engraçado, às vezes suas piadas fazem chorar. Neste caso, mais pela revelação do que pela narrativa.

Radicci e Blau não foram criados exclusivamente para publicação no jornal “O Interior”. Surgido na imprensa de Caxias do Sul em 1983, nas páginas de “O Pioneiro” (hoje do Grupo RBS), só em 1987 Iotti passaria a publicar no veículo aqui abordado. Blau começou a ter suas tiras produzidas a partir de 1986, por sugestão de Iotti²⁷, que procurava um parceiro para rir com seu personagem das situações oferecidas pela “Gringolândia” e pela “alemoada” estabelecida na colônia gaúcha. No ano seguinte, portanto, estavam juntos nas páginas do semanário da Fecotriga.

Os dois personagens de humor aqui abordados surgiram na década de 1980, durante um período de revalorização da cultura nativa do Rio Grande do Sul, cujo referencial primeiro se situava na vida campeira do gaúcho primitivo, tipo humano forjado na miscigenação entre lusos, castelhanos, nativos e africanos, afeito às lutas de fronteira e à criação extensiva de gado. Blau e Radicci, os personagens das tiras em questão, representam etnias que chegaram ao estado como imigrantes, colonos, a partir do século XIX, quando os gaúchos primitivos aqui já estavam instalados e seus descendentes passavam a se organizar política e economicamente como estancieiros, configurando uma relação de trabalho escravocrata e de exploração do latifúndio.

Os colonos – e seus descendentes – (representados por Blau e Radicci) confrontaram a estrutura estabelecida com um sistema econômico de pequena propriedade, refugando a escravatura e valorizando a mão-de-obra familiar e

²⁷ Informação registrada no livro “Alles Blau – as aventuras do Alemão Batata na Terra do Cambalacho”, de Bier, editado pela Sulina em 1989, com as tiras publicadas em “O Interior”.

assalariada, promovendo o que poderia ser chamado de primeira reforma agrária do Brasil. No entanto, e talvez por causa do importante caminho aberto pelo MTG, a partir de 1948, valorizando apenas os referenciais do gaúcho primitivo, as etnias colonizadoras não foram contempladas pelo ideário do “boom” nativista.

Isto posto, pergunta-se de que forma as publicações de Blau e Radicci reúnem condições para resgatar a composição étnica do tipo humano rio-grandense para além do que havia sido idealizado pelo Movimento Nativista. A busca de uma resposta para tal indagação poderia se dar percorrendo dois passos. O primeiro seria examinar os personagens étnicos nas tiras publicadas no jornal “O Interior”, no período já mencionado anteriormente, que surgiram na esteira do Movimento Nativista do RS, com o propósito de resgatar elementos que compõem a representação da identidade dos ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos. O segundo passo procuraria demonstrar que o desenho de humor é um sistema de representação que pode funcionar como elemento de resgate da identidade étnica.

CAPÍTULO II

A ESPÉCIE HUMANA DIANTE DO ESPELHO

2.1. Identidade Cultural

O conceito de identidade cultural nas ciências sociais é caracterizado pela sua polissemia e fluidez. Embora surgido recentemente, é um conceito que já mereceu diversas definições e interpretações. Foi nos Estados Unidos, na década de 1950, que o conceito de identidade cultural se definiu, quando pesquisadores em psicologia tentavam encontrar uma ferramenta adequada para estudar os problemas de integração de grupos imigrantes. Concebida inicialmente como imutável e condicionante do comportamento dos indivíduos, a antiga idéia de identidade foi logo ultrapassada por concepções mais ágeis e flexíveis (Cuche, 1999: p. 176).

Stuart Hall (1999, p. 10), docente da *Open University*, na Inglaterra, por exemplo, apresenta três concepções de identidade: 1) do sujeito do Iluminismo, 2) do sujeito sociológico e 3) do sujeito pós-moderno.

A primeira vê o ser humano como um indivíduo totalmente centrado, uno, controlador da consciência, da ação e da razão. O centro da pessoa é sua identidade. A concepção do sujeito e sua identidade é individualista – e masculina, bem ao modo iluminista.

Refletindo a crescente complexidade do mundo moderno, a noção de sujeito sociológico deslocou-se da individualidade e auto-suficiência para um relacionamento com o “outro”, que mediava para o sujeito os valores, sentidos, a cultura enfim, dos mundos que ele habitava. Ou seja, a identidade passa a ser formada a partir da interação entre o “eu” e a sociedade. O sujeito mantém o seu núcleo real, mas é modificado num permanente diálogo com os mundos culturais e as demais e diferentes identidades confrontadas. Assim, a identidade, no dizer do autor, “costura o sujeito à estrutura”, estabilizando os sujeitos e os mundos culturais que eles freqüentam.

Entretanto, os argumentos são de que esses conceitos estão mudando. O sujeito, antes uno e estável, está tendo sua identidade fragmentada. Algumas delas – agora já são várias identidades – até contraditórias. Mudanças estruturais e institucionais contribuem para esse colapso, e o processo de identificação tornou-se mais provisório e problemático. É exatamente este processo que cria o sujeito pós-moderno, desprovido de identidade fixa, essencial, permanente. A identidade assume uma espécie de nomadismo, continuamente em movimento, dependendo das formas culturais que nos interpelam (Hall, 1999). O autor observa que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam,

somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (Hall, 1999: 13).

O impacto que a globalização está tendo sobre as identidades nacionais tem, entre suas principais marcas, a compressão espaço-tempo, ou seja, a aceleração dos processos globais. As distâncias se encurtaram. Acontecimentos de um determinado lugar já podem ter impacto imediato sobre pessoas e lugares remotíssimos. Hall (1999) considera importante seu argumento de que a globalização sobre o tempo e o espaço também oferecem coordenadas fundamentais para os sistemas de “representação”. Ao seu ver, “todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicações – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais ou temporais” (1999: 70). Dessa forma, a narrativa traduz os acontecimentos numa seqüência temporal estruturada em começo, meio e fim. Os sistemas visuais, por sua vez, traduzem objetos tridimensionais em duas dimensões. Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar as coordenadas espaço-tempo.

O efeito geral desses processos globais tem enfraquecido ou minado as formas nacionais de identidade cultural, segundo argumentam alguns teóricos. Apontam evidências de um afrouxamento das fortes identificações com a cultura nacional - mas também a formação de outras lealdades culturais acima e abaixo do nível de estado-nação.

Hoje em dia, as grandes interrogações sobre identidade não raras vezes conduzem à questão da cultura. As crises culturais chegam a ser vistas como crises

de identidade. O desenvolvimento dessa problemática está sendo inserido “no contexto do enfraquecimento do modelo do estado-nação, da extensão da integração política supranacional e, de certa forma, da globalização da economia”, afirma Denys Cuche (1999: 175). Para este autor, que é professor e pesquisador do laboratório de etnologia da Universidade de Paris V e especialista na questão das relações interétnicas e migrações internacionais, a questão da identidade está configurada numa espécie de “moda”, cujas origens remontam ao fenômeno da exaltação das diferenças surgido nos anos 1970. O que levou muitas e diversas tendências ideológicas a fazer a “apologia da sociedade multicultural” e, por outro lado, a exaltação da idéia do “cada um por si para manter sua identidade”.

As noções de cultura e de identidade não podem ser confundidas, embora tenham ligação. Cuche (1999: 176) alerta que a cultura pode existir sem consciência de identidade, mas as estratégias de identidade – mesmo que manipulem ou até modifiquem uma cultura – quase nada terão em comum com o que ela era antes. A cultura depende quase totalmente de processos inconscientes, ao passo que a identidade remete a uma norma de vinculação – necessariamente consciente! – baseada em oposições simbólicas.

2.2. CONCEPÇÃO OBJETIVISTA E CONCEPÇÃO SUBJETIVISTA: um Olhar Através das Representações

É estreita a relação entre as concepções de cultura e de identidade cultural. Para aqueles que ligam a cultura a uma espécie de “segunda natureza” – recebida como herança e da qual não temos como escapar -, entendem-na como um dado que definiria definitivamente o indivíduo e que o marcaria de maneira quase indelével. Por este caminho, a identidade cultural remeteria necessariamente ao grupo original de vinculação do indivíduo. As raízes, ou origens, dariam o fundamento para toda identidade cultural – que definiria o indivíduo de forma autêntica. Tal representação quase genética de identidade, que serve de base para ideologias do enraizamento, conduz à naturalização da vinculação cultural. Nesta perspectiva, a identidade já existiria antes do indivíduo, que não teria outra alternativa a não ser aderir a ela, sob o risco de ser marginalizado. Desta maneira, a identidade funciona como uma essência impedida de evoluir e sobre a qual o indivíduo ou o grupo não conseguem exercer qualquer influência.

Cuche (1999: 178) adverte que uma visão mais radical da origem aplicada à identidade cultural pode conduzir a uma racialização de indivíduos e grupos, pois algumas teses defendem que a identidade está praticamente inscrita no patrimônio genético (Berghe, apud Cuche, 1999). Devido à sua hereditariedade biológica, o indivíduo já nasce com os elementos constitutivos da identidade étnica e cultural, incluindo os caracteres fenotípicos e as qualidades psicológicas que dependem da

“mentalidade”, do “gênio” próprio do povo ao qual ele pertence. O sentimento de “fazer parte” é inato, e a identidade tida como condição inseparável do indivíduo, definido de maneira estável e definitiva.

Já numa abordagem culturalista, a ênfase abandona a herança biológica, que deixa de ser considerada determinante. O foco, agora, se concentra na herança cultural, ligada à socialização do indivíduo inserido no seu grupo cultural. O resultado é quase o mesmo, já que, por esta abordagem, o indivíduo é levado a interiorizar os modelos culturais que lhe são impostos até que se identifique como seu grupo de origem. Também neste caso a identidade é definida como preexistente ao indivíduo. Toda identidade cultural é vista como inseparável de uma cultura particular. Os pesquisadores poderão enumerar os atributos culturais que deveriam servir de base para a identidade coletiva. Tentarão determinar as invariantes culturais que permitem definir a essência do grupo – a sua identidade essencial – praticamente invariável.

Outras teorias de identidade cultural, que Cuche aponta como “primordialistas”, levam em conta que a identidade etno-cultural é primordial, porque a vinculação ao grupo étnico é a primeira e a mais fundamental de todos os vínculos sociais²⁸. Acredita que ali se estabelecem os vínculos mais determinantes, porque consideram vínculos baseados em uma genealogia comum (Geertz, apud Cuche, 1999). Defende que é no grupo étnico que se partilham as emoções e a

²⁸ Não se pode omitir uma advertência feita por Richard Jenkins em “Rethinking Ethnicity – arguments and explorations” (London: SAGE Publications, s/d), de que a ideologia do primordialismo naturaliza grupos étnicos e justifica sentimentos étnicos – e isso a tal ponto, que pode ameaçar a cidadania ou até a vida das pessoas. O que nos remete ao debate cada vez mais acalorado sobre a pós-modernidade e a natureza do nacionalismo, cujo pano de fundo poderia muito bem ser, por exemplo, o conflito latente dos Balcãs.

solidariedade mais arraigadas e estruturadas, como se pode observar através de alguns textos publicados em “Nós, os ítalo-gaúchos”, com destaque para a contribuição de Rovílio Costa (1996: 178), intitulada “Filó – uma experiência de paraíso”. Nela, o autor define o hábito de famílias da região colonial italiana do Rio Grande do Sul se visitarem mutuamente como uma rede de transmissão de valores culturais. Assim definida, a identidade cultural é tida como uma propriedade essencial do grupo, uma vez que é transmitida por ele e no seu interior, sem referências a outros grupos. A identificação é automática, tudo está definido desde o começo.

“O que une essas duas teorias é a mesma concepção *objetivista* da identidade cultural”, afirma Cucho (1999: 180). Trata da definição e da descrição da identidade a partir de um certo número de critérios determinantes, tidos como objetivos, tais como a origem comum (hereditariedade, genealogia), idioma, cultura, religião, psicologia coletiva (a “personalidade básica”), vínculo a um território... Na opinião dos objetivistas, um grupo sem língua própria, sem cultura própria, sem território próprio e sem fenótipo próprio não tem como constituir um grupo etno-cultural. Isto é, não pode reclamar uma identidade cultural autêntica.

As definições recém apresentadas têm sido muito criticadas por aqueles que defendem uma concepção *subjetivista* da identidade. Nesta perspectiva, a identidade cultural não pode ser reduzida à sua dimensão atributiva – não se trata de uma identidade recebida definitivamente. Considerado assim, não passaria de um fenômeno estático situado numa coletividade definida e invariável, praticamente imutável. Na opinião dos subjetivistas, a identidade etno-cultural não passa de um

sentimento de vinculação a uma coletividade imaginária. Para eles, o que importa são as representações que os indivíduos fazem de suas realidades sociais e das suas divisões.

Por outro lado, a visão subjetivista levada ao extremo conduz à redução da identidade a uma questão de escolha individual arbitrária: cada um seria livre para escolher suas próprias identificações. Assim, esta identidade particular poderia ser observada como uma elaboração fantasiosa, surgida da imaginação de alguns ideólogos que manipulam populações crédulas em busca de objetivos nem sempre transparentes. Todavia, a abordagem subjetivista tem um mérito, que é o de levar em conta o caráter variável da identidade. Esse caráter é que permite situar as formas ou as características identitárias dos grupos étnicos em questão nas representações de humor gráfico num determinado momento da história, ou seja, na década de 1980, época em que os personagens de tiras Blau e Radicci começaram a ser publicados. Embora a visão subjetivista tenda a enfatizar excessivamente o lado efêmero da identidade, não se deve omitir que identidades também podem ser relativamente estáveis.

2.3. CONCEPÇÃO RELACIONAL E CONCEPÇÃO SITUACIONAL: a identidade em jogo nas lutas sociais

Uma abordagem puramente objetiva ou subjetiva sobre a identidade seria o mesmo que criar um impasse, além de desconsiderar o contexto relacional. Justamente este contexto poderia explicar, por exemplo, porque em determinado momento a identidade é afirmada e em outro é reprimida. Se a identidade é uma construção social e não um dado apenas, se ela é da esfera das representações, isso não quer dizer que ela seja uma ilusão dependente da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade não é uma ilusão, já que demonstra uma eficácia social, isto é, produz efeitos sociais reais.

Uma obra pioneira de Barth (1997: 188) coloca que a identidade é uma construção elaborada numa relação que opõe um grupo aos outros grupos com que está em contato. Esta concepção relacional dá margem para ultrapassar as alternativas do objetivismo e do subjetivismo. Barth acredita que se deve entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. A identidade é uma forma de categorização empregada pelos grupos para organizar suas *trocas*. Além disso, para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos – mas sim localizar aqueles que são usados para afirmar e manter uma distinção cultural. Na relação de trocas com outras culturas, como a dos imigrantes ítalos e teutos com os luso-brasileiros do RS, as diferenças são apresentadas no cenário de uso comum (ou de contato, ou de partilha...) para indicar não apenas o pertencimento, mas também o código pelo qual cada grupo quer ser nominado e respeitado. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada. Tal identidade resulta unicamente das *interações*

entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações.

Barth reforça a consideração de que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. O que marca uma mudança radical de problemática, colocando o estudo da relação no centro da análise, e não mais a pesquisa de uma certa essência que definiria a identidade. Nesta ótica, não há identidade em si ou para si própria. A identidade sempre existe em relação a uma outra. Identidade e alteridade estão ligadas e mantêm uma relação dialética: a identificação acompanha a diferenciação. Mais ainda: a identidade passa a ser uma concessão, uma negociação entre o si mesmo (auto-identidade) e os outros (hetero-identidade), segundo o olhar de Simon (apud Cucho, 1999). Essa hetero-identidade pode levar a identificações constrangedoras, como ocorreu aos sírio-libaneses cristãos em fuga do Império otomano para a América Latina no final do século XIX, que, por terem chegado com passaportes da Turquia, passaram a ser chamados de turcos, sendo que o menos desejado por eles era ser justamente ser identificados com seus inimigos. Os judeus orientais que imigraram para a América Latina na mesma época também passaram por isso, e com imensa contrariedade.

Já a auto-identidade terá maior ou menor legitimidade do que a hetero-identidade, dependendo da situação relacional, isto é, da relação de força entre os grupos em contato, e que pode ser uma relação de forças simbólicas. O fenômeno de os gaúchos serem reconhecidos no império e vistos por si próprios como os cavaleiros da vastidão pampeana, guerreiros bravos e tropeiros habilidosos, com toda a sua gama de valores e costumes, desde o século XVIII preparou o terreno da

simbologia gaúcha para a sementeira do mito que seria forjado pelo MTG em 1948. Seria inevitável o choque identitário com a entrada os imigrantes alemães e italianos nesse território.

Num caso de dominação, a hetero-identidade pode estigmatizar os grupos minoritários, levando ao que Cuche (1999: 184) chama de “identidade negativa”. Uma vez definidos como diferentes, os minoritários reconhecem para si a diferença pejorativa. Desenvolvem-se entre eles fenômenos de desprezo por si mesmos. Freqüente entre os dominados, tal comportamento está ligado à aceitação e à interiorização de uma imagem de si mesmos – construída pelos outros. Aparece uma identidade rejeitada e vergonhosa, que muitas vezes se traduzirá num esforço para eliminar os sinais exteriores da diferença negativa. Os descendentes de alemães e de italianos no Rio Grande do Sul ilustram o fenômeno, no processo de integração com a sociedade gaúcha, onde se envergonhavam do estigma de “colonos” em relação aos grupos urbanizados e mais bem-sucedidos, fossem eles ligados ou alheios às etnias referidas. O quadro começou a se reverter a partir da chegada de um teuto-gaúcho, o general Ernesto Geisel, à Presidência da República, em 1974. O período do seu governo coincidiu com as festividades do sesquicentenário da imigração alemã e do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, resgatando oficialmente valores até então considerados depreciativos nas zonas de colonização. Não seria demais especular que o presidente lançou mão de um poder que legitimasse a força simbólica dos valores dos imigrantes e seus descendentes, revertendo o jogo identitário de reconhecimento a favor dos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos.

A identidade é o que está em jogo nas lutas sociais. Nem todos os grupos controlam o mesmo poder de identificação. Esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relações que liga os grupos, embora nem todos tenham o poder de nomear e serem nomeados. Num artigo intitulado “A identidade e a representação”, Bourdieu (1980: 63) coloca que apenas aqueles que dispõem de autoridade conferida pelo poder conseguem impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros. O poder legitima a nomeação, aqui há um jogo de poder estabelecido. O conjunto das definições de identidade funciona como um sistema de classificação que fixa as respectivas posições de cada grupo. Ou seja: a autoridade legítima tem o poder simbólico de reconhecer como fundamentadas as categorias de representação da realidade social e seus próprios princípios de divisão do mundo social. Aí está porque esta autoridade pode fazer e desfazer grupos.

Diz Cucho (1999: 187) que o poder de se classificar leva a um processo de “eticização” de grupos subalternos, que são identificados a partir de características culturais exteriores, que são consideradas como sendo consubstanciais a eles e praticamente imutáveis. O argumento da sua marginalização ou até sua transformação em minoria repousa no fato de que eles são muito diferentes para serem plenamente associados à direção da sociedade. Talvez este argumento se encaixe ou justifique a afirmação de que os teuto-gaúchos foram mais reprimidos do que os ítalo-gaúchos durante as duas grandes guerras, especialmente na Segunda, por serem “mais diferentes” e menos latinos do que os segundos, especialmente no que diz respeito às distâncias idiomáticas entre as línguas portuguesa e alemã. A imposição de diferenças – no caso, a partir do governo brasileiro – significa mais a

afirmação da única identidade legítima (a de origem luso-brasileira) ou do grupo dominante (identificado com forças aliadas), do que o reconhecimento das especificidades culturais. Ela pode se prolongar numa política de segregação, na qual os grupos minoritários ficam obrigados a permanecer em seu gueto, ou no lugar que lhes foi designado em função da sua classificação.

Compreendida como um motivo de confrontos, a identidade se apresenta problemática. E parece que nem se deve esperar das ciências sociais uma definição justa e irrefutável de tal ou tal identidade cultural. Isto significa que o leque de discussões a respeito do assunto prossegue não apenas aberto, mas em constante movimento, embora permaneça claro que os sistemas de representação estão entre os elementos que as compõem.

CAPÍTULO III

3.1. Identidade, Representação e Humor

Além das questões arroladas anteriormente, a identidade também vem sendo abordada por muitos pesquisadores como um momento que faz parte de um circuito cultural que inclui, além da produção, consumo e regulação cultural na criação de significados, o aspecto da representação. Estas representações coletivas, junto a representações individuais, seriam símbolos publicamente inteligíveis e acontecimentos compreendidos particularmente. A representação, no olhar de O'Sullivan (1997: 265), é um processo social que coloca em termos concretos (com diferentes significantes) um conceito ideológico abstrato, de forma que permite observar, por exemplo, representações de mulheres, trabalhadores, família, amor, guerra, indústria, classe, etc... Aqui surge a indicação de que a cultura é muito mais uma negociação de trocas de significados do que um conjunto de valores. “O sentido que é compartilhado” de Hall (1997: 2) para definir cultura quer dizer que, quando

dois indivíduos integram uma mesma cultura, isto é, interpretam as coisas da mesma forma, podem manifestar suas idéias seguros de que serão entendidos pelos outros membro do mesmo grupo.

Os sentidos, então, são produzidos e negociados por vários caminhos e diferentes formas: nas relações sociais e pessoais, no consumo de bens culturais e nos meios de comunicação, por exemplo. Mas também emergem de palavras, conceitos, imagens, desenhos. Representações podem tomar forma em tiras de desenhos de humor, através de enredos que apresentam determinadas formas de falar, de valores culturais evocados nas piadas e nos diálogos, de cenários que contemplam a arquitetura típica, de posturas em relação interacional junto a outros grupos étnicos ocupantes do mesmo território. O que nos conduz para o objeto deste estudo: as tiras cômicas de Blau e Radicci, cujo humor étnico nos leva a perceber que essas representações estão organizadas e reguladas através de diversos meios e diferentes discursos. Mais ainda: Hall (1997: 28) afirma que a representação é o produto do significado através da linguagem. Na representação são empregados signos, organizados em linguagens de diferentes tipos, que servem para comunicar-se em significação com outros.

Os discursos e sistemas de representação permitem a instalação de pontos de apoio que dão às pessoas um lugar de onde possam se posicionar e falar. A partir deles produzimos significados para dar sentido à nossa história de vida, além de abrir oportunidades para construir o que somos ou o que podemos vir a ser. As representações, como processo cultural, podem criar identidades individuais e

coletivas, sendo que os sistemas simbólicos tratam de responder indagações sobre quem somos, o que queremos ser, o que poderíamos ser.

Castigar os costumes - diferentes! - por meio do riso é uma prática reconhecida em todos os lugares em que grupos humanos de culturas diversas dividem os mesmos espaços sociais. Ao menos é isso o que se pode deduzir ao ler o que Dundes (1987: 87) observa a respeito de comparações feitas por diferentes povos sobre etnicidade e caráter nacional. Diz ele que o estudo das ofensas tradicionais envolve vários elementos, como estereótipos, tipos nacionais, etnocentrismo, imaginário, preconceito e humor. Além disso, se é verdade que onde há ansiedade também haverá piadas para expressá-la (idem: 7), parece estar formado um caldo de cultura para se tentar compreender um pouco a respeito do riso que um grupo étnico lança sobre outro. Por exemplo, usa-se dizer que alemão é belicoso e gosta de fazer guerra, mas isso não quer dizer que todo alemão seja belicoso ou goste de fazer guerra. Ou que italiano é barulhento e pão-duro, embora se saiba que não é todo italiano que é barulhento e pão-duro. Talvez aqui seja possível buscar sinais que iluminem o processo do riso acionado pelas tiras de Blau e Radicci.

Como foi colocado há pouco, as piadas étnicas são construídas, entre outros elementos, pelo preconceito e o estereótipo.²⁹ Talvez estes dois aspectos sejam os mais relevantes para se tentar um comentário esclarecedor. Se o preconceito for uma opinião formada sem exame crítico, elaborado de antemão a partir de certas circunstâncias, aparências ou até pela educação, possivelmente causará dano ao ser

²⁹ Os verbetes *estereótipo* e *preconceito*, cujos sentidos são aproveitados neste estudo, estão inseridos no **Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda., 1999.

manifestado, pois estará expondo uma distorção. A essa distorção poderia-se chamar estereótipo, que usa ser designado, também, como conceito padronizado sobre pessoas, povos, raças, ideologias... É como se o estereótipo configurasse um clichê. A partir dele, os diferentes grupos em contato começarão a elaborar ofensas, trocadilhos, anedotas - e cartuns ou tiras cômicas, por que não? - uns sobre os outros para exprimir seus desagradados ou apontar focos de tensão.

Nos casos de Blau e Radicci, os próprios autores pertencem às etnias representadas pelos personagens. Mas isso não significa que não tenham incorporado estereótipos nominados a partir dos outros grupos étnicos do estado. E, mais ainda, que não tenham aprendido a rir de si mesmos apropriando-se dos estereótipos alheios anteriormente usados para ofender, talvez numa tentativa de se fazerem melhor compreendidos e mais bem sucedidos no desenlace das piadas que desenham. Dundes (1987: 97) lembra que a distinção entre o que as pessoas dizem sobre outros grupos e o que elas dizem sobre si mesmas é crítica. Mas a auto-imagem não está mais livre da influência do estereótipo do que as imagens tradicionais de outros grupos. Isto quer dizer que a especulação aqui feita sobre os autores e personagens pode ter fundamento.

Além disso, talvez não seja equivocado afirmar que o insulto contido numa piada seja o sinal mais claro de diferença entre dois grupos, pois assim se identificam e se reconhecem um frente ao outro.

3.2. Humores já dantes Navegados

O termo “humor” tem sua origem atribuída ao vocabulário médico da antigüidade e servia para designar qualquer fluído ou líquido secretado pelo corpo humano. Na medicina medieval, eram apontados quatro humores no homem: o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra. Acreditava-se que uma pessoa gozava de boa saúde quando os quatro humores estavam equilibrados e combinados. DaÍ a expressão “bom humor” para indicar que alguém estava em perfeita harmonia consigo mesmo e com os outros (Fonseca: 1999: 22).

O sentido do humor ligado ao riso surge na dramaturgia inglesa, no século XVII, que passou a empregar o termo, também, para fazer referência à excentricidade dos personagens teatrais e, por extensão, aos indivíduos sociais como um todo (Almeida: 1999: 44). Outro dado que aponta para o mesmo período é referido por Bremmer, Roodenburg (1999: 13), informando que a palavra humor, “em seu significado moderno, foi pela primeira vez registrada na Inglaterra em 1682, já que, antes disso, significava disposição mental ou temperamento”.

Embora considere que a natureza do humor ainda seja pouco conclusiva, Fonseca (1999: 22) enumera algumas definições mais conhecidas.

*“Para Aristóteles, o humor é alguma coisa cômica que contenha algum defeito ou fealdade que não seja dolorosa ou destrutiva”. Emmanuel Kant considerava o riso como “a afeição que desperta da súbita transformação de uma exagerada expectativa que resulta em nada”. Goethe usava a expressão “humor” simplesmente como o equivalente ao alemão **stimmung**, estado de ânimo. Sigmund Freud explica que o prazer do humor depende de uma libertação de tendências reprimidas no comportamento humano. Segundo ele, “o humor é um meio de conseguir prazer apesar dos sentimentos*

dolorosos que a ele se opõem e aparece em substituição dos mesmos”. Para Freud, o humor é uma forma de libertação.

No início do século XX Freud define o humor como uma forma de preservar o indivíduo do sofrimento e do desespero, de maneira que o humor representaria a vitória do prazer sobre a dor. Sobre isso, Almeida (1999: 44) observa que “a atitude humorística vem tomar o lugar da ira e do descontentamento quando o indivíduo muda seu posicionamento diante de uma situação causadora de sofrimento e consegue reverter a tendência à dor”. Para Freud, o humor é um processo de defesa “superior”. Ao contrário do recalque, geralmente nocivo e comprometedor do indivíduo, ele torna inacessíveis ao consciente determinados conteúdos. O humor não retira do foco de atenção consciente o conteúdo ligado ao sentimento de dor que lhe deu origem, evitando o automatismo do sistema de defesa que favorece o surgimento de diversas psicopatologias.

Nesse interessante e salutar jogo de projeções e deslocamentos pode estar um mecanismo de defesa psíquica e mental do indivíduo. O prazer, que antes era obtido com a desvalorização do outro, é substituído pelo prazer da identificação jocosa universal, calcada sobre a reversibilidade e a pluralidade de sentidos. O humor abandona o campo particular e termina por abalar o princípio do sério, sem dar importância ao controle, às oposições e à rigidez. Conseguindo ver além das regras sociais, o homem ingressa numa dimensão mais ampla, na qual o riso não é apenas consciência, mas também aceitação da relatividade, da alternância, da renovação (Almeida, 1999: 43).

A obra de Freud, intitulada “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, publicada em 1905, ainda é o trabalho mais abordado para os estudos do funcionamento do humor. A psicanálise, uma ciência relativamente nova, que fez um aporte revolucionário sobre o comportamento humano, surge precedida de uma longa história que vem sendo escrita desde os primeiros registros sobre o humor e o riso. Tomado em seu sentido mais genérico, hoje o humor cobre um vasto leque de estilos, que passam da farsa à sandice, dos trotes aos trocadilhos. Ou seja: o humor está entendido como qualquer mensagem expressa por palavras, atos, escritos, música ou imagens, cujo propósito é de provocar o riso. Trata-se de uma definição que talvez permita abarcar investigações da antigüidade até nossos dias (idem: 13) Já no caso desta pesquisa, merece enfoque especial o humor visual, que remete às tiras com personagens étnicos.

Embora seja hoje uma linguagem artística reconhecida, o desenho de humor passou longo tempo sem ter sido objeto de estudo. Aristóteles³⁰, ao abordar em seus escritos a comicidade representada nas deformações das máscaras usadas no teatro grego, quase dois séculos antes de Cristo, já falava do humor no comportamento humano, mas não da sua expressão gráfica desenhada.

Bergson, no início do século, em seu famoso texto sobre o riso (“Le Rire”, de 1900), deve estar entre os primeiros a teorizar a este respeito, quando afirma que “o cômico do desenho é quase sempre uma comicidade de empréstimos, cujos ônus

³⁰ Aristóteles foi, também, o preceptor de Alexandre, o Grande (morto aos 32 anos, em 323 a.C.), que conquistou todo o mundo conhecido do seu tempo numa campanha de apenas 11 anos. De onde se deduz que Aristóteles considerava os estudos do humor com seriedade.

principais cabem à literatura” (1980: 24). Todavia, talvez seja fora da literatura que o cômico venha a ganhar sua expressão mais feroz, que é a caricatura.

O significado da palavra “caricatura”, originária do italiano *caricare* (ridicularizar, exagerar, criticar, deformar), antecede o desenho de humor. Vários escritores já empregavam a sátira e o humorismo, deformando ou exagerando características de pessoas e objetos, quando, por meados do século XVII, surgiu a expressão *caricare* para designar grafismos pouco jocosos sobre autoridades e pessoas de expressão (Silveira, 1996: 24) Os irmãos Caracci, que costumavam desenhar tipos grotescos nas ruas de Bolonha, publicaram, em 1646, uma série de gravuras apontadas como *ritratini carichi*, ou “retratos carregados” (Fonseca, 1999: 50). Também na França o termo caricatura ganha seu correspondente, que é *charge* – fazer carga com violência, carregar tanto nos traços como numa esmagadora e impiedosa carga de cavalaria. De fato, a caricatura é sempre impiedosa, e normalmente violenta, porque lança o ridículo sobre o caricaturado. “Não é puro o prazer de rir”, avisa Bergson (1980: 24). Diz ele, ainda:

Mistura-se a ele uma segunda intenção de humilhar, e com ela, certamente, de corrigir, pelo menos exteriormente. O riso é sobretudo um castigo, uma forma de castigar. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa. A sociedade vingá-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. O riso não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade.

Sobre o trabalho do caricaturista, Ana Maria de Moraes Belluzo (apud Silveira, 1996: 28) observa que, embora a caricatura não seja o real, essa arte tem um

vínculo direto com a realidade. Diz ela que o exercício do caricaturista “é indissociável do seu próprio tempo, enquanto a linguagem caricatural preexiste e persiste ao período e às particularidades de cada manifestação individual”. Ao seu ver, se a linguagem é sempre uma forma de relação social, esta relação também se dá com o mundo real, sendo que o ato de fazer uma caricatura ocorre precisamente na relação imediata com o real. Uma relação, aliás, bastante crítica e sabiamente corroborada por uma frase atribuída ao escritor clássico grego, Juvenal: “Castigam os costumes por meio do riso” (Silveira. 1996: 26).

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

Serão comentados a seguir as estratégias, técnicas e instrumentos empregados para coletar, analisar e interpretar os dados desta investigação. O primeiro passo foi montar o sistema de informação³¹ sobre o humor gaúcho. Com base na referida produção, cinco cidades do RS foram escolhidas por sediar um acervo bibliográfico, desde o início das colonizações alemã e italiana no Rio Grande do Sul até nossos dias, em termos de humor publicado sobre o suporte papel. Buscou-se o humor gráfico que foi produzido pelos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, ou aquele humor produzido pelas outras etnias do estado a respeito deles.

Do material encontrado, num segundo passo, selecionou-se para análise a produção de **desenhos de humor**, já que o restante da produção humorística aqui apresentada constitui apenas parte de um rastreamento histórico - que está longe de cobrir todo o material existente - e não será objeto de investigação. Esta análise trabalha sobre uma amostragem e seu modesto propósito é levantar questões sobre desenho de humor e identidade étnica. A busca acusou um grande volume de publicações de desenhos reproduzidos ou copiados a partir de edições alemãs. Já os

desenhos sobre italianos, pelo menos nos jornais e almanaques verificados, não foram encontrados.

O terceiro passo foi percorrer o acervo para ver o que foi produzido pelos descendentes de imigrantes italianos e alemães³², sendo encontrado apenas os desenhos de humor produzidos na década de 1980, sob o influxo do Movimento Nativista, fenômeno que também deflagrou a publicação de vários estudos sobre identidade étnica, com destaque para os três volumes da coleção “Nós, os gaúchos”³³, publicada pela Editora da Universidade/UFRGS na década de 1990. Estes, embora tenham sido editados cerca de dez anos após o “boom” nativista, tiveram sua produção desenvolvida sob a influência do fenômeno. Por isto mesmo, foram escolhidos para servir de suporte teórico da análise das tiras, que apareceram na mesma época.

A análise desse material³⁴, no quarto passo, permitiu que se construísse uma visão mais detalhada sobre os discursos a respeito das identidades étnicas gaúchas na década de 1980, para dar elementos que conduzam a análise das tiras, relacionando os variados pontos de contraste ou comparação.

³¹ De acordo com a proposta de Luis Jesús Galindo Cáceres (1997).

³² A incursão pelo acervo aqui referido deixou grande volume de material ainda por ser levantado e catalogado. Existem arquivos em que o material não foi sequer organizado, e que oportunamente poderão trazer à luz dados complementares e novas revelações.

³³ “Nós, os ítalo-gaúchos” (1996), “Nós, os teuto-gaúchos” (1996) e “Nos, os afro-gaúchos” (1996). Os outros volumes que completam a coletânea são “Nós, os gaúchos” vol. I e II.

³⁴ “Nós, os teuto-gaúchos” e “Nós, os ítalo-gaúchos” são obras que tiveram sua análise efetuada em conjunto com os integrantes do Núcleo de Pesquisa em Mídia do Cone Sul (FABICO/UFRGS), numa investida que integra minucioso trabalho sobre a formação da identidade gaúcha, sob o ponto de vista do discurso (**Identidade Cultural Gaúcha como Formação Discursiva**), coordenada pela professora Nilda Jacks.

A leitura preliminar dos volumes anteriormente citados, procedida com o propósito de criar familiaridade com o objeto de estudo e achar critérios de análise para as tiras, permitiu a organização de um “estoque” de elementos constitutivos desta representação articulados pelos autores³⁵. Tais aspectos servem para pontuar as características identitárias deste trabalho.

Algumas diferenças ficaram evidentes na comparação dos dois volumes. Em “Nós, os teuto-gaúchos” aparece um discurso bastante racional e analítico, diverso de “Nós, os ítalo-gaúchos”, onde o tom dos textos é marcadamente memorial e emocional.

No primeiro caso, grande parte dos dados indica que o material publicado foi resultado de pesquisa bibliográfica. O desejo dos teuto-gaúchos de deter o bem cultural da informação pode ser observado na sua preocupação no que se refere à *educação*. Dez textos mencionam direta ou indiretamente a preocupação dos alemães e seus descendentes com a instalação, manutenção e incremento do sistema educacional. As condições precárias de vida na Alemanha na época da imigração, que levaram parte do seu povo a migrar, são evocadas em temas como *fome e miséria*, sofrimentos também experimentados nos primeiros tempos no Brasil, por conta do descaso das autoridades e das companhias de terras. Ainda ganham destaque os temas *religião, trabalho, identidade e integração*. O tom de mágoa de alguns textos em relação à repressão sofrida pelos teuto-gaúchos durante a campanha de nacionalização de Vargas e a Segunda Guerra fazem o diferencial maior em relação aos ítalo-gaúchos.

³⁵ São 57 textos de “Nós, os teuto-gaúchos” e 46 de “Nós, os ítalo-gaúchos”, num total de 103 textos

O volume “Nós, os ítalo-gaúchos” é mais heterogêneo e emocional em seus textos, indicando que os autores foram mais livres em suas manifestações. A questão política não ganha importância maior, mas, por outro lado, a busca de uma “brasilidade” por parte dos ítalo-gaúchos, ou de uma integração com a cultura da nova terra, é significativa. Com relação aos teuto-gaúchos, deve-se ressaltar que havia no grupo uma preocupação em assumir totalmente a nova pátria – mas sem perder o “Deutschum” ou germanidade. A cultura continuava alemã, embora os colonos fizessem questão de afirmar seu patriotismo brasileiro, o que deve ter sido um elemento complicador para a integração.

Enquanto os alemães ficaram em maior isolamento, por questões de idioma e de geografia (chegaram antes, tiveram de abrir o mato e as estradas), e procuraram reproduzir no Brasil os costumes trazidos, mostrando-se refratários à cultura dos brasileiros e de outras etnias imigrantes, os italianos, por sua vez, tinham a proximidade dos seus dialetos com o português, o que facilitou sobremaneira a *integração*. Os textos que falam de integração apontam para um esforço dos imigrantes para adaptar seus costumes ao modo de viver brasileiro. Mas a *religião*, também para o ítalo-gaúcho, era fator determinante na sistematização de seus preceitos e organização social. Também a *mulher* e a *família* são tematizados. Da mesma forma evidenciada pelos autores de origem alemã, os de origem italiana ressaltaram o amor de sua gente pelo *trabalho*, que nele vêem a melhor forma de combater a *fome* e a *miséria* deixadas na Itália. E neste aspecto os autores das duas etnias comungam da mesma opinião: o Rio Grande do Sul não desfrutaria do

desenvolvimento que hoje experimenta sem a sua participação. No entanto, é possível observar que cada etnia apresenta visões próprias sobre a sua identidade e um posicionamento diferenciado quanto a “ser gaúcho”. Também é necessário lembrar que o português falado com sotaque, aspecto várias vezes mencionado nas obras, está presente em todo o conjunto de tiras de humor aqui analisadas.

As duas obras aqui mencionadas foram escolhidas para funcionar como uma espécie de eixo para a análise dos personagens étnicos Blau e Radicci, embora outras publicações representativas fossem incorporadas para balizar a abordagem do objeto de estudo ao longo do trajeto. Os textos permitiriam as mais variadas correlações com as histórias das tiras, sinalizando por onde o humor opera para o resgate da identidade. Algumas das temáticas mais frequentemente abordadas foram colocadas em grifo.

O quinto passo consistiu na coleta das tiras. O corpus desta investigação é composto por 113 tiras de Blau e 103 tiras de Radicci, num total de 216 originais. Ao final da classificação do material, o que exigiu a exclusão de algumas tiras em benefício do foco identitário a ser observado nas piadas, chegou-se à seguinte configuração temática: **práticas políticas, religiosidade, tino comercial, relação imigrante x gaúcho, trabalho doméstico e comida e bebida.**

Quadro I. QUADRO GERAL

TEMÁTICA	BLAU	RADICCI	TOTAL
Práticas políticas	31	0	31
Religiosidade	3	11	14

Tino comercial	2	10	12
Relação imigrante x gaúcho	18	0	18
Trabalho doméstico	14	24	38
Comida e bebida	22	17	39

Quadro 2. TOTAL DE TIRAS APROVEITADAS

BLAU	RADICCI	TOTAL
90	62	152

CAPÍTULO V

ABORDAGEM HISTÓRICA DAS TEMÁTICAS

5.1. Práticas Políticas – O ingresso na vida política brasileira

O que se quer evidenciar neste item é que as diferenças dos caminhos de inserção dos imigrantes alemães e italianos no cenário político brasileiro podem oferecer pistas que ajudem a revelar o menor interesse dos italianos pela política nas tiras de Radicci e na obra “Nós, os ítalo-gaúchos”.

Quadro 3

BLAU	RADICCI
34	0

5.1.1 Alemães

O início da participação política dos imigrantes alemães no Brasil se deu pelo caminho militar. Mal havia transcorrido um ano desde o desembarque do primeiro grupo, em São Leopoldo (1824), quando teve início a Guerra Cisplatina (1825-1828).

O reconhecimento da eficiência do efetivo alemão alcançou notoriedade quase imediata, após sua participação na batalha do Passo do Rosário. Nem bem se assentavam sobre os primeiros roçados, os alemães recém chegados eram arrastados para o campo de batalha. A guerra não foi um fato inesperado. Dentre os colonos havia militares experimentados nas campanhas da Europa. Uma das cláusulas estabelecidas entre o Império do Brasil e as companhias de imigração determinava que uma certa percentagem de recrutados deveria ser de homens capacitados para a guerra, cujos objetivos eram garantir a ocupação dos territórios do sul contra as investidas castelhanas (Müller, 1996: 243) e compor unidades de estrangeiros, inicialmente formadas no Rio de Janeiro, a partir de 1823, com o propósito de garantir, através da presença militar, a recém proclamada Independência (Hunsche, 1975: 17).

No entanto, o acerto não impediu que os imigrantes participassem nos dois lados no conflito seguinte, entre os anos de 1835 e 1845.³⁶ eclodia a Revolução Farroupilha, com o estancieiro Bento Gonçalves da Silva liderando o levante do Rio Grande do Sul contra o império. A maior parte dos colonos ficou a favor da coroa, uma vez que demonstravam pelo imperador menino um respeito próximo da veneração (Fagundes, 1996: 174). Uma veneração que, na colocação de Dillemburg (1996: 271), pode ter ocorrido a custo: havia grande descontentamento na colônia alemã, pois ainda não tinham sido cumpridos contratos de assentamento e prestação de auxílio.

³⁶ Em retrospecto sobre a imprensa em língua alemã no RS, Rüdiger (1996: 132) observa que, no transcurso da Revolução Farroupilha, um imigrante chamado Hermann von Salisch procurou atrair os colonos para a causa rebelde, fazendo publicar “O Colono Alemão”. O jornal teve vida curta, pois era impresso em português, idioma que os imigrantes ainda não haviam aprendido.

Com a eclosão da guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852), os alemães novamente marcaram presença e conquistaram fama. Ao lado da Companhia dos Voluntários Alemães, outro grupo, o dos Lanceiros Imperiais, – recrutado como força mercenária, num efetivo de quase 1.800 homens³⁷ – entrou em ação no conflito contra a Argentina. Essa força contratada era composta por militares das armas de infantaria, cavalaria e sapadores, sendo que menos de 200 homens participaram da batalha de Monte Caseros, que derrotou Rosas, pois a maior parte do efetivo ainda estava a caminho do palco de guerra. No Brasil, esses mercenários foram apelidados de “Brummer”³⁸ e teriam grande importância no desenvolvimento da colônia.³⁹

Também a Guerra do Paraguai teve a participação das forças de imigrantes alemães, entre 1864 e 1870, quando perderam a vida cerca de 600 mil soldados ao todo. Ao compor a Tríplice Aliança com Argentina e Uruguai, o Brasil contou com a colônia alemã na formação do 8 Batalhão de Voluntários da Pátria e a Artilharia Alemã, duas forças reconhecidas pelo excelente desempenho em combate. Na ocasião, o sentimento de patriotismo já era demonstrado pelos teuto-gaúchos, e identificado pelo restante do efetivo, através de promoções e condecorações. Em

³⁷ Por volta da mesma época, as pressões de França e Inglaterra obrigaram a Prússia a permitir a vitória da Dinamarca em várias frentes de batalha, o que provocou repulsa e ódio entre os militares. Tal clima facilitou para que numerosos soldados e oficiais prussianos aceitassem o convite de recrutamento numa força para lutar no Brasil (Schierholt, 1993: 58).

³⁸ O termo “Brummer”, literalmente, significa zangão ou touro. Diz a tradição que o apelido foi inicialmente depreciativo e se originou do fato de terem os soldados mercenários alemães recebido o primeiro soldo em moeda de cobre, maior e mais pesada que as outras moedas, conhecida por “chanchão”. Já na velhice, o “Brummer” Cristóvão Lenz atribuiu o apelido à moeda pesada que, jogada sobre o balcão do armazém, onde muitos se encontravam para afogar as mágoas, provocava um ruído semelhante a um zunido (Schierholt, 1993: 56).

³⁹ Desarmados, carentes de treino militar, mal alimentados, com vestes rotas e sem calçados, numa flagrante falta de planejamento por parte do império - segundo o “Brummer” Cristóvão Lenz -, a metade desertou (com a conivência das autoridades brasileiras, que assim se desobrigavam do pagamento da cláusula contratual), uma quarta parte morreu de frio, subnutrição e doenças

artigos publicados na imprensa gaúcha, o jornalista maçom Karl von Koseritz chama atenção da comunidade e consegue ser lido pelo próprio D. Pedro II, quando lembra que uma segunda geração já está adulta na colônia alemã – e formada por cidadãos nascidos no Brasil. A figura do mercenário desaparecia para dar lugar a uma tropa regular brasileira, formada por elementos provenientes da zona de colonização germânica no RS.

Quando eclode a Revolução Federalista, em 1893, a colônia alemã – principalmente nos vales dos rios Taquari e Pardo – é transformada em corredor de passagem das tropas em confronto. Embora muitos colonos e descendentes tenham conseguido se manter na neutralidade, um grande número foi cooptado por federalistas e legalistas. Significativo contingente também se alistou espontaneamente por razões políticas. A imagem do colono alemão que foi apenas “vítima” indefesa da histeria revolucionária muda sensivelmente a partir de documentos que registram de perto os acontecimentos de um dos embates mais sangrentos da história gaúcha – de maneira especial em localidades como Lajeado, Estrela, Santa Cruz, Arroio do Meio e outros (Rambo et alli, 1995: 7).

No final do século XIX, a zona de colonização alemã do RS já estava se inserindo de outras formas no cenário político gaúcho, mas sua presença nas movimentações militares continuava marcante. Foi assim, também, na revolução de 1923, quando se enfrentaram os rebeldes de Assis Brasil (maragatos) e os legalistas partidários do então presidente do Estado, Borges de Medeiros (chimangos).

decorrentes da carência alimentar ou cardápio inadequado, e apenas cerca de 450 homens aguardaram engajados pelo término do prazo contratual de quatro anos (Flores, 1997: 8).

Outro indício para justificar a familiaridade dos alemães com o ofício da guerra reside no reconhecimento feito pelo governo português a João Henrique Boehm (1708-1783), militar natural de Bremen – e fundador do Exército Brasileiro. Foi o primeiro militar enviado pelo governo português como general-chefe para os estados do Brasil. Coube a ele o comando supremo da tropa. Formou o primeiro exército colonial brasileiro, nos moldes do metropolitano, desligado de Portugal, já que até 1767 não havia aqui um exército homogêneo. Boehm comandou a batalha que venceu os espanhóis e tomou de assalto a Colônia Militar de Sacramento (Dillemburg, 1996: 273).⁴⁰

5.1.1.1. Da guerra ao parlamento

Embora pareça paradoxal, é justamente o efetivo dos “Brummer” que vai promover a transição das práticas políticas da colônia alemã do RS da esfera militar para o campo do debate ideológico e de representatividade na Assembléia Provincial. Com o final da guerra contra Rosas, em 1852, os “Brummer” se dispersaram em boa parte pelas colônias, já que recebiam lotes de terra como parte do pagamento por seus serviços. Quase todos com formação escolar superior à dos imigrantes, eram como fermento na organização de escolas, associações diversas e veículos de imprensa. Como bem aponta Rüdiger (1996: 133), Karl von Koseritz escreve que, sob a influência dos “Brummer”, o elemento alemão passou a participar realmente da

⁴⁰ A influência alemã nas forças armadas do Brasil persistiu até a Primeira Guerra Mundial, quando foi substituída pela influência francesa.

vida pública: “Desenvolveu-se a vida comunal, surgiu uma imprensa alemã e tornou-se mais animado o intercâmbio intelectual”⁴¹.

Essa grande discussão talvez não fosse possível sem o alto índice de alfabetização dentro da colônia.⁴² Havia uma grande e crescente rede escolar, cuja existência deve ter sido fundamental para ampliar a participação coletiva nos debates, uma vez que a difusão de idéias ocorria através da imprensa, em vários jornais, calendários e almanaques.

Neste aspecto, os alemães tiveram presença singular entre os grupos étnicos que compõem a formação sociocultural do estado. Remetendo a uma tradição secular que vinha da época da Reforma Protestante e da Contra-Reforma Católica, os imigrantes não esperaram pela ação do governo, de maneira que “a construção da escola e sua manutenção chegava a ser prioritária sobre a própria casa e benfeitorias” (Kreutz, 1996: 145). Resultado: a colônia sabia ler. Daí a dedução de que o educandário era erguido e mantido com um sério senso de cidadania, e compreendido como um meio de acesso à participação.

Um exemplo disso pode ser dado através de um dos mais importantes periódicos alemães do RS. Na época em que Koseritz fundou o “Deutsche Zeitung”, em 1861, ocorre uma ruptura com o velho modelo de fazer imprensa, dependente

⁴¹ Junto ao fomento intelectual, os “Brummer” difundiam seu ideário liberal, cientificista e anticlerical, uma herança da duramente reprimida Revolução Liberal de 1848 na Europa. A reação das igrejas Católica e Protestante fez da colônia alemã do sul do Brasil um cenário de acirradas polêmicas (Kreutz, 1996: 146).

⁴² Embora os imigrantes tenham trazido vários dialetos (idiomas regionais não escritos) para o Brasil, a padronização do “alto” alemão (Hochdeutsch) já se fazia sentir desde o século XVI, quando o reformista Martinho Lutero traduziu a Bíblia do latim para o alemão. O que se deu bem antes, portanto, da unificação da Alemanha realizada por Bismarck em 1871.

dos interesses da classe política brasileira. O jornal, além de representar as aspirações dos moradores da colônia, foi também

o primeiro veículo através do qual a minoria alemã tomou consciência e passou a discutir seus próprios problemas, começou a intervir na limitada esfera pública existente na Província. Através das colunas dessa folha, bissemanal, os imigrantes começaram a conquistar o reconhecimento, por parte da sociedade, como co-partícipes do seu processo (Rüdiger, idem).

Sem escolaridade, talvez o fecundo exercício jornalístico e de propaganda não tivesse existido na região colonial alemã. Essa atividade jornalística mostrou-se estratégica a ponto de inserir o elemento alemão na representação parlamentar gaúcha ainda no século XIX. Estribados justamente na atividade jornalística, Haensel, Bartholomay e Koseritz se tornaram os primeiros teuto-rio-grandenses a assumir como deputados na Assembléia Provincial.

Sumarizando, os imigrantes alemães ingressaram na vida política do RS através de **atividades militares**. A transição para o exercício político através da **representação parlamentar**, que seria a Segunda forma de prática política, poderia ser atribuída a três aspectos ligados entre si e estimulados a partir da chegada dos “Brummer”: 1) a boa **rede escolar e o alto índice de alfabetização** da colônia, 2) que teria permitido a circulação de um **grande número de publicações** em alemão, 3) que, por sua vez, **estimulou o debate** ideológico e **defendeu os interesses dos imigrantes** junto às autoridades brasileiras.

Os imigrantes alemães já traziam para o Brasil uma cultura de participação política consolidada por mais de dois séculos. Talvez isso permita especular que o

seu envolvimento em práticas políticas (inclusive seu militarismo) poderiam ser apontados como elementos identitários na conjuntura do novo mundo, o Brasil. O mesmo poderia ser dito sobre a escolaridade e a alfabetização.

5.1.2 Italianos

A inserção dos imigrantes italianos na vida política do RS não ocorreu através da participação em operações militares brasileiras. Seu primeiro contato com um conflito armado na nova terra – e do qual trataram de manter distância – foi a Revolução Federalista de 1893. O que se deu após 18 anos desde a chegada dos primeiros grupos de italianos ao estado (1875). Estes procuraram não se envolver no confronto, aterrorizados com a barbárie das forças em choque. No entanto, antes do início da imigração oficial para o Brasil, os italianos deixaram sua participação registrada durante a Revolução Farroupilha, como aponta De Boni (1996: 19):

Na política, tivemos uma experiência gloriosa com os Farrapos. Zambecari, Rossetti, Anzani, Garibaldi e cerca de outros cem mercenários marcaram a história gaúcha daquela época. Depois, porém, nos calamos. No final do grande período imigratório, vimos as revoluções de 1893 e 1923 e, desculpem-nos, mas nos assustamos com aquilo: tínhamos a impressão de estar assistindo a um torneio de degola.

Chegando num outro momento histórico e político em relação aos alemães, os imigrantes italianos não vinham para defender o território rio-grandense de ataques ou invasões a partir dos países do Prata. Portanto, em seu recrutamento na Europa não lhes foi exigida a preparação militar. Praticamente em sua totalidade eram deserdados do processo produtivo nacional, obrigados a migrar aos milhares para fugir da fome e da miséria, e estavam diretamente ligados às atividades do setor primário.

5.1.2.1. Uma babel de analfabetos

Deve-se supor que o ativismo político tardio dos ítalo-gaúchos tenha ocorrido em razão do alto grau de analfabetismo da comunidade até que a educação formal ganhasse envergadura. O que se daria de maneira mais evidente a partir do início do século XX, com a crescente adoção da educação formal e de outras profissões urbanas como estratégias de reprodução social das novas gerações. A inserção generalizada das populações das colônias nas esferas que antes cabiam quase que exclusivamente aos “brasileiros” é demonstrada de forma especial através da sua participação na política eleitoral e ingresso nas burocracias públicas (Coradini, 1996: 37).

Esses novos imigrantes provinham de uma Itália que mal consolidava a sua unificação. Eram, ainda, trentinos, friulanos, vênnetos... Não se consideravam italianos e cada grupo fala o dialeto⁴³ de sua região de origem. Cerca de 20 dialetos foram por eles trazidos e os assentamentos coloniais não levaram tais diferenças em consideração. A comunicação oral entre vizinhos se deu de tal forma, que muito tempo passou até que se configurasse o idioma *talian*, o vênneto falado – e também escrito – no sul do Brasil (Frosi, 1996: 158), mas sem competir com o italiano gramatical, praticado pela minoria culta e alfabetizada da colônia, especialmente representada pelo clero (Carboni, 1996: 157). A comunicação, portanto, dava-se através de uma oralidade supostamente difícil, principalmente nos primeiros anos, e não contava com apoio de material impresso, já que o número de pessoas que podia

⁴³ Entende-se o dialeto, neste caso, como um linguajar regional sem escrita.

ler era ínfimo.⁴⁴ Talvez por essa razão o levantamento sobre desenhos de humor produzidos pelos imigrantes e seus descendentes no RS não tenha localizado material ligado aos italianos antes da década de 1980.

Sobre a escolaridade dos imigrantes italianos, Carboni (1996: 156) observa que, nas últimas décadas do século XIX, os dialetos predominavam em quase todas as regiões da colônia. É de se supor, então, que a precariedade educacional, somada a uma tradição escolar inexistente – resultantes do quadro de extrema miséria a que os imigrantes estavam submetidos na Europa – também se reproduziu na zona de colonização do RS.⁴⁵

5.1.2.2. Inserção social e política

A gradual presença do elemento italiano nos variados espaços sociais gaúchos verificada no início do século XX ocorre de forma especial através da ocupação de cargos da política eleitoral e da burocracia pública. Isso leva-nos a crer que o ingresso do italiano na vida política rio-grandense ocorre graças à escolarização e à luta contra o analfabetismo na região colonial.

⁴⁴ Em 1870, um ano antes da unificação, menos de 2% da população falava o toscano, logo transformado em idioma oficial da Itália, e menos de 1% conseguia escrevê-lo em todo o território unificado. Dez anos após a unificação, a grande maioria da população continuava analfabeta ou semi-analfabeta, com poucas chances de acesso ao conhecimento da língua nacional (Luzzatto, 1996: 168).

⁴⁵ Também o isolamento deve ter permitido outros tipos de reprodução da vida antes levada na Itália. Sobre os primeiros aglomerados populacionais da colônia, Frosi (1996: 160) diz o seguinte: “As vias de comunicação eram precárias, o meio físico era agreste e hostil e grande foi a luta pela sobrevivência. Esses fatores mantiveram o imigrante e seus descendentes nesse espaço físico, isolado da comunidade brasileira, seja estadual, seja nacional. Formou-se, assim, uma sociedade local do tipo vênето-lombarda, tradicionalista e católica. A vida social e religiosa das pequenas comunidades desenrolou-se em torno das capelas. A capela representou o lugar de encontro não só para a realização do culto religioso, mas, também, para a vida social. A “bodega” fazia parte de um complexo que tinha, além do sentido religioso e social, também o sentido comercial.

Nessa época (década de 1920), as distâncias sociais e culturais entre os “brasileiros” e os colonos era maior, mas, gradativamente, passou a ocorrer o que Coradini (1996:37) chama de cooptação seletiva das elites dessas colônias. Os mecanismos para tanto apenas reproduziam as burocracias e as políticas regionais de então, com base no clientelismo político (o quadro só passou a mudar depois de 1940). A referida cooptação se dá numa relação de confiança em que a delegação de um cargo público implica na lealdade do ocupante do cargo para com a autoridade que o constituiu. A singular obediência das colônias italianas do RS ao poder estadual contou pontos para isso.⁴⁶ O mesmo sistema de cooptação política a partir das autoridades “brasileiras” ocorreu na zona de colonização alemã.

A década de 1920 não foi de calmaria para os gaúchos em geral, e a colônia italiana, já inserida no cenário político do estado, não teve mais como se resguardar. Havia eleições no RS, mais uma vez confrontando Borges de Medeiros e Assis Brasil, levando a uma nova revolução em 1923, que nos dois anos seguintes ensangüentou os campos. Enquanto isso, os imigrantes continuavam chegando às lavas nos assentamentos de Caxias do Sul, cujo centro urbano já estava instalado e até dotado de teatro. Os trabalhadores da ferrovia estadual, cujos trilhos passavam por Caxias, estavam em greve. O Partido Comunista do Brasil era fundado na época, tendo em sua base os ferroviários grevistas, e foi logo jogado na ilegalidade. Dos

⁴⁶ O quadro dos imigrantes italianos do RS é diverso daquele de São Paulo. É importante recordar que, nas duas primeiras décadas do século XX, as greves de trabalhadores – principalmente os urbanos da capital paulista – foram reprimidas a bala e que, por trás das organizações daqueles movimentos, estavam anarquistas e socialistas italianos, influenciados pela Revolução Russa e marcados pela Primeira Guerra. Tentando explicar a relativa docilidade dos italianos do RS, Marcon (1996: 45) observa que, no sul, “o imigrante italiano tornou-se, desde logo, senhor do seu lote, da sua colônia, instaurando a pequena propriedade, geradora do progresso e do desenvolvimento econômico posteriores. Em São Paulo, o imigrante italiano, ao trabalhar nos cafezais, apenas substituiu por longo tempo a mão-de-obra recém dispensada pela abolição da escravatura, muitas vezes ele próprio

trens que ainda se achavam em movimento desembarcavam na região os primeiros credenciados pelo Partido Nacional Fascista Italiano. Como o índice de analfabetismo era bem menor do que no início da colonização, é de se supor que o material de propaganda e contrapropaganda política impressa já tivesse um efeito significativo na comunidade.

Uma greve deflagrada em fevereiro de 1928, no entanto, colocaria à prova a obediência dos ítalo-gaúchos às autoridades constituídas e seu respeito à ordem, mesmo que injusta. No movimento, os tanoeiros portugueses que trabalhavam em Caxias do Sul distribuíram pela cidade e arredores panfletos “chamando” para a luta por salários dignos e redução da jornada de trabalho para oito horas. Os italianos não aderiram, por medo dos patrões e – sobretudo – da igreja⁴⁷ (Tronca, 1996: 137).

A Igreja Católica se impunha na colônia italiana e tratava de se contrapor a quaisquer ideologias que tivessem matiz revolucionário ou anticlerical. Para reforçar a pregação, a ordem religiosa contava com o precioso apoio do jornal “Stafetta Riograndense”⁴⁸

reduzido à condição de escravo”. Ao abandonar o cafezal, migrava de volta à cidade, onde amargava as péssimas condições do proletariado urbano brasileiro do início do século XX.

⁴⁷ Os frades Capuchinhos, com seu histórico poder de persuasão na zona rural, zelavam pela ordem e o respeito às autoridades constituídas e à Igreja. Coube a eles a campanha que trouxe para o Integralismo, uma organização política de direita e inspirada no fascismo italiano, um expressivo número de pequenos agricultores.

⁴⁸ Os socialistas e os anarquistas estavam presentes na colônia italiana do RS. Uma das provas mais reconhecidas de combate a essas ideologias carbonárias e anticlericais é a publicação seriada no jornal “Stafetta Riograndense”, de Caxias do Sul, das histórias divertidas de Nanetto Pipetta” O jornal veiculou a obra entre 1924 e 1925, assinada pelo padre Aquiles Bernardi, escrita em dialeto (talian), veiculando lições moralizadoras da fé cristã, pregando o temor a Deus e o respeito às autoridades constituídas. Pelo sucesso das histórias, teve importante penetração na comunidade.

5.1.2.3. Alternativa Integralista

Embora o ingresso dos ítalo-gaúchos no cenário político brasileiro tenha ocorrido tardiamente em relação aos teuto-gaúchos, o movimento integralista daria à colônia italiana do RS a sua maior oportunidade para demonstrar imensa capacidade de representação, consolidando a área como um espaço político de primeira grandeza.

A modernização em curso no país, ao longo dos anos 1930, agia no sentido de absorver as minorias étnicas, que cada vez mais se tornavam parte da vida nacional. Até o ingresso do Brasil na Segunda Guerra, o governo Vargas foi tolerante e simpático ao movimento de caráter fascista no país, e não escondia sua admiração pelas conquistas de Hitler e Mussolini na Europa. Os descendentes de alemães e italianos no RS, por sua vez, mantinham sua identificação com a pátria dos antepassados, criando um ambiente receptivo para o ideário que de lá chegava.

Na área de colonização italiana do RS, o cenário político apresentou uma particularidade durante esse período, que foi a grande inserção da Ação Integralista Brasileira (AIB). Enquanto em outras regiões gaúchas havia forte rejeição ao movimento, a zona italiana apresentou a maior concentração de partidários – ao ponto de a sigla apresentar o maior desempenho eleitoral em 1935 (Brandalise, 1996: 199).

A difusão do Ideário Integralista teve impulso a partir da fundação do núcleo municipal de Caxias, em 1934, oficializando o movimento, arrebanhando um público oriundo de uma economia em transformação, em processo de modernização.

Atendendo ao apelo de um segmento que não se considerava representado nas instâncias políticas do país, a AIB tinha um discurso moralizador e nacionalista. Tratava-se de uma organização brasileira, autônoma, cuja ambição era realizar no Brasil os inúmeros feitos e conquistas do fascismo italiano sob a tutela de Mussolini (Brandalise, 1996: 200).

Com a campanha nacionalizadora de Vargas, a partir de 1937, os integralistas passaram a sofrer represálias das autoridades oficiais. O quadro se agravou após o ingresso do Brasil na Segunda Guerra, junto aos aliados.⁴⁹

Enfim, para resumir, deve-se levar em conta que os imigrantes italianos **não** ingressaram na vida política brasileira através da participação em **operações militares**. Vieram como **agricultores** para ocupar vazios do território gaúcho, e não para defendê-lo. A grande maioria dos imigrantes era de **analfabetos**. Somente no início do século XX, com o incremento da **educação formal e a alfabetização**, o teuto-gaúcho **passou a se inserir no cenário político**, cujos cargos eram anteriormente nichos exclusivos de elementos “brasileiros”. Um marco importante da força política da colônia italiana do RS ocorreu com o alto desempenho da **Ação Integralista Brasileira (AIB)** nas eleições de 1935, respondendo ao apelo de uma parte da população que não se considerava representada pelos meios políticos tradicionais. Se a inserção dos italianos na vida política brasileira foi tardia e mais suave do que a dos alemães, acredita-se que, às vésperas da Segunda Guerra, as duas

⁴⁹ A AIB era um movimento reconhecidamente brasileiro, nacionalista verde-amarelo, de inspiração no regime ditatorial de Mussolini, na Itália. O nazismo, por sua vez, movimento que também grassou nas colônias do RS, mas na zona alemã, jurava fidelidade ao Führer Adolf Hitler, e seus quadros se dispunham a lutar pela Alemanha, inclusive contra o governo do Brasil. Esta pode ser mais uma das

colônias já estivessem participando das práticas políticas nacionais em condições de igualdade. E o menor interesse dos ítalo-gaúchos pelos assuntos políticos, se for levado em conta o que revelam as tiras e o número de textos já mencionados no início deste *item*, talvez possa ser atribuído ao histórico de escolarização mais recente e à contribuição da Igreja Católica para conter os arroubos ideológicos e partidários do seu rebanho. Isso pode justificar a produção avantajada no volume das tiras de Blau a respeito de política.

Quadro 4 – PRÁTICAS POLÍTICAS

ASSUNTO	NÚMERO DE TIRAS	
	Blau	Radicci
Reforma agrária	6	0
Eleições	3	0
Política econômica	5	0
Desilusão com políticos	17	0
Sub-total	31	0
Total	31	

Um dos temas relevantes encontrados no corpus desta investigação, foi designado como **PRÁTICAS POLÍTICAS**. Este bloco temático é composto por 31 tiras, distribuídas nos seguintes assuntos: **reforma agrária (6)**, **eleições (3)**, **política econômica (5)**, **desilusão com políticos (17)**.

razões para que a repressão de Vargas tenha sido mais dura contra os teuto-gaúchos do que contra os ítalo-gaúchos.

Chama atenção o fato de que a política é aqui evocada como um indicador *de* representação somente da cultura dos teuto-gaúchos. Das 31 tiras reunidas, nenhuma era de Radicci. Talvez fosse importante averiguar que razão levou o personagem ítalo-gaúcho a não fazer incursões na área, enquanto que, no mesmo período e no mesmo veículo, o personagem teuto-gaúcho realizou 34 aparições.

Na procura de pistas esclarecedoras junto ao referencial teórico principal, formado pelos livros “Nós, os teuto-gaúchos” (1996) e “Nós, os ítalo-gaúchos” (1996), o levantamento classificou 15 textos (de um total de 57) da obra sobre os alemães, em que a política foi considerada assunto importante. Já no livro sobre os italianos, são nove os textos que abordam política (de um total de 46). Novamente as abordagens sobre política são em menor número entre os ítalo-gaúchos do que entre os teuto-gaúchos. Isso pode significar uma pista para entender certos aspectos do corpus em análise.

Os indicativos apresentados pelas obras aqui mencionadas dão a entender que a participação dos alemães no cenário rio-grandense ocorreu praticamente na mesma hora em que o primeiro grupo de imigrantes aqui chegou. Parte daquele efetivo já era composto por pessoas com treinamento militar para ocupar e defender o território do Império contra as investidas castelhanas. A participação dos alemães junto às tropas brasileiras na Guerra Cisplatina, um ano após seu desembarque (1825), marca o início de uma inserção política estabelecida por várias participações militares. Num segundo momento, essa participação se dá pela representação parlamentar de membros da colônia alemã junto à Câmara Provincial, obtida graças a dois aspectos estratégicos: o alto grau de alfabetização/escolarização entre os teuto-gaúchos (e o

conseqüente embate de idéias), e o grande volume de arrecadação de impostos para os cofres públicos, permitindo à colônia um instrumento de barganha para negociações políticas.

A situação dos imigrantes italianos, que aportam aqui 50 anos mais tarde, é mais precarizada. Trata-se de uma multidão de analfabetos diretamente ligada ao trabalho rural, com sérios problemas idiomáticos por causa de suas variadas origens, moldada por uma estrutura religiosa católica antiga e severa, marcada pelo controle social e moral dos membros da comunidade. A participação política desse grupo no cenário gaúcho só vai se fazer sentir a partir do incremento da educação formal dentro da zona de colonização italiana, por volta da época da Revolução Federalista (1893-1895), elementos daquela área já são vistos integrando as tropas em confronto.

5.1.3. Análise das tiras – Práticas políticas

5.1.3.1. Reforma Agrária





As tiras de Blau, neste conjunto que fala de política – incluindo a reforma agrária – apresentam um tom que está mais para a denúncia e a revelação de algum dor social do que para o humor. Isto, porque a linguagem do humor gráfico pode ser utilizada pelo viés do jornalismo, mais identificada com o desenho editorial. Mas isso não impede a identificação dos elementos humorísticos nas tiras, a começar pelo sotaque alemão no português falado por Blau, o que já mostra o teuto-gaúcho rindo de si mesmo. Tal comportamento pode ser visto como uma conquista significativa no quadro étnico rio-grandense, uma vez que, em relação ao ítalo-gaúcho, o alemão aparentemente sempre foi visto como um tipo mais sério, inflexível e avesso aos abandonos do riso.

Voltando ao conjunto específico da reforma agrária, observa-se que, nas tiras, a narrativa leva a uma piada que funciona pela quebra da lógica (duas delas diretamente conduzidas por Blau e outra por um latifundiário), onde os sentidos de

distribuição de terras são ambíguos: a lógica e o senso comum indicam uma distribuição de terras promovida pelo governo para que trabalhadores rurais nelas possam viver e produzir; o humor (negro?) aciona seu funcionamento com a revelação do inesperado, ou seja, a terra distribuída para os assentados, sim, desde que estejam mortos - e enterrados. Em outra tira, Blau se solidariza com um colono expulso da ocupação, efetivada por uma força militar a serviço da reintegração judicial. Seu comentário desmonta uma concepção que o colono tem sobre a fome, que já é cruel, e lhe mostra outra ainda pior e mais atroz. Há um deslocamento de sentido e uma ruptura com o convencional. Trata-se de um mecanismo bastante usado nas tiras cômicas. O que é culturalmente estabelecido como normalidade sofre uma intervenção inesperada e vai provocar outro efeito. E isso vai conduzir ao riso (Castro, 2000: 3).

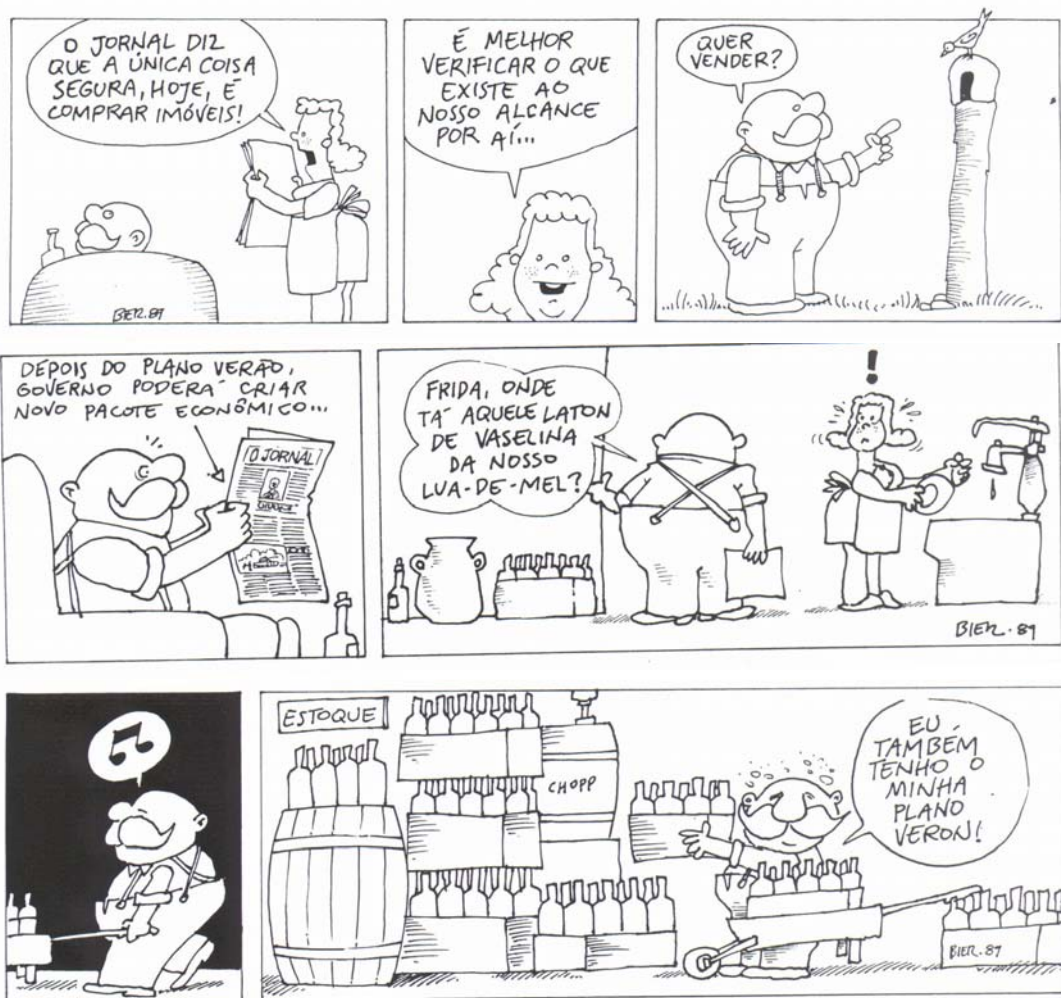
5.1.3.2. Eleições



A linguagem metafórica está presente em duas das três tiras deste conjunto, sendo que a primeira e a segunda ridicularizam os políticos ligando diretamente a sua prática com algo impuro ou indecente, contracenando com Blau bebendo cerveja. Noutra tira, Blau inunda a sua seção eleitoral com lágrimas, tamanha é sua emoção diante do ato de votar. Novamente pode-se remeter aqui a importância dada pelos imigrantes alemães e seus descendentes à participação política. Uma participação, aliás, que só foi obtida após a colônia oferecer aos cofres públicos uma arrecadação

que lhe desse poder de barganha, na segunda metade do século XIX, quando conseguiu eleger três deputados para a Assembléia Provincial.

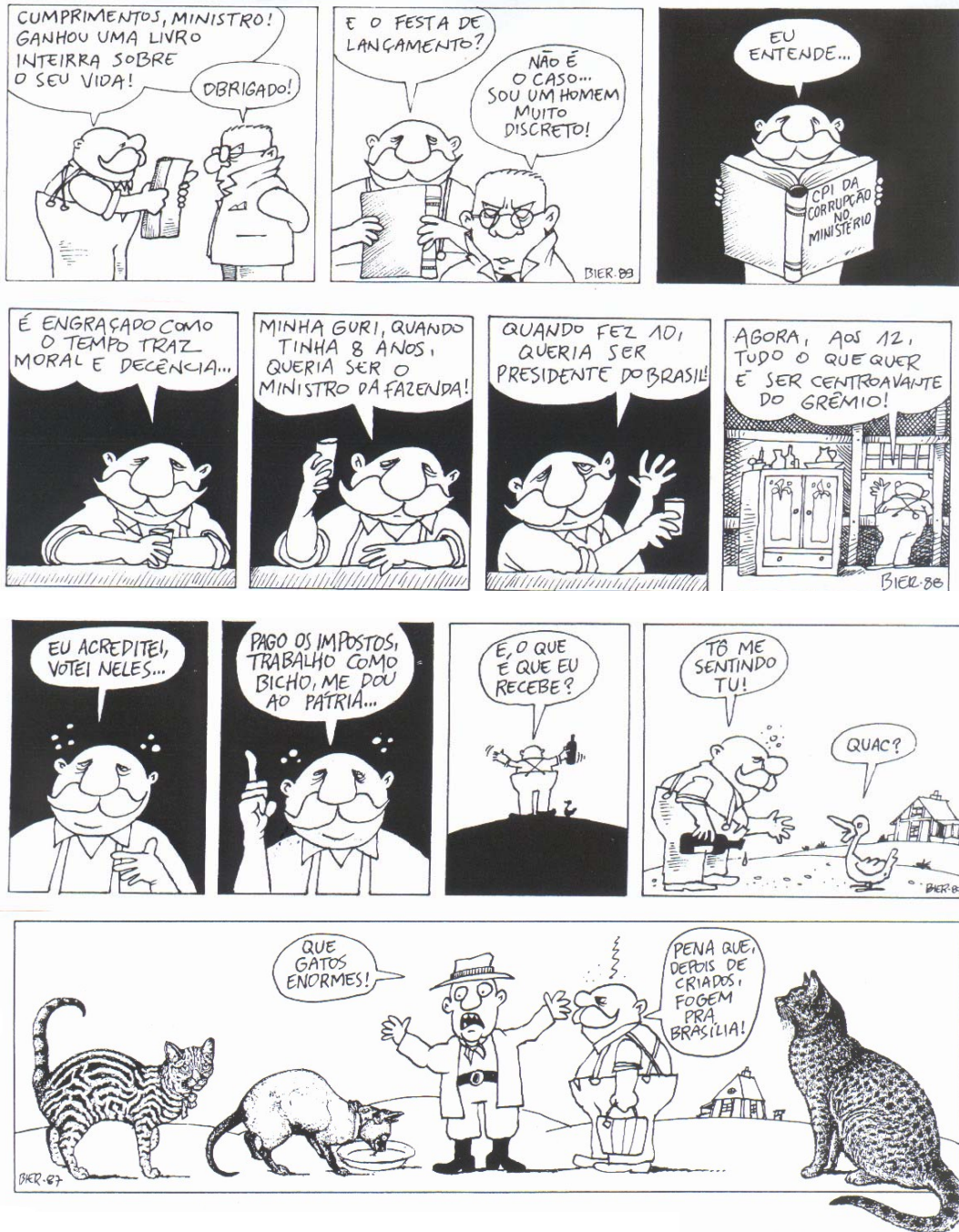
5.1.3.3. Política econômica



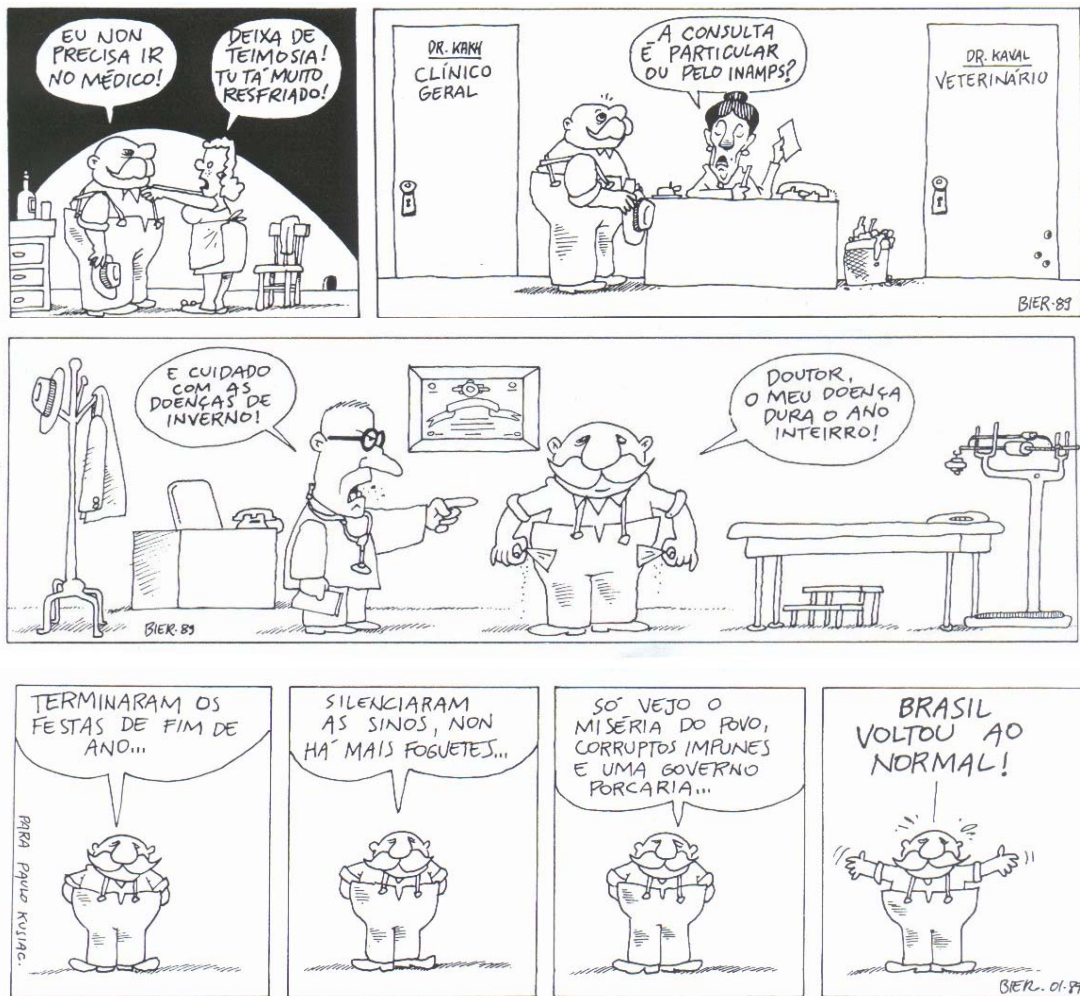


Ambientadas num cenário doméstico, quatro tiras passam um conformismo com as agruras sofridas pela política econômica do Governo Federal, ao mesmo tempo em que Blau ri de si mesmo diante das desconfortáveis circunstâncias, tentando sobreviver como pode. Numa quinta tira, Blau deslegitima a voracidade arrecadadora do fisco embriagando o leão – símbolo do Imposto de Renda - e, depois de dominá-lo, trata de pregá-lo contra a parede. Com esta ridicularização, demonstra sua inconformidade para com impostos que considera injustos. É importante observar que, das cinco tiras, em três aparece a cerveja como recurso coadjuvante para canalizar a piada. O que leva-nos a recordar que os “Brummer”, soldados mercenários contratados pelo Império para combater Rosas, por volta de 1850, costumavam fazer reuniões em armazéns da colônia para beber e afogar suas mágoas (ver nota de rodapé 37). É um tipo de bálsamo evocado através da postura de Blau, que bebe cerveja enquanto enfrenta as adversidades.

5.1.3.4. Desilusão com políticos







Este é o maior conjunto de tiras do bloco, composto por 17 desenhos. Três deles fazem referência ao uso de adubo orgânico e sua relação com a prática política tradicional, acionando o humor através do deslocamento de significados. Ao mesmo tempo, aponta para um aspecto típico da pequena propriedade rural dos imigrantes, que é o uso do estrume da criação para a adubação dos cultivos. Há tiras que apresentam uma transgressão da lógica quando se manifesta a desilusão de Blau diante dos políticos que, mesmo maquiando a demagogia, continuam explorando a população como sempre. A confiança traída e a incompetência são verificadas nas tiras onde há uma comparação de seres humanos com animais que, no imaginário

popular, simbolizam pessoas fáceis de enganar (o pato, muitas vezes significando o eleitor honesto e trabalhador que foi o imigrante) ou incompetentes na ocupação de cargos públicos (o burro, figurando os burocratas ou os políticos e administradores públicos luso-brasileiros). A questão ética se apresenta numa metáfora, na qual o sonho infantil de futuro profissional abre mão dos mais altos cargos políticos para integrar um time de futebol gaúcho, numa clara alusão ao descrédito dos governantes. O mau trato que os trabalhadores recebem do governo está manifesto em duas metáforas: uma comparando a política social com a morte e outra questionando a Abolição da Escravatura. A corrupção e o roubo também são itens contemplados pelo conjunto e se chocam contra a ética do trabalho sério e honesto difundido pelo ideário da germanidade no Brasil.

É interessante lembrar que, neste caso de tiras cômicas elaboradas com forte conotação de denúncia, o mecanismo de humor só ocorre porque o receptor já está cultural e previamente subsidiado com os elementos colocados na piada. Ao buscar a informação contida na tira, o leitor assina um contrato de reconhecimento e assume a troca na qual se envolve. Daí a importância de se reconhecer a ambientação da trama (Castro, 1999: 2), que se dá pela informação anteriormente coletada pela mídia. Para a confecção e a leitura da charge o mecanismo é o mesmo.

5.2. Religiosidade

O que se pretende demonstrar neste item é que o imigrante alemão aparece no cenário religioso brasileiro não apenas como um elemento estranho, mas também como um intruso. Que suas práticas religiosas foram permeadas por barreiras entre católicos e protestantes e confrontos com os liberais da maçonaria, fenômenos não registrados na colônia italiana, unificada sob a fé católica. E que, por fim, sua religiosidade foi muito mais pragmática do que obediente, constantemente marcada pelo questionamento das autoridades eclesiásticas, inclusive a partir dos fiéis das congregações mais afastadas na colônia. Daí, talvez, a menor importância do tema nas tiras de Blau.

BLAU	RADICCI
3	11

5.2.1. Alemães

Ao contrário dos italianos, reunidos sob uma única fé, cristã e católica, assim como os brasileiros da época, os alemães já chegaram divididos entre católicos e protestantes. Dos 39 imigrantes que aqui desembarcaram na primeira leva, 33 eram evangélicos (correspondentes à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB - de hoje). Mais tarde, a partir de 1850, vieram também elementos liberais, maçons e anticlericais (os “Brummer” de forma especial), influenciados pelos levantes populares ocorridos na Europa na esteira da Revolução Francesa. Essa

configuração religiosa e ideológica multifacetada seria o diferencial mais gritante em relação à religiosidade da colônia italiana do RS⁵⁰.

Quando se estabeleceram em São Leopoldo, em 1824, os imigrantes alemães já vinham acompanhados do pastor Jorge Ehlers. No ano seguinte, a colônia foi contemplada com o reforço do pastor Carlos Leopoldo Voges.⁵¹ Já os católicos não contaram com a mesma sorte. Havia um vigário em São Leopoldo, mas não foi possível a sua comunicação com os fiéis e vice-versa, por causa do idioma. O religioso visitava os núcleos duas ou três vezes ao ano, rezava missas, ministrava os sacramentos e mais nada. Não tinha como influir diretamente na vida religiosa de suas ovelhas (Ullmann, 1996: 296).⁵²

Os pastores, embora falassem o alemão, também não conseguiam dar conta de sua missão, pois eram poucos para tanto trabalho. De forma que, aos domingos ou durante as festas, os colonos faziam nas escolas ou mesmo em casa as suas preces. Mas, sem assistência permanente, passaram a dar lugar para o indiferentismo e a ignorância – tanto entre protestantes quanto entre católicos (idem).

⁵⁰ Antes de 1824, todo o RS professa a fé católica, religião oficial do Império do Brasil. O Artigo V da Constituição Imperial de 25 de março de 1824 diz o seguinte: A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. Leis posteriores foram abrاندando a situação, mas isso ocorreu de fato somente após a proclamação da República, em 1889, com a separação entre a Igreja e o Estado (Müller, 1996: 246).

⁵¹ Na opinião de Hunsche (1974:165), Voges não era considerado um pastor exemplar, pois dedicava grande parte do seu tempo ao comércio e à indústria.

⁵² Na tentativa de melhorar a situação, em outubro de 1842 chegaram a Porto Alegre quatro jesuítas espanhóis enviados do Uruguai: padre Córís, padre Sató, irmão Fiol e irmão Saracco. Esses foram imediatamente incumbidos pelo vigário-geral da capital, padre Tomé de Souza, de realizar missões populares para reavivar a fé na província “onde havia muitos sacerdotes indignos”. Cobriram a região ocupada por teuto-brasileiros e descendentes, mas, a partir de 1844, quando entraram na colônia alemã, novamente esbarraram no problema do idioma. Só em 1849 chegariam três jesuítas que falavam alemão, provenientes da Áustria (Ullmann, 1996: 296)

Os ministros leigos surgidos na colônia alemã para que suprissem a falta de pastores formados que ministrassem os sacramentos, dirigissem os cultos e dessem assistência espiritual às comunidades, criariam sérios problemas às autoridades eclesiásticas oficiais. Tamanha era a precariedade dessa solução e tão obscurantista

tornou-se o quadro de pregadores leigos, que formou-se o ambiente para o surgimento de ocorrências como a seita dos Mucker⁵³, em Sapiranga, num fenômeno que Fagundes (1996: 174) aponta como “típico do enquistamento do grupo social”. O episódio, que resultou em operações militares em 1874, parece ter sido um dos raros momentos em que alemães católicos, protestantes e liberais se uniram contra um adversário comum.

5.2.1.1. Deus e o diabo na terra da promessa

Os desvios dos colonos das práticas religiosas ortodoxas, segundo correspondência enviada pelo Pastor Herman Borchard aos seus superiores na

⁵³ Durante o inverno de 1874, nas colônias alemãs ao redor de São Leopoldo, dezenas de colonos identificados como Mucker (fanáticos, santarrões, falsos beatos no dialeto *Hunsrück*) foram exterminados por forças da Guarda Nacional, do Exército e da polícia da província. Tais colonos e centenas de outros – todos membros das igrejas da área - se reuniam, desde 1868, na colônia do Padre Eterno, junto à montanha do Ferrabrás (no atual município de Sapiranga), ao redor dos sonhos de Jacobina Maurer. Quando em transe, Jacobina proferia revelações a partir das quais seu marido, João Jorge, preparava medicamentos (*pharmakons*) para um número cada vez maior de vizinhos e doentes. A intervenção militar foi articulada pela elite de origem alemã, encabeçada pelo maçom Karl Von Koseritz, diretor do “Deutsche Zeitung” de Porto Alegre, e apoiada pelos religiosos jesuítas e luteranos (Biehl, 1996: 236).

Alemanha, eram resultado da precariedade das estruturas eclesiásticas na zona de colonização⁵⁴, constantemente ameaçadas pelo liberalismo maçom e pelo proselitismo dos jesuítas. Chegado ao Brasil em 1865 para organizar o rebanho protestante, o religioso acreditava que a reação deveria ser imediata e urgente, através da importação de pastores com formação teológica e missionária alemã, e administrar o indiferentismo das comunidades (idem: 230). Aqui parece estar configurado um choque no cenário religioso da colônia alemã, que é o dos protestantes contra os católicos e os liberais ligados à maçonaria, estes últimos insuflados pelo sentimento anticlerical. Assim sendo, é de se supor que o confronto também tenha ocorrido entre católicos e liberais.

Os alemães católicos, por terem imigrado para um Brasil também oficialmente católico, provavelmente também tiveram uma integração religiosa menos desgastante do que os evangélicos. Não se digladiavam em discussões sobre a vinculação entre Igreja e Estado, como ocorria entre os evangélicos na época do império. Estes, por sua vez, justamente por serem discriminados pela diferença confessional, viram na religiosidade um elemento adicional de germanidade ou “Deutschum”, isto é, mais um aspecto diferenciador e refratário à integração à comunidade brasileira.

A chegada de novos religiosos ordenados, tanto católicos (jesuítas) quanto protestantes, foi marcado pelo forte incremento da rede de ensino, considerada

⁵⁴ Dirigentes de Berlim informavam que, até a chegada de Borchard, muitos colonos já passavam de 30 anos vivendo sem qualquer pregação e sem qualquer professor para suas crianças, sendo freqüentemente atendidos por indivíduos depravados, que indecentemente abusaram do ofício a eles conferido, a ponto de o pastor e o ofício pastoral serem desprezados (Biehl, 1996: 232).

estratégica para arrebanhar fiéis. A significativa escolarização da colônia foi saudada pelas lideranças do germanismo local (idem: 233). Mas o fenômeno realmente ganhou corpo a partir de 1850, com a chegada dos “Brummer”, politizados e imbuídos pelo ideário liberal e democrático. Estes viam a educação, mais do que um recurso de cooptação religiosa, como um instrumento de participação social e política, de acesso à cidadania.

Embora os maçons ou liberais não estejam representados como partidários de grupos religiosos, não se deve desprezar essa triangulação de oposições que se completa com as igrejas católica e protestante. O elemento anticlerical parece cumprir uma tarefa polemizadora e de provocação no cenário colonial alemão. Ora católicos e protestantes se confrontam e, de uma ou de outra parte, há o apoio dos liberais, ora as duas igrejas se unem para lutar contra o materialismo disseminado pelos maçons. Além disso, talvez não seja demais especular a idéia de que os liberais tiveram uma função reguladora na configuração cultural da sociedade colonial alemã. Sua participação teria contribuído para que a hierarquização de valores não fosse demasiadamente influenciada pela igreja, mas sim, também, permeada pela realidade terrena, secular, numa espécie de reavivamento iluminista na mata.

A título de síntese, pode-se observar que os imigrantes alemães chegaram ao RS divididos do ponto de vista religioso, entre **católicos** e **evangélicos**, sendo que um outro tipo de valor entrou nesse cenário como contraponto, representado pelo **anticlericalismo** dos **liberais** e **maçons** vindos com os “Brummers” a partir de 1850. Ao passo que os católicos trataram de se integrar com a religião oficial do Brasil, diferindo conceitos entre **pátria** e **religião**, os protestantes, por sua vez, ao se verem

discriminados não só pela nacionalidade, mas também pela confissão religiosa, viram na religiosidade mais um instrumento de **germanidade** ou “**Deutschum**”. Os católicos chegaram em minoria e também em desvantagem no que se refere ao **acompanhamento pastoral**. Enquanto os evangélicos já traziam um pastor na primeira leva de imigrantes, os católicos ficaram muito tempo lutando com **barreiras idiomáticas** até que fossem atendidos. Mesmo assim, diante do grande trabalho a ser desenvolvido na colônia, houve carência de religiosos, de forma que as igrejas, de maneira especial a evangélica, se viram obrigadas a instituir **ministros leigos** nas povoações mais distantes, o que teria provocado **desvios** normativos, litúrgicos e confessionais a ponto de levar a um conflito, como foi a **guerra dos Mucker**, em 1874, em Sapiranga. A situação só foi regularizada com a vinda de pastores formados e ordenados na Alemanha e a organização do **Sínodo Rio-grandense**. Atuando junto aos colonos católicos, a ordem religiosa mais atuante foi a dos **jesuítas**.

5.2.2. Italianos

“Os pioneiros italianos vieram para o Rio Grande do Sul para aqui ficar até o último dos seus dias terrenos, criando uma nova civilização, assente no trabalho pertinaz, *na robusta fé católica* (grifo nosso) e no mais profundo respeito às leis” (Marcon, 1996: 45). Essa religião firme e consistente que os imigrantes trouxeram da Itália era de origem rural, profundamente marcada pelas decisões do Concílio de

Trento⁵⁵. Tratava-se, pois, de um catolicismo não questionado pelos fiéis. Livre de perguntas teóricas, a religião voltava-se para o esplendor externo dos ritos e para a orientação da vida, dependendo essencialmente do sacerdote que ministrava o culto (De Boni, 1994: 100).

Chegando ao Brasil, os colonos italianos se viram perdidos na mata, apartados da sociedade gaúcha, sem terem como voltar à Europa, e arriscavam perder suas referências culturais e étnicas. O fator que lhes permitiu a reconstrução do mundo cultural e a superação da crise inicial foi a religião (idem). Não sendo nem brasileiros e nem italianos (a unificação da Itália ainda estava em processo de consolidação), a religião católica, em suas manifestações cotidianas e festivas, é que tratou de unificá-los (Manfroi, 1975: 258).

De Boni (1994: 101) observa que, graças ao sistema de capelas, a religião cumpriu seu papel entre os colonos. Ao redor da capela passou a girar não só a vida religiosa, mas também a vida social. Num ambiente em que o único sistema de referência é o sagrado, em que as normas e valores profanos legitimam-se pelas normas e valores religiosos, a construção da capela é revestida da maior importância. Grandes disputas sociais giraram ao redor do local de construção, do material a ser empregado na obra, do santo a ser escolhido para padroeiro e assim por diante. Ao redor da capela cresceu a bodega, o salão de festas, a cancha de bochas e o cemitério.

⁵⁵ Realizado entre 1545 e 1563, integrava as ações da Contra-Reforma. Reforçou a Inquisição, que levou os hereges a morrer na fogueira. Combateu a imprensa, considerada veículo de expansão da heresia. Inspirou a publicação do primeiro *index* de livros proibidos. Multiplicou quadros e estátuas da Virgem Maria, dos santos, anjos e mártires, num esforço para inflamar as emoções dos verdadeiros crentes, desembocando em um estilo de arte conhecido como Barroco (“História do Homem nos últimos dois milhões de anos”, Lisboa: Seleções do Reader’s Digest, 1975: 236).

Na ausência de ministros oficiais, a missa era dirigida por um leigo do próprio grupo, geralmente antigo sacristão na Itália, ou que apresentasse conhecimentos de latim e dos atos litúrgicos, com ilibadas qualidades morais e provindo de família que não destoasse dos valores sociais aceitos. Os padres leigos das capelas da colonização italiana no RS, pelo que informam os registros da literatura até aqui percorrida, não apresentaram problemas para as autoridades eclesiásticas católicas em termos de desvios confessionais, litúrgicos, dogmáticos ou de qualquer outra ordem, como ocorreu entre os alemães evangélicos. Pelo contrário, o sistema de capelas foi a alternativa encontrada pelos colonos em conjunto com a igreja para manter viva a chama da fé católica, profundamente inculcada nos imigrantes. Trata-se de um fenômeno típico da colonização:

A capela diferia das formas tradicionais de administração religiosa no Brasil. Não se assemelhava à paróquia, cuja instituição dependia de um ato da autoridade eclesiástica e cuja direção era confiada a um padre nomeado pelo bispo (...) A capela foi uma realização espontânea do grupo e, como tal, se organizou, traçou normas, escolheu dirigentes que se sentiam responsáveis por ela. Um modo diferente de organização social, alicerçado na igualdade dos membros, na pequena propriedade, na policultura e no trabalho familiar, teve também uma forma diferente de vida religiosa (De Boni apud De Boni, 1994: 102).

5.2.2.1. O onipresente olhar de Deus

Chama atenção o grande controle social exercido pela comunidade sobre seus membros, não tanto pela ação do clero, então escasso, mas sim através das normas da religião internalizadas pelo conjunto da população. Como o controle era exercido pelo grupo todo, terminava por ser considerado natural (De Boni, 1996: 102).

A fé católica da colônia italiana estava aparentemente longe das heresias, inspirada num quadro teórico estrategicamente estruturado, e voltava-se para a grandiosidade do culto e a vida correta. Eram festas solenes, altares iluminados, procissões com grande alegoria, sermões arrebatadores, conformando uma simbologia a serviço do controle social da comunidade. Assim como as festividades, também as punições eram impostas sob o prisma da religiosidade. Talvez por isso as comunidades rurais das colônias tenham conseguido subsistir por tanto tempo sem estruturas judiciais ou penais civis. Ser excluído da solenidade da Eucaristia poderia significar uma sanção pesadíssima, mas eficaz. Organizadas no domínio do simbólico, as comunidades asseguravam o controle social na esfera preventiva (Kreutz, 1996: 147).⁵⁶

Apesar desse controle, não existia o espírito missionário ou o proselitismo verificado na colônia alemã, pois não havia a quem anunciar a Boa Nova ou quem conquistar para a fé cristã. Nas eventuais “missões”, em que eram ouvidos sacerdotes vindos de fora, o propósito era reforçar ainda mais a vivência religiosa da população e garantir que ninguém ficasse anos sem se confessar. Dentro de um cenário sacralizado como este, a maior diferença que ocorria era entre os praticantes do catolicismo típico, com seus chamados à perfeição, e os que se situavam no patamar logo abaixo disso, que praticavam apenas os preceitos, mas não os conselhos da vida cristã. Isso não queria dizer que os demais tivessem uma vida facilitada. Muito pelo contrário, exigia-se de todos uma ferrenha disciplina, que muito contribuiu para que

⁵⁶ Trata-se de um aspecto consolidado na colônia alemã do RS pelo estreito vínculo entre a escola e a igreja. Esse domínio do simbólico não ocorreria de forma tão efetiva e padronizada nos mais de mil núcleos rurais se não houvesse um acentuado projeto cultural e uma forte estrutura comunicativa, com ampla rede de associações, criadas e dinamizadas numa perspectiva comum (Kreutz, 1996: 147).

os indivíduos fossem levados a uma conduta de vida bastante racionalizada (De Boni, 1996: 103).

5.2.2.2. Deus não tem pátria

Ao contrário dos protestantes alemães, os católicos italianos que chegaram no RS mantiveram uma distinção entre pátria e religião. Embora reconhecessem que seu modo de praticar o catolicismo nas capelas era peculiar, nem por isso associavam os sentimentos de religião com os de pátria. De Boni (1996: 103) diz que há explicações para tanto, “desde a falta de noção de pátria na Itália de 1870, na qual os indivíduos professavam lealdade étnica e cultural a uma região e não a um país, até o fato de que o novo reino instalara-se em oposição ao papado”. O mesmo autor ressalta que outro fator veio reforçar esta diferença entre pátria e religião: “o clero e os religiosos que acompanharam a imigração eram em grande parte de procedência não italiana.”⁵⁷

Quando chegaram os primeiros religiosos italianos, a importância maior atribuída à pátria Itália estava longe de qualquer identificação entre religião e nacionalidade. O interesse primeiro da obra religiosa⁵⁸ foi o bem-estar espiritual e material dos imigrantes (idem: 104).

⁵⁷ O primeiro sacerdote que imigrou com os colonos, padre Bartolomeu Tiecher, chegado em 1876, era tirolês (na época, era algo como ser basco dentro da Espanha). A primeira congregação religiosa a ser introduzida na colônia italiana do RS foram os palotinos alemães, que vieram substituir em parte os jesuítas alemães. Depois vieram os capuchinhos, os lassalistas, os maristas e as irmãs josefinas, todos da França. Só depois chegaram os carlistas italianos.

⁵⁸ Já na década de 1930 os interesses da Igreja Católica haviam se ramificado e tiveram importância no cenário político da colônia italiana do RS. A ordem dos Capuchinhos difundiu o ideário fascista da Ação Integralista Brasileira (AIB) e, para diminuir a ação dos sindicatos, a Igreja chegou a disputar a assistência aos operários, através de Círculos Operários.

À guisa de sumário, deve-se reconhecer que os imigrantes italianos chegaram ao RS professando **uma só religião**, ou seja, a **fé católica**. Trouxeram um catolicismo de origem **rural, rígido e inquestionável** nos seus dogmas, muito bem estruturado na sua prática popular. Os colonos, aqui chegando, abandonados e sob risco de perder a identidade, **socorreram-se na fé** trazida da Europa para superar as dificuldades iniciais. Assim, ergueram as **capelas**, pequenos templos geralmente dirigidos por **ministros leigos**, que tiveram o consentimento das autoridades eclesiásticas para cumprir o exercício de substituição nos serviços religiosos. Ao redor das capelas ergueram-se os outros componentes do núcleo social: a bodega, o salão, o cemitério. Praticavam um **rígido controle moral e social** sobre a comunidade a partir dos **ditames religiosos**, que se sustentavam a partir dos **ritos e da simbologia**. Ao contrário dos evangélicos alemães, mantiveram a **distinção entre pátria e religião**, já que vinham de uma região não definitivamente unificada e viam a religiosidade como um conforto na adversidade.

Quadro 6 – RELIGIOSIDADE

ASSUNTO	NÚMERO DE TIRAS	
	Blau	Radicci
Contribuições		6
Controle social	2	2
Dessacralização	2	3
Sub-total	4	11
Total	14	

Outro tema surgido como indicador de representação étnica foi a

RELIGIOSIDADE, cuja presença nas publicações referidas é bastante significativa. As tiras foram catalogadas pelos seguintes assuntos: **contribuições** (6), **controle social** (3), **dessacralização** (5). Do total de 14 tiras neste bloco, 11 são de Radicci e três são de Blau.

Na obra “Nós, os teuto-gaúchos”, foram localizadas 21 referências à religiosidade (num total de 57 textos), ao passo que em “Nós, os ítalo-gaúchos”, ocorrem 20 referências (num total de 46 textos). Observa-se, então, a recorrência dos autores ítalo-gaúchos – incluindo o desenhista Carlos Iotti – sobre o tema Religiosidade.

Os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul confessando uma grande fé católica, construída sobre uma origem rural, rígida e inquestionável nos seus régulos. Abandonados nos sertões gaúchos, socorreram-se na fé para enfrentar as primeiras dificuldades. A capela tornou-se o primeiro centro social dos grupos assentados, juntamente com a bodega, e o religioso era considerado autoridade máxima, coordenando um rígido controle social e moral sobre seu rebanho, exercendo um poder até hoje herdado em certos núcleos de ítalo-gaúchos.

Os alemães, por outro lado, trouxeram duas religiões desde o início da colonização: a católica e a protestante. Além dos choques entre as duas confissões dentro da própria colônia, ainda existia o confronto com o catolicismo oficial do Brasil. E um outro elemento não pode ser esquecido neste cenário, que é a presença dos liberais maçons, vindos da Alemanha após a Revolução de 1848, irradiando na nova terra suas idéias científicas e anticlericais, criando um clima de polêmica e de questionamento das autoridades eclesiásticas que não foi registrado entre os italianos.

5.2.3. Análise das tiras - Religiosidade

5.2.3.1. Contribuições

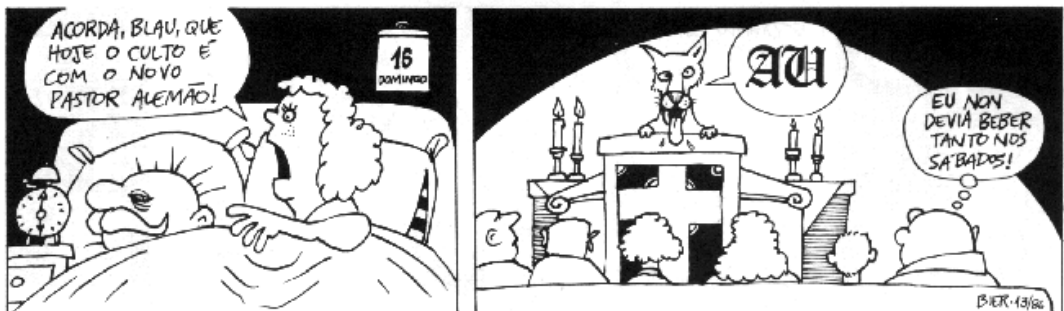




Este grupo de tiras é composto exclusivamente de tiras do ítalo-gaúcho Radicci, evocando a forte religiosidade católica da colônia italiana do estado, herança dos imigrantes. As piadas fazem a metáfora da paróquia como um cenário de comércio da salvação mediante o pagamento de donativos, sendo que o vigário seria o revendedor autorizado por Deus para intermediar as transações. A identidade étnica pode ser apontada através da autoridade representada pelo vigário, o administrador de um capital econômico, religioso, social e político, gerindo uma paróquia sustentada pela própria comunidade.

5.2.3.2. Controle social

naudeo



Duas tiras, uma para cada etnia, ilustram o assunto. O religioso é o esteio moral das comunidades (tarefa complementada pela mulher dentro do lar), e trata de cumprir o seu papel admoestando contra as transgressões. O riso chega quando o personagem afrontado faz justamente do gesto condenado uma metáfora do paraíso – o lugar onde se pode beber sossegado para sempre. A condenação dos excessos ao copo é comum na moral tanto das áreas de colônia italiana quanto de alemã. Em uma das tiras, o humor é acionado quando o padre acusa uma ruptura a partir da tolerância por ele estabelecida para comportamento na missa (não se pode roncar durante o sermão). A piada pode apontar para um aspecto bastante significativo na colônia italiana: os hábitos religiosos, às vezes, podem estar mais arraigados do que a fé propriamente dita. Radicci, apesar de cansado, ainda assim vai à missa. Blau, por sua vez, vai ao culto (a missa protestante) e patrocina um deslocamento de sentido de “pastor alemão” para arrematar a piada. Ministros religiosos que dominam o idioma alemão ainda hoje são preferidos em várias comunidades teuto-gaúchas, o que provavelmente robustece a sua liderança e autoridade na comunidade atendida.

5.2.3.3. Dessacralização



Radicci

Carlos lotti



As tiras aqui dissecadas também trazem uma piada sobre cada etnia. Ambas usam o elemento surpresa ultrapassando o limite do insólito, e provocando o humor justamente pelo inesperado de seu arremate, quando símbolos da sacralidade, como o sino e a batina negra do pároco, são transpostos para usos mundanos e banais. Duas

tiras de Radicci, contracenando com Genoveva, sua mulher, atacam a figura do padre. Radicci não gosta do padre e nem dos seus sermões, elaborando metáforas sobre o quanto um religioso pode parecer cansativo. Blau, em sua tira, também metaforicamente, demonstra que um time de futebol pode ser inosso como a religião. Embora o anticlericalismo esteja presente nos três desenhos, é entre os teuto-gaúchos que se encontra uma raiz histórica para tal comportamento. A colônia alemã era religiosamente composta por católicos e protestantes – além dos liberais e maçons, aqui chegados após a Revolução Liberal ocorrida em 1848 na Europa, reconhecidamente materialistas e anticlericais. Nas tiras, parece que a situação se inverte: Blau faz uma apresentação branda, limitando-se a uma crítica de costumes, enquanto Radicci confronta o vigário de sua capela e, quando não o faz pessoalmente, xinga o pároco diante de Genoveva, sua mulher, que sempre toma as dores da Santa Madre Igreja. A fama de pão-duro do gringo da colônia, cujas economias e sacrifícios permitiram sua sobrevivência na nova terra, se faz resgatada na dificuldade com que Radicci abre a mão no fim da missa. Doloroso gesto sempre acompanhado de uma reclamação. Resumindo: Radicci não gosta de padre, porque se vê constrangido a dar-lhe dinheiro a cada domingo.

5.3. Tino Comercial

O desafio a ser encarado neste segmento será o de tentar demonstrar que a vocação comercial é um aspecto identitário comum às duas etnias estudadas, mas cabendo aos ítalo-gaúchos o real domínio dessa prática.

BLAU	RADICCI
1	10

5.3.1. Alemães

Se os primeiros grupos de imigrantes alemães a chegarem no RS eram compostos, em boa parte, por militares destinados a defender o território ocupado diante das investidas castelhanas, também está registrado que muitos deles não eram exatamente produtores rurais. Havia pessoas instruídas em seu meio, e praticamente todos tinham conhecimentos de produção artesanal. Esses grupos, inicialmente trabalhando no minifúndio diversificado de subsistência, orientados por uma profunda ética de trabalho e solidariedade, sem ostentação e com honestidade, logo passaram a produzir excedentes, como banha, nata, carne, cereais e ovos. A produção era comercializada sem recursos financeiros, em regime de troca com o estabelecimento mais próximo, do qual o colono levava sal, café, sementes, ferramentas... Algum dinheiro eventualmente obtido era guardado para gastos urgentes e necessidades extremas. A criação também foi logo inserida na rotina colonial. Gradualmente os serviços iam surgindo: ferrarias, matadouros, moinhos, serrarias... Alfaiates, comerciantes, carreteiros, carpinteiros, marceneiros e pedreiros gozavam de grande prestígio (Lang, 1996: 18).

Os primeiros estabelecimentos comerciais da colônia eram os armazéns ou vendas.⁵⁹ Um dos exemplos preservados desse tipo de local é a Casa Schmitt-Presser, localizada em Hamburgo Velho, construída no sistema enxaimel na primeira metade do século XIX. Tratava-se de um ponto de comércio, de veiculação de mercadorias e de notícias, e também de contato com a região, a capital⁶⁰ e, enfim, com o resto do mundo (Meira, 1996: 34). O abastecimento de novidades – tanto de informações quanto de produtos – ocorria através dos eficientes “Musterreiter” (caixeiros-viajantes de comércio atacadista). Até o final do século XIX, diz Fagundes (1996: 174), caixeiro que não falasse alemão não encontrava emprego na capital gaúcha. O “Musterreiter” se popularizou andando a cavalo na colônia, comprando, vendendo e trocando, mas completamente agauchado nos seus trajes, como está registrado num famoso quadro do pintor Pedro Weingärtner, reconhecido artista teuto-gaúcho que captou com maestria o cotidiano da colônia alemã no início do século XX.⁶¹

5.3.1.1. Rumo à industrialização

⁵⁹ As colônias agrícolas alemãs, em especial a “vila ruiva” (apelido dado a São Leopoldo pelos luso-brasileiros) são os encantos dos presidentes provinciais. Graças a elas, a província conhece grande impulso econômico (Freitas, 1996: 49).

⁶⁰ Por volta de 1863, os 3 mil alemães que moram em Porto Alegre (mais de 15% da população) fazem forte concorrência aos luso-brasileiros. Cada vez mais, desbancam-nos do comércio. Os artesãos alemães competem com os escravos-de-ganho, que são o meio de vida de boa parcela dos luso-brasileiros. Estes desprezam aos alemães, porque trabalham com as próprias mãos, e os chamam de “negros”. Mas os “ruivos” não discriminam menos os brasileiros, o que, às vezes, adquire formas acintosas (Freitas, 1996: 49).

⁶¹ Pedro Weingärtner, filho de artista alemão, nasceu em Porto Alegre em 1853, mas viveu boa parte da sua vida no exterior, onde construiu uma carreira consagrada.

À medida que o trabalho na colônia produzia excedentes, ia sendo colocado no mercado nacional um número crescente de mercadorias, preparando o terreno para o desenvolvimento industrial do RS.

A existência de uma infra-estrutura de transporte e de comércio razoável fazia com que cada uma delas fizesse parte de um polo supracomunitário. Como todos os rios da região desembocavam no Guaíba, estabeleceu-se uma confluência comum que terminava na capital do Estado e no seu porto internacional (Rambo, 1996: 199).

Desde 1880 prosperam firmas em Rio Grande e Porto Alegre, fundadas por produtores rurais alemães que enriqueceram.⁶² São eles que dotam o RS de organização comercial. Fazem com que a Alemanha, depois de ser seu principal fornecedor, se torne seu principal cliente. Controlando grandes associações profissionais e assegurando a coesão e a expansão dos comerciantes teuto-gaúchos, tais comerciantes passam a representar grande poder. Este poder, representado pela alta arrecadação de impostos proporcionada aos cofres da província, dá à comunidade alemã do RS condições de negociar politicamente a sua representatividade nas instâncias políticas. No seguimento desse percurso, as primeiras grandes indústrias são fundadas por alemães ou teuto-gaúchos que, graças ao comércio, haviam acumulado capitais (Roche, 1969: 504).

Resumindo, coube aos imigrantes alemães e seus descendentes **organizar a teia comercial do RS** e também instalar na província seu **primeiro parque industrial**. Partiram da comercialização de **excedentes da lavoura** e, à medida que

⁶² Os comerciantes constituem a única classe rural que enriqueceu na colônia alemã do RS (Roche, 1969: 575)

alguns colonos acumulavam capital, instalavam fábricas e unidades de **beneficiamento** para **exportação**, com representações comerciais em Rio Grande e Porto Alegre. A **Alemanha** passou de grande fornecedor a grande **cliente**.

5.3.2. Italianos

Nas zonas de colonização do RS, os alemães e os italianos eram os segmentos de maior status, relegando os poloneses a um plano menos significativo. Os dois grupos podiam ser reconhecidos por sua dedicação ao trabalho, mas, se os alemães eram mais exemplares nesse ponto, os italianos, por sua vez, parecem mais adaptados às modernizações, transferindo para *a educação* o ideal de trabalho e utilizando-o como forma de ascensão social (Weber, 1996: 58). O propósito de enriquecer e, dessa maneira, mais facilmente se integrar à comunidade brasileira como pessoa respeitada, esteve presente entre os imigrantes desde o início da colonização.

Caxias do Sul está para os colonos italianos como São Leopoldo está para os alemães. Caxias transformou-se em importante centro de produção agrícola e de intenso comércio na província, impondo-se como entreposto entre os Campos de Cima da Serra, as colônias do Nordeste do estado e Porto Alegre. Essa condição lhe permitiu uma certa autonomia perante as cidades vizinhas, ao mesmo tempo que fortaleceu a sua rede de comércio, garantindo sua expansão econômica (Heredia, 1996: 210).

O desenvolvimento experimentado por Caxias do Sul pode ser atribuído, em grande parte, à introdução de colonos italianos originalmente instalados em Buenos Aires e Montevideú, transferindo para o RS um contingente não de agricultores, mas sim de pessoas afeitas a atividades típicas da zona urbana, que terminaram por se disseminar por várias cidades gaúchas. Havia nesse grupo um grande número de comerciantes, mas poucos importadores/exportadores e atacadistas, a maioria

exercendo atividades no pequeno comércio (Constantino, 1994: 95). Ao passo que a maior parte dos assentamentos dava atendimento à vocação rural dos imigrantes vindos diretamente da Itália, o grupo atraído do Prata trazia o trabalhador com perfil diferenciado.

5.3.2.1. Dupla ética

Embora os alemães tenham organizado o comércio gaúcho e dado o impulso para a industrialização do RS, pode-se supor que, gradativamente, os italianos vão ocupando nichos do cenário comercial que nem alemães ou quaisquer outras etnias conseguiram preencher, com reflexos até nossos dias⁶³. Um exemplo do caso pode ser ilustrado com a vociferação de um senhor de origem alemã, residente em Ijuí, lamentando a hegemonia empresarial da localidade perdida para os italianos na década de 1970: “a máfia está tomando conta da cidade” (Weber, 1996: 58). O pejorativo contido no termo “máfia” pode ser um indicador diferencial da forma de fazer comércio entre teutos e ítalo-gaúchos

Não que os teuto-gaúchos tenham sido desbancados, mas é prudente considerar que, embora chegando à província 50 anos depois dos alemães, os italianos ocuparam um espaço comercial e industrial respeitável. Uma questão cultural aparentemente significativa desponta para justificar tamanho avanço em um espaço de tempo relativamente exíguo. No texto intitulado “Matrizes”, da obra “Nós,

⁶³ As “Churrascarias Gaúchas” hoje espalhadas pelo Brasil inteiro geralmente são abertas e administradas por *italo*-gaúchos. No século XIX, o Conselho Municipal de Porto Alegre queixava-se

os ítalo-gaúchos”, um prosaico comentário entre marido e mulher, referindo-se a um “negocinho bom” feito pelo homem, realizado com esperteza e levando vantagens, “já que é do estúpido a perda e o prejuízo” (Dotti, 1996: 100), pode ser extremamente revelador. Aqui parece despontar a pista de uma ética diferenciada e – mais do que isso – deveras utilitária num ambiente agressivo e sem muitas alternativas, particularmente como era o da colônia dos primeiros tempos.

Uma vocação comercial burilada há milênios parece estar apontando, também, para as práticas comerciais dos imigrantes italianos e seus descendentes no RS. Diz

Cademartori (1996: 58) que “os peninsulares exerceram desde sempre o que Gramsci denominou de função cosmopolita”. Isto é, circularam pelo mundo como mercadores, negociando com todos os povos do Mediterrâneo e, no tempo das Cruzadas, intermediando o comércio entre o Oriente e o Ocidente. O poderio de Veneza, conquistado ao longo dos tempos, pode testemunhar tamanho intercâmbio. Aliás, é da região de Veneza que surge o idioma oficial da Itália unificada. Também é do norte da Itália que partiu a grande maioria dos imigrantes com destino ao Brasil.

Sobre essa vocação comercial e sua herança secular, Costa e De Boni (1996: 20) são bastante esclarecedores:

Investir, fazer negócios, ganhar dinheiro, nisto nos julgamos mesmo insuperáveis. Para falar na nossa competência no ramo, observamos com orgulho que não houve firma de judeu que tenha conseguido sobreviver em Caxias do Sul. Admitimos, com toda franqueza, que nossos métodos nem sempre são os mais honestos, ou melhor, que a gente, para vencer na vida, tem que ser “furbo”

de que os italianos haviam se adonado do comércio de carne na cidade, com prejuízo para os consumidores (Costa e De Boni, 1996: 19).

(astuto), descobrir o furo da lei, sonegar sempre que possível, pedir concordata na hora certa, “ciavar i baúchi” (enganar os tolos), que podem ser nossos familiares ou sócios.

Talvez isso justifique o fato de que, por trás da religiosidade fervorosa, existam outras motivações, como a daqueles que, tendo enganado o próximo,⁶⁴ logo a seguir se mostram tão generosos em seus donativos à Igreja (idem: 21).

A vida dos imigrantes italianos estava determinada por uma ótica religiosa e sacral do mundo. À medida que alguns vão acumulando riqueza, ou passam à viver como classe média, acentuam-se as diferenças dentro do grupo, surgem as classes sociais e se faz necessária a redefinição de valores. Se, por um lado, não se haveria de abandonar a fé herdada, por outro, era preciso romper os laços de solidariedade grupal dos primeiros tempos: A solução foi a adoção da dupla ética – capaz de responder tanto à religiosidade voltada para um Deus separado dos homens, quanto à ambição de acumular fortuna. O mesmo comerciante que auxiliara um colono em dificuldades, nada exigindo dele, não julgava errado se, mais tarde, nas transações comerciais, o enganasse escandalosamente. Desse modo, o catolicismo da imigração italiana, de maneira geral, deixou de ser uma religião que dominava a vida em seu todo e passou a ser uma religião separada da vida. Um fruto não desejado do crescimento econômico da colônia (De Boni, 1994: 106).

O surgimento dessa nova concepção também mostrou outro lado indesejável, que coincidiu com o aumento da pobreza registrada entre os imigrantes. Por volta de 1893, o jornalista Ambrose Bierce, que cobria a Revolução Federalista para um

⁶⁴ Uma obra de Ítalo Balen, intitulada **Os pesos e as medidas**, com base no fato de uma encomenda à França de pesos oficiais, encaminhada pelo intendente de Caxias, para controlar os pesos utilizados nas balanças dos comerciantes locais, capta essa personalidade. Havia quilo de 750 gramas para cima,

jornal dos Estados unidos, surpreendeu-se ao ver famílias de imigrantes italianos reduzidas à mendicância⁶⁵ nas ruas de Porto Alegre (Freitas, 1999: 32).

Concluindo, pode-se dizer que, quando os imigrantes italianos chegaram ao RS, os alemães já haviam desenvolvido uma rede comercial e de escoamento de produtos agrícolas e manufaturados até a capital gaúcha. Como eram **agricultores**, em sua grande maioria, não teriam conseguido atuar imediatamente na indústria que surgia, nas mãos dos alemães, e é de se supor que tenham ficado entre a agricultura e o **comércio** nos **centros urbanos**. Por não serem artesãos, não desenvolveram imediatamente uma atividade fabril ou industrial, mas se aplicaram no comércio, sua **grande tradição desde a antigüidade** na península ibérica. A serviço dessa vocação comercial, trouxeram uma **dupla ética**, que não inclui a moral cristã nas transações e negócios.

Quadro 7 - TINO COMERCIAL

ASSUNTO	NÚMERO DE TIRAS	
	Blau	Radicci
Astúcia	1	8
Dívidas	0	2
Sub-total	1	10
Total	11	

mas para tudo existia explicação: liberdade de comércio, pesos gastos pelo uso, ingerência de franceses em assuntos brasileiros, etc. (Costa, 1996: 20)

⁶⁵ Uma charge publicada em jornal satírico ("O Fígaro") de 1878, na capital gaúcha, mostra um grupo de homens pequeninos assediando um transeunte. Diz a legenda: "Os vendedores de loteria chegam aos bandos da Calábria e assaltam o povo. Onde está a polícia, que não vê essa invasão de gafanhotos impertinentes"? (Constantino, 1994: 94).

Este bloco é composto por 11 tiras: 10 de Radicci e uma de Blau. Sua classificação está assim colocada: **astúcia** (9) e **dívidas** (2).

Foram encontradas 11 abordagens sobre comércio em “Nós, os ítalo-gaúchos” (em um total de 46 textos) e 12 em “Nós, os teuto-gaúchos” (em um total de 57 textos) .

A historiografia atribui aos imigrantes alemães e seus descendentes a organização e o desenvolvimento comercial do RS, bem como a estruturação de toda uma rede de escoamento da produção até os portos exportadores de Porto Alegre e Rio Grande. Mas, no início de toda essa rede, ainda pode ser encontrada uma célula cujo funcionamento original reproduz as características dos primeiros tempos da colonização. Trata-se do armazém dos alemães ou a bodega dos italianos, instituição tão importante para o desenvolvimento econômico de cada núcleo quanto era a igreja para o amparo espiritual das almas. Nas regiões mais afastadas da zona colonial ainda podem ser encontradas casas comerciais cumprindo tal funcionamento.

Muitas vezes iniciando as atividades com alguns litros de aguardente e poucos metros de tecido, esses pequeninos estabelecimentos comerciais deram suporte fundamental para a organização econômica das colônias. Num primeiro momento, diante da falta de capital corrente, faziam do escambo e da troca sua moeda de transação. Ao lado da igreja ou da capela, também possibilitaram o espaço social para que as comunidades prosperassem e se integrassem gradativamente ao sistema produtivo nacional.

5.3.3. Análise das tiras – Tino comercial

5.3.3.1. Astúcia





A maior parte das tiras deste conjunto têm funcionamento provocador de humor semelhante, com o exagero e o inesperado criando um efeito divertido. Os mecanismos de efeito contraditório, os chistes com sentidos complementares

inesperados (que evocam Freud), bem como a metáfora e o deslocamento de sentidos, todos os mecanismos podem ser localizados neste grupo. Chama atenção a velhacaria do comerciante que, na cultura dos ítalo-gaúchos, compõe toda uma configuração pouco ligada à moral ou a ética e muito conectada à vocação para fazer negócios. Um dos textos localizado em “Nós, os ítalo-gaúchos” menciona a valorização da astúcia de alguém ao levar vantagem sobre outra pessoa no negócio, como se tal capacidade fosse um talento ou uma dádiva. A postura deve estar ligada a todos os povos cuja história esteja ligada a uma antiga herança de transações comerciais, como é o caso dos grupos humanos peninsulares que, desde dois mil anos antes de Cristo, já negociavam com navegadores que saíam do Mediterrâneo para circunavegar a África.

5.3.3.2. Dívidas



As duas tiras mostram Radicci contracenando com o bodegueiro. Em ambos os casos, Radicci deve mais do que havia calculado. No primeiro, a piada faz rir pela ruptura com o senso comum, criando uma saída inesperada e exagerada. No segundo, cria no microcosmo rural da colônia uma metáfora da falência dos países pobres diante do FMI. O armazém é o centro do mundo comercial da colônia. E, funcionando como uma conta de banco, lá dentro, sob o controle do bodegueiro, está a caderneta de compras. Botar as despesas na conta e pagar no fim do mês – ou quando é vendida a safra, por exemplo – parece que ainda é uma prática consagrada desde antigamente. E igualmente arriscada.

5.4 A Relação Imigrante X Gaúcho

Este bloco se propõe a demonstrar que o contato entre os grupos étnicos italiano e alemão com o gaúcho primitivo não transcorreu de forma cordata e confortável. Pelo contrário, o processo foi marcado por choques culturais que desandavam para a agressão física e até a morte. Por outro lado, e em outras circunstâncias, os grupos viam nas diferenças elementos de admiração e respeito. Mas parece que só o tempo e a boa vontade de todas as partes permitiu uma integração que hoje tem por ilustração maior a participação dos ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos repartindo o mesmo culto às tradições campeiras dos rio-grandenses primitivos nos galpões dos CTGs.

Se forem levadas em consideração as tiras cômicas da pesquisa, o contato do italiano com o gaúcho primitivo foi insignificante ou desvalorizado. Mas as referências à integração na obra “Nós, os ítalo-gaúchos” demonstram que a integração foi uma realidade na zona de colonização.

BLAU	RADICCI
18	0

5.4.1. Alemães

O contato do elemento alemão com o gaúcho típico da região meridional do Brasil se dá antes do início da imigração colonizadora, na primeira metade do século XVIII. O território ainda era disputado por Espanha e Portugal, num cenário de fronteiras extremamente flexíveis. As forças militares e demarcatórias portuguesas contavam com alemães e italianos em seus efetivos, muitos deles aproveitados nos serviços de suporte técnico e logístico. Se os alemães eram os preferidos em estratégia e medicina, os italianos inspiravam respeito como engenheiros e se notabilizaram pela precisão dos trabalhos de cartografia (Constantino, 1994: 91).

O gaúcho referido neste texto, com o qual os demarcadores lusitanos tiveram contato depois da Guerra Guaranítica (1750-1756), é aquele tipo andarilho surgido nos primeiros tempos (a partir do século XVIII), mistura de índio, espanhol e

português, que percorria a região em busca de couro e sebo⁶⁶. Também é aquele sujeito que realizava incursões em território inimigo trazendo gado⁶⁷. Ou, ainda, o tropeiro que abriu os caminhos para integrar a futura província ao Brasil. Além disso, o gaúcho foi arregimentado por estancieiros e atuou nas linhas de frente de todos os conflitos da região (Maciel, 1994: 34). O que dele resta, hoje, é a figura do peão a serviço das fazendas de gado, atuando nas lides características do ramo, como a doma, o pastoreio e a marcação. O tipo emblemático dos primeiros tempos vai desaparecendo à medida que a campanha, a mais tradicional área de pecuária do RS - região das estâncias – começa a perder a hegemonia econômica e política. A incorporação dos antigos gaúchos como peões de estâncias determinou o seu desaparecimento.

Deve-se supor que o gaúcho encontrado pelos imigrantes alemães nos primeiros anos da colônia (entre 1824 e 1870) ainda era do tipo nômade e guerreiro.

Durante a Guerra Cisplatina, um ano após a sua chegada, os alemães já lutavam a serviço do império ao lado de gaúchos brasileiros e contra gaúchos castelhanos. A seguir, na Guerra do Paraguai, alemães e gaúchos estavam ombro a

⁶⁶ O tipo humano gaúcho, nos primeiros tempos de ocupação e colonização, era considerado um marginal, um fora da lei, percorrendo a terra de ninguém que era o antigo Rio grande do Sul. Descrito como um homem mestiço e nômade, geralmente acampado nos arredores de estâncias e charqueadas, excelente cavaleiro, jogador e guerreiro, vivia sem chefes, sem leis, sem polícia, sendo desprovido de moral social, respeitando apenas a propriedade de quem lhe faz benefício ou quem o emprega (Maciel, 1994: 36).

⁶⁷ Uma das primeiras descrições desses indivíduos nos chega através do general alemão J. H. Boehm, que comandava tropas portuguesas e assim relatava em 1777: “O objetivo desta comissão é o de trazer gado que abunda nestas campanhas até além de Santa Tecla, o que é feito por camponeses voluntários chamados de gaudérios e que só servem nestas ocasiões... (Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande, vol III, Rio de Janeiro, IHGB/IGHMB, 1979: 164).

ombro enfrentando Solano López, e assim deve ter sido em todos os demais conflitos armados da região.⁶⁸

No mesmo cenário o imigrante encontrava o elemento africano, inicialmente reduzido à condição de escravo, cuja mão-de-obra foi fundamental para a manutenção de economia pastoril da província. Mantido na indigência mesmo quando obtinha a liberdade, o afro-gaúcho só ascendia socialmente quando engajado nas tropas dos caudilhos, embora ainda assim permanecesse em condição de inferioridade (Maestri, 1994: 137).

Nas duas primeiras décadas do século XX, a zona colonial do Alto Taquari, que vamos tomar como ponto de referência pela disponibilidade de dados, contava com uma população de aproximadamente 15% de “brasileiros” (de sangue e idioma português) e 5% de negros e mulatos, ao passo que os alemães estimavam 80% (Hessel, 1996: 51). Os gaúchos, ou homens do campo, como designa Hessel (*idem*: 55), apareciam periodicamente na região, conduzindo tropas de cavalos ou bois para vender. Trajavam “à gaúcha” e eram admirados pelos colonos por sua destreza e franqueza.⁶⁹ Não eram designados como gaúchos, mas sim como tropeiros.

⁶⁸ Na Revolução Federalista (1893-1895), os gaúchos ainda eram párias empregados como força de combate e chama a atenção o fato de o caudilho maragato Gumercindo Saraiva ter em suas tropas não apenas castelhanos e brasileiros – sua família tinha fazendas nos dois lados da fronteira -, mas também poloneses, italianos e alemães, geralmente recrutados a força nas colônias, sendo que **todos se comunicavam na língua espanhola** (grifo nosso), que era dominada pelo líder (Freitas, 1999: 153).

⁶⁹ A rudeza da fala direta, típica dos alemães, pode ter encontrado identificação com a conversa franca e sem rodeios dos tropeiros. Mas essa admiração deve ter se consolidado alguns anos após a chegada dos alemães. Érico Veríssimo, no painel da colonização do RS que reconstrói na obra **O tempo e o vento**, em várias passagens refere-se ao sentimento de aversão dos rio-grandenses diante da chegada dos imigrantes alemães, pois nunca tinham visto alguém falar outra língua ou vestindo-se com trajes diferentes dos usuais na região (Bernd, 1994:142).

O garbo dos ginetes exercia um fascínio particular sobre o imigrante alemão: junto com a posse da terra, uma prerrogativa antes só permitida aos nobres e à aristocracia rural da Alemanha, também puderam adquirir cavalos para montaria. A mobilidade social no Brasil era outra, permitindo ao colono o acesso aos símbolos de respeito e prosperidade impossíveis de serem alcançados na velha Europa (Maciel, 1994: 40).⁷⁰

Tal e qual os tropeiros entravam nas colônias para vender seus rebanhos, também os comerciantes alemães – os “musterreiter” ou caixeiros-viajantes – cruzavam as estradas e picadas para vender seus produtos. Viajavam a cavalo, completamente adaptados nos seus trajes, ou “agauchados”, como bem observa Fagundes (1996: 174). Reforçando este fenômeno, Dillenburg (1996: 272) nota que, no sul, “a assimilação de hábitos diversos, pelos teutos, como o uso do chimarrão, da gíria, do vestuário, entre outros, assim como a participação dos lusos nas festas típicas alemãs e italianas, por exemplo”⁷¹, atestam uma assimilação que está muito mais próxima do que entre sulinos e nordestinos.

Flores (1996: 279) aponta que, em 1850, Joseph Hörmeyer traçou o retrato do colono, afirmando que o operário alemão era apreciado pelos brasileiros por sua diligência e habilidade, mas “pouco estimado por causa da sua pouca instrução, sua ganância e inclinação à bebida”, já que, nas colônias, havia *kerbs* quase todas as semanas em algum lugar. Por outro lado, Madame von Langedonck, em 1857,

⁷⁰ Os valores estabelecidos na região eram gado-guerra e cavaleiro-guerreiro. Chegados ao Rio Grande latifundiário e pastoril para realizar uma agricultura com base na pequena propriedade familiar, os colonos viram-se condicionados a uma posição de inferioridade, pois não estavam ligados às atividades campeiras (Maciel, 1994: 40).

considera os habitantes de Porto Alegre um povo um pouco indolente, mas dócil, benevolente e de uma boa fé incontestável, ao passo que os alemães, por sua perseverança e trabalho, logo alcançavam fortuna. Embora tais apontamentos tenham sido emitidos por alemães e tenham por pano de fundo o cenário urbano, deve-se supor que os mesmos valores também valiam no contato dos alemães das colônias com os gaúchos ou tropeiros.

Talvez seja correto acreditar que a consolidação integradora tão almejada por Koseritz tenha se dado às vésperas da Segunda Guerra, não pela repressão ao “aliados do Eixo” ou pela campanha nacionalizadora do Estado Novo, mas sim pela eloqüente manifestação de brasilidade proferida de dentro da própria colônia alemã. Segundo Fagundes (1996: 175), a maior demonstração de amor pátrio seria dada em 1938, quando a propaganda nazista procurava arregimentar partidários entre a juventude da colônia. Em Lomba Grande (área de São Leopoldo), alguns netos de colonos se

revoltaram contra essa vinculação de sangue com a Alemanha, defendida pela propaganda de Hitler, e fundaram a Sociedade Gaúcha Lomba-grandense, uma associação tradicionalista pré-CTG, atuante até nossos dias. Na esteira dessa iniciativa, outras associações semelhantes brotaram nas colônias alemãs. Em 1943 surgiu o Clube Farroupilha, em Ijuí, por exemplo. Só em 1948 é que se funda o primeiro CTG, que é o famoso “35”, em Porto Alegre, marcando a Fundação do MTG. Todas as manifestações se dão a partir do gaúcho tradicional, campeiro e bravio, diretamente ligado ao meio rural.

⁷¹ Trata-se de uma tolerância construída depois das refregas das duas grandes guerras, onde as

O gaúcho do tipo social, o homem do campo ligado à atividade pastoril, permanece como figura emblemática, representando o homem livre – assim como o colono tenaz e trabalhador. Para Maciel (1994: 42),

tanto num caso como no outro, essas figuras cumprem um papel de identificação do grupo. A valorização das origens, resgatando assim aquilo que se convencionou chamar de raízes, faz com que seja afirmada uma identidade. As duas figuras são fortes de maneiras diferentes. Ambas mostram alguém que é capaz de “domar a natureza”, seja através do trabalho com o boi, seja através do trabalho com a terra. Cada um a seu modo, essas figuras transmitem idéias de coragem e a imagem dos desbravadores.

O **contato** entre o elemento alemão e o gaúcho primitivo já havia ocorrido **antes** da chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil, em 1824. Via de regra, antes e depois disso o convívio entre os dois grupos ocorreu durante **operações militares**, tanto de combate quanto de ocupação e demarcação territorial. Em termos de modos de vida, houve o **choque** entre o **gaúcho guerreiro**, ligado às lides do pastoreio e das estâncias, desenvolvidas sobre o latifúndio escravocrata, e o **imigrante alemão, artesão** e pequeno agricultor, assentado em minifúndios e trabalhando com mão-de-obra familiar. A **posse da terra** e o direito a um animal de **montaria** – símbolos acessíveis apenas à aristocracia rural da Alemanha – foram alcançados por praticamente todo colono aqui estabelecido. Houve uma **admiração mútua** de parte a parte: os gaúchos admiravam os alemães pelo trabalho e os alemães os apreciavam pelo garbo à montaria e a conversa franca. A **integração** entre os grupos parece ter sido **mais harmoniosa** a partir de valores e ambientações **rurais** do que no cenário

diferenças eram razão para agressões mútuas.

urbano, onde a concorrência comercial era mais acirrada e o contato diário bem mais complexo. A criação de **centros culturais gauchescos** e de CTGs a partir de elementos **alemães** ou de origem talvez atestem isso.

5.4.2. Italianos

Também o italiano já estava presente no território meridional do Brasil antes da corrente *migratória* patrocinada pelo império, como foi colocado anteriormente. Era presença constante junto às tropas portuguesas, ao lado de militares alemães. Os italianos marcaram presença, além disso, entre os padres jesuítas nos Sete Povos das Missões, quando aquela área ainda pertencia à Espanha. Mas sua presença só seria marcadamente sentida a partir do século XIX, com a participação mercenária ao lado dos revoltosos na Revolução Farroupilha, ou seja, em contato direto com o gaúcho primitivo que se alinhava às tropas da República de Piratini. Na primeira metade do século XIX, a presença italiana já não é novidade na região, pois está diretamente ligada ao comércio e aos transportes, como observa Constantino (1994: 92). A mesma autora evoca Spencer Leitman (Constantino, 1988) lembrando que, por volta de 1830, os italianos controlavam a navegação interna do Rio da Prata.⁷²

Mas foi a partir de 1875 que a imigração italiana para o Brasil ganhou caráter oficial. Por considerar o processo migratório um fenômeno relativamente curto, Tonet (1996: 62) acredita que o processo integrador ainda esteja em andamento, bem como a assimilação da identidade cultural dos ítalo-gaúchos. Isso apesar de o que esta autora chama de aculturação ter ocorrido de forma natural e espontânea, pouco depois da chegada na América. Os imigrantes italianos logo incorporaram os elementos de vestimenta do homem dos campos de Cima da Serra, adotando as

⁷² Os alemães, por sua vez, passaram a controlar a navegação interna do RS, a partir do trecho entre São Leopoldo e Porto Alegre.

botas, o pala, o lenço no pescoço e o chapéu de aba larga, bem ao estilo do traje dos tropeiros.⁷³

Houve imigrantes que se instalaram no território divisor entre a colônia da Serra e as coxilhas do Planalto Médio, adotando quase imediatamente a indumentária gaúcha – até por uma questão de praticidade. Outros hábitos parece que também foram incorporados logo. Um exemplo é apontado por Michielin (1996: 82), contando a história de seu avô, que adquiriu campos na zona de Vacaria no final do século XIX. Chegou ao lugar conduzindo uma tropa de mulas, começou a plantar e a criar bois. Ele e seus peões mateavam, comiam pinhão assado⁷⁴ na brasa de chão e faziam o churrasco.

Sendo a carne de gado um alimento fácil de ser obtido nas coxilhas gaúchas, não se deve estranhar que ela esteja no topo da pirâmide gastronômica dos rio-grandenses. Ao ser assimilada pela cozinha dos imigrantes, proporcionou um dos primeiros gestos de trocas culturais com os gaúchos, seguido pela adoção do chapéu de abas largas, a bombacha, o lenço no pescoço... (Ribeiro, 1996: 188). Já o gaúcho, por sua vez, não mostrou qualquer apetite pela passarinhada com polenta, tão apreciada pelos italianos, que não viam pecado algum em assar e comer os devastadores dos seus canteiros e hortas.

A integração parecia mais complexa e difícil quando o assunto era o casamento interétnico, ou seja entre italianos e gaúchos. O isolamento inicial dos

⁷³ Também o “talian”, idioma que se formou a partir da fusão dos diferentes dialetos trazidos da Itália com o português e as inúmeras naturalizações ocorridas testemunham a adoção da nova pátria.

⁷⁴ Alguns historiadores atribuem a esse fruto dos pinhais gaúchos a sobrevivência diante da fome sofrida pelos imigrantes alemães e italianos nos primeiros tempos das colônias.

núcleos coloniais e assentamentos não estimulava a miscigenação ou o casamento com brasileiros. Os casos registrados são típicos de grandes vazios demográficos, nos quais as necessidades de contato físico ou de união com outros seres humanos superavam os quesitos culturais ou, ainda, atendiam a interesses de heranças entre oligarquias envolvidas.⁷⁵ Por outro lado, quando gente da colônia se deslocava para áreas de ocupação étnica distinta, as barreiras talvez ficassem mais tênues. Pozenato (1996: 112) recorda a história de seu pai que, aos 18 anos de idade, foi prestar o serviço militar numa unidade de cavalaria, em Quaraí. No impulso desse movimento, aproveitou para abrasileirar seu nome e, dez anos depois, casou-se com uma moça chamada Deotila da Silva, natural de Santo Antonio da Patrulha, descendente de açorianos e índios. Mas aí ele já havia se tornado um professor radicado na cidade.

Levando em conta a localização dos CTGs, as localidades da zona de colonização italiana, agora, não diferem mais das áreas de ocupação alemã. Rigotto (1996: 49) vê essa integração com as tradições gaúchas com um olhar festivo e espontâneo: “Gostamos do fandango, ao melhor estilo campeiro, assim como de uma animada festa de igreja, introduzida na sociedade local pelos colonos que povoaram esta terra. Vibramos com as canções gauchescas, da mesma forma que veneramos as belas canções do folclore italiano, que nos proporcionam motivos de satisfação e orgulho”.

A título de sumário, deve-se lembrar que os **italianos** já estavam presentes em território gaúcho (RS e zona do Prata) **antes** do início oficial da colonização para

⁷⁵ O próprio maçom e jornalista Karl Von Koseritz uniu-se à filha de um importante luso-brasileiro. Por volta de 1855, Koseritz já estava casado com Zeferina Maria de Vasconcelos, filha de conceituado estancieiro de Pelotas (Oberacker Jr., 1961: 22).

o Brasil, em 1875. Integravam **expedições militares e de demarcação** de terras a partir do século XVIII e se faziam reconhecidos nas áreas do **comércio e da navegação pela bacia do Rio da Prata**. Uma vez aqui instalados como imigrantes, imediatamente **assumiram a indumentária** típica dos gaúchos e seus costumes mais elementares, em especial na **alimentação**. Também no Brasil logo abraçaram o **comércio**, no que devem ter sofrido menos do que os alemães, pois a **proximidade do idioma** italiano com o português possibilitava a comunicação de parte a parte, o que não era possível em relação à língua alemã. Houve imigrantes italianos que assumiram atividades econômicas dos gaúchos, como a **criação de gado e pastoreio**. Como nas áreas de alemães, a zona de colonização italiana também está hoje repleta de **CTGs**, atestando uma integração cultural do descendente de imigrantes com o ideário tradicionalista de culto aos valores e costumes do gaúcho primitivo.

Quadro 8 - A RELAÇÃO IMIGRANTE X GAÚCHO

ASSUNTO	NÚMERO DE TIRAS	
	Blau	Radicci
Separatismo	12	0
Universo regional	6	
Sub-total	18	
Total	18	

São 18 tiras apresentando piadas sobre **A RELAÇÃO IMIGRANTE X GAÚCHO** (o luso-brasileiro), cujas características se identificam com o ideário do MTG, isto é, o sujeito que veste a pilcha e tem hábitos campeiros, remetendo ao

passado pastoril e latifundiário da primeira atividade econômica do RS. Todas as tiras deste bloco são de Blau, que contracenam com o personagem **Rêgo, o Separatista**. Nenhuma tira com esse tipo de interação surge entre o italiano (Radicali) e o gaúcho. São abordados neste bloco os seguintes assuntos: **separatismo** (12) e **universo regional** (6).

No que toca ao livro-base “Nós, os ítalo-gaúchos”, os textos com referências ao contato/convívio entre italianos e gaúchos existem em número de 12 (de um total de 46). Na obra “Nós, os teuto-gaúchos” são 17 textos (de um total de 57) com referências ao contato do colono alemão e seus descendentes com o gaúcho. Algumas das referências levantadas já dizem respeito à integração cultural e social mais recente, de forma que se está dando destaque para os contatos entre os grupos em questão no período que vai do início da colonização até a eclosão da Segunda guerra.

Embora a colonização do RS por imigrantes alemães e italianos tenha se iniciado oficialmente a partir de 1824, as terras do Brasil meridional já eram cruzadas anteriormente por representantes das duas etnias, que integravam contingentes militares e demarcatórios a serviço da coroa portuguesa, ou grupos religiosos em missão por Espanha. O processo migratório pode ser apontado como um ponto divisor de épocas, depois do qual o contato com o gaúcho primitivo se deu efetivamente, e não sem choques. Mas o mesmo contato, aparentemente, já abria a estrada para a integração. O que pode ser ilustrado pela efetiva participação de elementos alemães na fundação de entidades gauchescas pré-MTG no início do século XX e, num segundo e talvez definitivo momento, durante a campanha de

arregimentação nazista, quando vários segmentos da colônia alemã do RS reagiram criando associações de caráter regionalista gaúcho.

5.4.3. Análise das tiras – A relação imigrante x gaúcho

5.4.3.1. Separatismo









O personagem que representa o gaúcho tradicional na maior parte deste bloco é Rêgo, o separatista. O separatismo nascido durante a Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, já teve o envolvimento dos imigrantes alemães tanto a favor do Império quanto junto aos farrapos. Nas 12 tiras se faz clara a intenção separatista, com a predominância de Rêgo estimulando o movimento. Mas há piadas em que Blau também reage, remetendo esta análise para a história da colônia alemã, onde o descontentamento dos imigrantes com as autoridades brasileiras poderia ter ganho proporções graves se os mesmos aproveitassem a revolta para demonstrar sua inconformidade.

5.4.3.2. Universo regional







A representatividade parece estar contemplada neste grupo. Criando uma piada pelo deslocamento de sentido, pela ruptura com o senso comum, chapa eleitoral vira chapa dentária numa trama sobre eleição em cooperativa. Foi por volta de 1900, aliás, que um imigrante alemão, o padre Theodor Amstadt, criou em Linha imperial da primeira cooperativa de crédito do RS. A iniciativa daria um novo impulso ao financiamento da ocupação e produção das colônias novas.

Outras quatro peças deste conjunto revelam o estreitamento da integração de costumes entre os teuto-gaúchos e os gaúchos tradicionais, em tramas que envolvem a preservação de ícones, intercâmbio de procedimentos curativos, prostituição e música. As tiras já se desenrolam em cenários de culturas integradas, cujos maiores exemplos são CTGs onde os descendentes de imigrantes alemães, italianos convivem com afro-gaúchos e campeiros tradicionais sob o mesmo clube.

5.5. Comida e bebida - Alemães e italianos exorcizam a fome

Os registros nas obras “Nós, os ítalo-gaúchos” e “Nós, os teuto-gaúchos” deixam claro que os imigrantes alemães e italianos do século XIX abandonaram a Europa fugindo praticamente das **mesmas** mazelas: **a fome a miséria**. São os pobres que migram, observa Cunha (1996: 256), e o fazem quando sua vida tradicional se torna difícil ou impossível. Então reúnem seus trastes, juntam os últimos recursos e partem para um lugar novo, em busca de novas esperanças. Na bagagem dessa gente vai junto uma cultura alimentar que, em contato com a nova terra, vai criar uma nova gastronomia.

5.5.1. A cultura na mesa

No ato de se alimentar, o ser humano não se difere dos outros animais. Mas o chamado *ato culinário* determina um diferencial: o ser humano é o único a cozinhar e a misturar ingredientes. E aqui se articula uma outra diferenciação entre alimento e comida, apontada por Da Matta (1986: 56), quando ele afirma que "comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer não define só aquilo que é ingerido, como também aquele que ingere". Ora, se a alimentação humana, além de significar um gesto biológico, também é um ato social e cultural, então a escolha e a consumação do alimento passa por um conjunto de fatores ecológicos, históricos, culturais, sociais e econômicos, ligados a uma rede de representações, simbolismos e rituais.

O exagero de pratos e bebidas servidos em um café colonial gaúcho ou durante um churrasco tradicional está revestido de significados diversos e que

poderão ser estudados nos detalhes em outra oportunidade. O que se quer evidenciar neste estudo é que o alimento não serve apenas para ser comido, mas também para ser pensado. Quando ingerimos nutrientes, também comemos símbolos, idéias, imagens e sonhos (Maciel, 1996: 7). Existe exemplo melhor do que a Santa Ceia?

5.5.2. A realidade e o sonho

A alimentação dos camponeses do oeste da Alemanha, por volta de 1840, era baseada em batata inglesa, alguns rábanos e, eventualmente, pão de centeio. Não havia carne nas mesas dos tecelões. Nas regiões ocidentais, as propriedades se reduziram tanto, que não bastavam para o sustento de uma vaca. O leite desapareceu da mesa, dando lugar a uma infusão de chicória. Saindo a vaca, sumiu o esterco para adubo e o animal para o arado. O trigo, que precisava ser moído e cozido, passou a dar lugar a plantas menos exigentes no preparo – e de menor poder nutritivo. Essa precarização foi acentuada com a crescente urbanização e industrialização experimentada pela Alemanha recém unificada, com a degradação do setor produtivo primário e o êxodo rural em direção às oportunidades da indústria (Cunha, 1996: 255-266).

Da mesma forma, na segunda metade do século XIX, a dieta alimentar de boa parte dos camponeses do norte da Itália, especialmente os lombardos e vênetsos, se mostrava pobre e monótona. “Polenta, couves, cebolas, almeirão silvestre refogado em banha de porco, ou temperado com toucinho frito e vinagre, constituíam a rotina alimentar dos mais pobres”, embora a carne suína, legumes frescos e leite pudessem,

eventualmente, compensar as graves condições dos deserdados e famintos (Ribeiro, 1996: 187). Mas a polenta é, na verdade, por longos períodos, o único recurso alimentar dos desvalidos, levando a uma avitaminose – a pelagra, ocasionada pela falta de nicacina, uma vitamina B encontrada na carne fresca - que se propagou assustadoramente naquelas regiões onde o milho se tornou um dos alimentos mais importantes, senão o único.⁷⁶

Não causa espanto, pois, que, diante de tão sofrível quadro, as fantasias alimentares dessas populações fossem, além das promessas de muitas terras para cultivar, o instrumento preferido dos divulgadores da imigração.

⁷⁶ No ano de 1863, o médico lombardo Ezechia Lombroso, realiza estudos sobre o estado de saúde dos camponeses vítimas da subalimentação e indica alguns possíveis remédios. Sugere que, através de leis municipais, se acrescente à farinha de milho, farinhas de castanha, de cevada e de farelo para fazer o “pão de bárbaros” que é a polenta. Ele propõe, também, que se popularize o consumo da carne, especialmente de porco, cavalo e porquinho-da-índia. Recomenda, ainda, o aproveitamento do sangue dos abatedouros, e o uso de leite, que é muito nutritivo “e melhor do que a polenta” (Ribeiro, 1996:187).

5.5.3 O País das maravilhas

Talvez um dos mais ilusórios e fantásticos instrumentos dos propagandistas da imigração tenha sido um mapa publicado em vêneto, em 1606, ilustrando o *Paese de Cuccagna*. Na descrição apresentada por Ribeiro (idem: 186), um vulcão expele continuamente moedas de ouro. As chuvas podem ser de pérolas, diamantes ou raviólis. No porto navegam embarcações abarrotadas de especiarias, mortadelas e toda sorte de embutidos e presuntos. Rios de vinho grego são atravessados por pontes de fatias de melão, lagos de molhos estão coalhados de *polpette e fegatéli*. Fornadas de pão de farinha de trigo abastecem a população constantemente. Aves assadas, especialmente frangos e perdizes, despencam do céu diretamente sobre as mesas, enquanto árvores se cobrem de frutos nos 12 meses de ano... A descrição ainda se estende, mas é concluída com a figura de uma prisão onde ficam os infratores da única lei que vigora no país: não trabalhar e gozar a vida.

Por mais fantasioso que pareça o antigo mapa, deve-se estimar que o efeito de sua imagem, insuflando o imaginário popular europeu desde o descobrimento da América, tenha se engrandecido com a miserabilização do contingente de italianos e alemães⁷⁷ que viria a formar a massa imigrante do século XIX.

Mesmo após a travessia para o novo mundo, a memória dos habitantes da região colonial italiana do RS, por exemplo, parece ainda não ter eliminado o fantasma dos sofrimentos da fome passados por seus antepassados. Pode ser bastante

⁷⁷ Só nas duas décadas que anteciparam sua unificação (1871), a Alemanha expulsou cerca de três milhões de imigrantes. A maioria aportou nos Estados Unidos, sendo que apenas um pequeno contingente veio ao Brasil, de maneira especial ao Rio Grande do Sul (Cunha, 1996: 256).

ilustrativa a lembrança de como os gaúchos étnicos – particularmente os italianos – organizam suas refeições, sejam elas domésticas ou em restaurantes:

Ao sentarmos à mesa, realizamos um ritual que bem poderia ser interpretado como um permanente exorcismo de uma fome atávica. Esse ritual pressupõe, além da quantidade, a diversidade do menu. Nas refeições festivas, manifestamos claramente o princípio da ostentação que é, para nós, uma medida de valor da refeição completa e de todo o nosso sistema culinário(...) Na verdade não temos fome de qualquer coisa. Nossa fome tem sempre por objetos alimentos definidos e valorizados culturalmente (Ribeiro, 1996: 188).

Possivelmente a abundância apresentada em um café colonial seja o melhor exemplo desse caso, onde sempre são servidas carnes – parte do topo da pirâmide gastronômica gaúcha, marcando uma evidente troca cultural do imigrante com a cozinha tradicional. Elementos da doçaria alemã e algumas conservas se misturam às massas diversas e seus molhos de acompanhamento de origem italiana, bem como queijos e embutidos, e chegam à mesa acompanhados muitas vezes de churrasco à gaúcha e galeto ao primo canto. Para beber, pode-se escolher entre vinho, cerveja, água, café, leite, chá, refrigerante e chocolate.

Nem sempre houve tanta oferta de bebida para as celebrações ou reuniões festivas. Ao chegarem ao RS, os imigrantes alemães imediatamente tiveram contato com a aguardente de cana-de-açúcar, bebida alcoólica destilada pelos luso-brasileiros, tornando-a um dos itens comerciais de primeira hora na organização da colônia. Mas também tomaram gosto pelo seu consumo. Como a produção de cerveja artesanal era bem mais trabalhosa, a cachaça tornou-se a bebida mais consumida. Quase imediatamente as bebedeiras passaram a integrar os principais alvos de ataque

dos religiosos, católicos e protestantes, conforme aponta Heike Kleber da Silva (1994: 111). Os problemas por consumo exagerado de bebidas alcoólicas também estão registrados na zona de colonização italiana do RS, mas o tratamento recebido pelo vinho, talvez por sua ligação mística ao sacramento da Eucaristia⁷⁸, se reveste de uma tolerância que o aproxima de um alimento ritual indispensável à família católica.

De qualquer forma, comida e bebida são encontradas em variedade e abundância nas refeições típicas das colônias italiana e alemã do RS dos nossos dias. Talvez não seja demais supor que hoje, mesmo inconscientemente, os descendentes dos velhos imigrantes italianos (e também alemães) venham tentando constantemente reproduzir aquele antigo mapa vêneta de 1606, sobre o *Paese de Cuccagna*, utilizado para convencer os famintos a imigrar para o Novo Mundo.

Quadro 9 – COMIDA E BEBIDA

ASSUNTO	TOTAL DE TIRAS	
	Blau	Radicci
Gastronomia típica	1	8
Bebida	19	9
Sub-total	20	17
Total	38	

⁷⁸ Outra referência elogiosa ao vinho é bem mais antiga. Após os fenícios chegarem às terras de Portugal e ali fundarem colônias a partir do século VII antes de Cristo, no século seguinte foi a vez os gregos e cartagineses, levando vinho e azeite - símbolos da civilização, em oposição à cerveja e gordura animal, tidas como "bárbaras" (Bueno, 2000: 16)

O número de referências à alimentação e bebida no livro "Nós, os ítalo-gaúchos" (cerca de 24 em 46 textos) é significativamente superior ao encontrado em "Nós, os teuto-gaúchos" (menos de uma dezena em 57 textos), embora os registros em ambas as obras deixem claro que os imigrantes italianos e alemães do século XIX trocaram a Europa pela América (incluindo o RS) fugindo basicamente das mesmas mazelas: a fome e a miséria.

Apesar de o número de referências encontrado sobre a comida e bebida seja bastante maior na obra sobre os italianos do que na dos alemães, na contagem das tiras o quadro se inverte, e é o personagem de origem alemã que, num total de 38 piadas, articula 22 – especialmente através do mote da bebida. As tiras ficaram assim classificadas: **bebida** (28) e **gastronomia típica** (11) .

Este bloco temático talvez seja o mais arraigado culturalmente na identidade étnica dos ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos, uma vez que faz referência direta ao motivo primeiro que levou italianos e alemães a deixarem a Europa no século XIX: a fome. Causada por uma conjuntura marcada pela degeneração social, a fome vencida a cada novo dia representava apenas a revalidação do tênue limite entre a vida e a morte para aquelas populações. Quando lhes surgiu a oportunidade de migrar para a América, na condição de colonos, só então se apresentou uma nova alternativa para aquela legião de pobres e desvalidos.

A fartura hoje exibida nas mesas das colônias de alemães e italianos do RS, que, para os europeus que hoje nos visitam, é de um exagero inenarrável, para os gaúchos de origem que a preparam, servem e degustam talvez nada mais seja do que

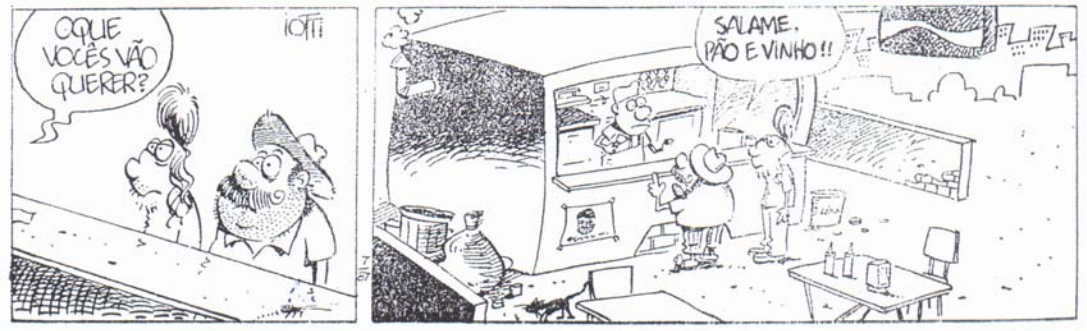
uma celebração de exorcismo contra a fome sofrida pelos seus antepassados, cujo sofrimento é vingado a cada refeição.

5.5.4 Análise das tiras – Comida e bebida

5.5.4.1 Gastronomia típica







Apenas uma tira de Blau complementa as demais deste agrupamento, dominado por Radicci, num total de 11. Em sete piadas, nas quais Radicci vai para a cidade (Porto Alegre) para visitar o filho, a ronda gastronômica se transforma numa Via Sacra, uma vez que o gringo não consegue encontrar a comida – com o respectivo vinho - a que está acostumado na colônia. Ao reclamar do que falta, Radicci faz uma metáfora do paraíso perdido que é a sua cantina, presumivelmente abastecida com uma fartura impossível de ser encontrada na capital. Em meio às

turbulências, a possibilidade de uma passarinhada cria uma ruptura através da reação do filho, que tem espírito de preservação ecológica e ainda tenta proteger o pai contra os perigos do colesterol. Note-se que os personagens recorrem aos alimentos básicos, provavelmente os mesmos que eram produzidos pelos seus antepassados, evocando o cultivo de uma tradição gastronômica que já sofre prejuízo nos centros urbanos. Radicci busca encontrar suas raízes longe da cantina, embora esteja num restaurante típico italiano, mas não é feliz.

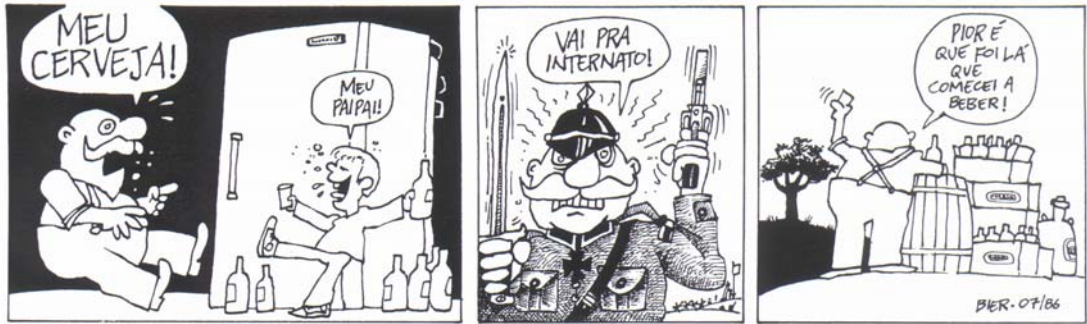
5.5.4.2. Bebida

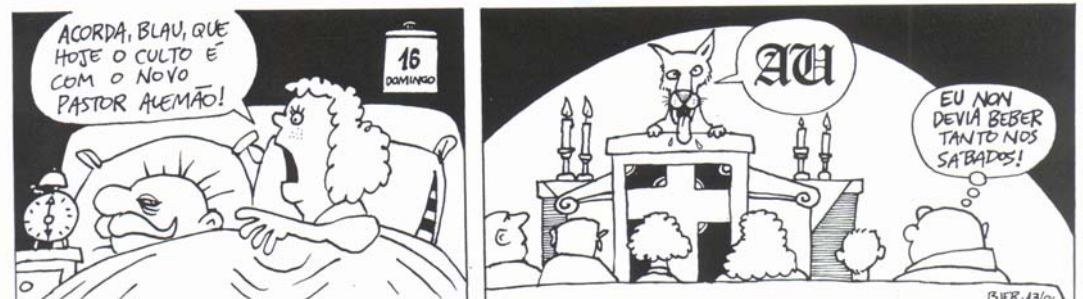


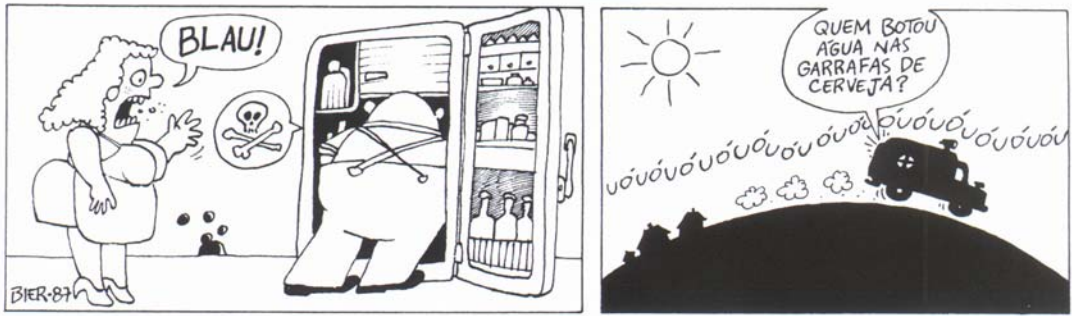


















São 28 tiras, com 21 de Blau e 7 de Radicci. A ligação com a bebida provoca discussões domésticas protagonizadas por ambos os personagens neste bloco. Um bom grupo de tiras cuida do assunto, quando, por trás da brincadeira e do humor e seus mecanismos, há uma questão identitária imediatamente evocada deste a instalação das primeiras colônias no RS. Trata-se da preocupação com o consumo excessivo de álcool, um vício que estava diretamente ligado ao jogo a dinheiro, ao abandono do trabalho e à dissolução familiar. Na tarefa de debelar este mal, a igreja confiava à mulher o trabalho moral de continuar o que a igreja não conseguia fazer da porta de cada lar para dentro.

A influência que pais exercem sobre os filhos nos hábitos ligados ao consumo de bebidas fortes aparece em duas tiras de Blau. A tolerância de se servirem pequenos goles às crianças em ocasiões festivas ainda é observável nas efemérides do interior, mas o fato está ficando gradualmente mais raro. Em especial depois de 1949, quando a OMS (Organização Mundial de Saúde), ligada às Nações unidas, declarou o alcoolismo como uma doença – e não um desvio de conduta ou moral. A tira que fala em internato refere-se ao período em que vários estudantes da colônia saem da casa paterna e, pela primeira vez, vêm-se longe da tutela dos mais velhos, sentindo-se à vontade para beber. Mas traz, também, a idéia de emancipação

representada pelo ato de transição efetuado pelo jovem que deixa o lar para continuar os estudos.

Outro aspecto identitário trazido por este grupo de tiras parece ser o espírito de prevenção e armazenamento. O costume foi provavelmente trazido pelos imigrantes que, acostumados aos rigorosos invernos da Europa, se viam obrigados a estocar mantimentos para sobreviver aos períodos improdutivos de frio e de neve. No caso das tiras, é como se a sobrevivência dos personagens dependesse exclusivamente da bebida. O deslocamento de sentido e a ruptura com o senso comum provocam o humor nestas tiras, que também constroem uma metáfora da conservação como algo lúdico. O prazer ligado ao consumo de bebidas alcoólicas também está presente no enredo de outras piadas, onde o ato de beber fosse fundamental para o bem-estar dos personagens. Em certos casos, as bebidas típicas de cada etnia são servidas – cerveja para os alemães e vinho para os italianos -, e o exagero provoca o riso.

5.6. Trabalho doméstico

5.6.1. Alemães e italianos fecundam a Nova Terra

Apontado como um dos atributos sem os quais a **colonização** não teria tido sucesso no RS, o **trabalho incansável** tem recebido de pesquisadores e cronistas de

origem alemã e italiana - sem incluir os louvores emitidos por luso-brasileiros - uma valorização que às vezes parece chegar às raias da prepotência. Este imenso amor ao trabalho vem sendo apontado como um **diferencial** agudo entre os **imigrantes** do século XIX e os **gaúchos** que habitavam a província quando aqueles aqui chegaram.

No esforço para não escorregar em simplificações ou reducionismos injustos, este bloco pretende traçar considerações sobre o **tipo de trabalho** desenvolvido por cada um dos grupos, o **sistema produtivo** existente, as **relações de trabalho** antigas e novas, bem como o **formato de propriedade** estabelecido. A partir desses elementos, espera levantar dados que expliquem as diferentes concepções sobre o trabalho no RS.

5.6.2. Estranhos que chegam a pé

Todos os colonos alemães das primeiras levas foram assentados em lotes cobertos por mato. Para darem início ao cultivo da terra, precisavam proceder a derrubada e fazer a roça. Cada família recebia entre 45 e 75 hectares (Werlang, 1996: 38), aproximadamente, limitando-se ao minifúndio diversificado de subsistência, operando com mão-de-obra familiar. Alguns produtos excedentes, como banha, carne, cereais, ovos e nata eram comercializados conforme a existência de mercado. A criação de ovinos, aves, bovinos e suínos floresceu com rapidez e logo abria caminhos para a proliferação de ofícios e serviços. Ferrarias, olarias, matadouros, moinhos e serralherias surgiram nos núcleos maiores, montando na zona colonial uma rede econômica e de comunicação que logo estaria abastecendo a capital. Tais

resultados foram atribuídos somente "à dedicação coletiva ao trabalho e uma fé inabalável em Jesus Cristo" (Lang, 1996: 18).

O sistema produtivo em vigor na província se encontrava fincado sobre o tripé carne-sebo-couro. A estrutura fundiária estava desenhada em várias sesmarias⁷⁹ de campo, propriedades distribuídas pelo império em pagamento por serviços militares e de preservação de fronteiras, com criação extensiva de gado, de cuja produção os estancieiros tiravam o seu sustento. A mão-de-obra escrava garantia o andamento dos serviços⁸⁰, e o fazia de maneira especialmente cruel nas lides das charqueadas, indústria que se expandiu a partir do final do século XVIII. Confrontado com o modo produtivo e uma mentalidade comercial influenciada pela Revolução Industrial trazidos pelos alemães, deve-se imaginar que o choque do latifúndio escravocrata rio-grandense tenha sido significativo. Não deve ter sido fácil a integração do colono na sociedade gaúcha primitiva, e não só em virtude da sua origem, mas também por causa do desprezo nutrido pelo trabalho manual - justamente quando os imigrantes vinham para fornecer nova mão-de-obra agrícola.

Embora os imigrantes tenham sido instalados em áreas não ocupadas pelo latifúndio pecuarista, criando seus núcleos coloniais na mata e na serra, os pontos de contato desde logo existiram. Assim, áreas de parte a parte, em alguns casos, faziam vizinhança. A diferença apontada por Maciel (1994: 39) é que, em pouco tempo, os imigrantes passaram da subsistência para a geração de excedentes e sua

⁷⁹ Uma sesmaria corresponde a três léguas quadradas, pouco mais de 120 quilômetros quadrados.

⁸⁰ Nos séculos XVIII e XIX, as charqueadas, as olarias, as muitas fazendas, o transporte lacustre e fluvial, os centros urbanos, a produção artesanal e manufatureira empregavam grandes quantidades de escravos de origem africana. Em 1780, os negros cativos representavam 29% da população sulina (Maestri, 1994: 130).

comercialização, acionando a economia regional e dando início à indústria. A agricultura dos colonos, inicialmente considerada degradante por não estar ligada ao sistema valorativo gado-guerra e guerreiro-cavaleiro, começa a ser revisada quando a arrecadação de impostos da colônia supera a arrecadação das sesmarias.

Embora ainda hoje o termo "colono" não tenha perdido de todo uma certa conotação pejorativa, sua designação já aponta como elogio a alguém trabalhador, sério, persistente, capaz de vencer dificuldades e obstáculos. Mais do que isso, observam-se referências ao "caráter empreendedor" do imigrante em oposição a um "caráter retrógrado" da população luso-brasileira da campanha (idem: 41).

5.6.3. A revanche contra o passado

Na tentativa de localizar comparações que escapem da simplificação amparada no preconceito ou no reducionismo da dicotomia trabalhador-preguiçoso, De Boni (1994: 104) pode ser esclarecedor. Na sua ótica, o imigrante caracterizou-se pelo apego à terra, a parcimônia e o culto ao trabalho. Tais "virtudes" seriam explicadas, em parte, pelo seu passado: fora explorado na Europa, onde não tinha acesso à terra; tivera que fazer grandes economias, contar os centavos, comer as migalhas para não morrer de fome; precisava, agora, mostrar que, em uma nova situação, entregue a si mesmo, podia adquirir bens. Dentro do cenário pecuarista, somente os estancieiros detinham a posse da terra e, para trabalhar, lá estavam os escravos. Ao lado desses, surgiu outro tipo de mão-de-obra nas fazendas. Aqueles que não comprovassem a propriedade da terra onde viviam, observa Guazelli (1998:

154), passavam a ser considerados fora-da-lei. E o gaúcho, tão reconhecido por seu espírito indomável, torna-se peão, dependendo de um patrão para não ser alvo de punições, resumindo suas tarefas ao cuidado das reses e à proteção das propriedades.

No Rio Grande do Sul, a maior parte dos imigrantes italianos foi assentada em pequenas glebas de terra. Só mais tarde vieram trabalhadores urbanos, que se instalaram nas cidades (já em todo o país), na qualidade de artesãos, comerciantes, professores, médicos, músicos e profissionais liberais. De Boni (1994: 99) observa que "dentro do atraso tecnológico brasileiro, esses pobres estrangeiros significaram inovação e progresso. Talvez nenhum outro grupo tenha contribuído para a industrialização do Brasil, dentro de um sistema capitalista periférico, como os italianos". Abordando a influência dos imigrantes no desenvolvimento da província, Müller (1996: 244) aponta como primeira mudança o trabalho livre na pequena propriedade (em contraposição ao trabalho escravo no latifúndio). E atribui aos colonos alemães o início da abolição da escravatura no Brasil, já que estavam proibidos de ter escravos. Talvez não seja demais especular, também, que as colônias alemã e italiana tenham promovido a primeira reforma agrária em solo brasileiro.

Aos imigrantes alemães também é atribuído o desenvolvimento comercial e industrial do Rio Grande do Sul, na visão de Roche (1969: 441), mas a inclinação para o trabalho nos dois grupos étnicos é apontada equilibradamente pelo autor sobre a primeira atividade desenvolvida pelos colonos, que foi no cultivo da gleba. Falando sobre o trabalho, diz ele (idem: 558) que "apenas os italianos são mais obstinados nas tarefas que os alemães, mas folgam um pouco mais, pois os cereais e a vinha exigem esforços somente em certas estações, ao passo que a policultura, posta em prática nas

colônias alemãs, não oferece outro descanso que a passagem de uma ocupação para outra".

Roche (1969: 559) também chama atenção para o trabalho familiar. Observa ele que, principalmente na primeira geração, a família inteira participa, mal sobrando tempo suficiente para o preparo de refeições. Homens, mulheres e crianças são envolvidos da manhã à noite no desbravamento da mata. Se a derrubada e a queimada são tarefas masculinas, as mulheres semeiam, plantam, colhem, ordenham e devem, ainda, fazer o pão, a manteiga, a lixívia, etc...

5.6.4. Mulher sem descanso

A sobrecarga da mulher no trabalho das colônias de imigrantes que aparece no registro de Roche encontra eco em outros autores publicados posteriormente. A idealização da mulher dedicada exclusivamente ao lar foi trabalho esmerado da igreja diante dos modismos que chegavam com a urbanização e enriquecimento nas colônias, como pode-se comprovar nos almanaques alemães editados nos séculos XIX e XX por católicos e protestantes - e cuidavam de manter essa superocupação feminina como uma virtude (da Silva, 1996: 106). Da mulher, esperava-se uma atitude de vigilância em lugares que os religiosos não podiam entrar, como na intimidade dos lares. Logo, mantê-la dentro de casa, ocupada no trabalho doméstico (era preciso estar fazendo alguma coisa para justificar sua onipresença), era fundamental. Talvez menos para os alemães e mais para os italianos, Igreja e Família são instituições intocáveis na cultura dos imigrantes e, dentro da família, encontra-se

a figura da *frau* ou da *mamma* - o centro unificador, símbolo irradiador, preservador e cultivador dos valores familiares e religiosos (Santin, 1996: 103) - de cujo controle a igreja não quer abrir mão. Para demonstrar o poder das palavras (além das prédicas e dos almanaques) na construção dessa dominação, Valesca de Assis (1996: 65) evoca os dizeres bordados nos panos de cozinha da sua avó em Santa Cruz do Sul, num dos quais se lia "Nunca te queixes do dia que traz trabalho e fadiga; é tão bonito cuidar da gente que se ama".

Para Dotti (1996: 98), esta é a voz oficial (o poder masculino) que dela fala, mas não lhe dá a voz. Só determinando o trabalho como bem e virtude supremos, interminável para evitar o ócio, origem das más idéias e outros vícios, amarrar o corpo ao cansaço e ao silêncio. A dor e o sofrimento aqui aparecem como marcas indeléveis à condição feminina, como se a mulher - mesmo sobrecarregada - não tivesse poder de determinação e participação na vida familiar.

Embora seja reconhecido que a cultura do imigrante se estruturava numa hierarquia de controle masculino, dentro da qual o homem geralmente tinha a última palavra, as decisões familiares não eram tomadas sem que as mulheres fossem consultadas. Aliás, suas decisões não apenas pesavam, mas também eram determinantes, fosse na compra de um lote de terra, de uma vaca ou de sementes (Amado, 1978: 41). Ainda hoje, nas pequenas propriedades rurais das zonas de colonização do RS, e apesar da inserção de alguns eletrodomésticos no cotidiano, essa prática é vista como a usual. Assim como também deve prosseguir a sobrecarga: as mulheres labutam de igual para igual proporção na lavoura - e ainda

precisam cuidar das tarefas domésticas, tirar leite, tratar os animais, cuidar da horta e do jardim, buscar pasto e cortar lenha.

5.6.5. Idealizando o trabalho

Ao analisar um anuário católico publicado no RS entre 1921 e 1940, da Silva (1996: 120) observa que, nos contos do padre Balduino Rambo, a idealização do trabalho não está diretamente ligada à questão étnica. O trabalho é apresentado como uma das atividades de *realização pessoal* (grifo nosso) da mulher camponesa. Ao serem enumeradas qualidades para uma mulher exemplar da colônia, o termo "trabalhadeira" se destaca.

A mesma investigação ressalta que a questão "trabalho" não se refere à etnia alemã ou sua ascendência especificamente (embora os textos do anuário estejam em alemão), mas busca valorizar o trabalho realizado pelos colonos na roça ou fora dela.⁸¹ Não trabalhar, segundo a publicação, diz respeito à mendicidade, à preguiça, ao desprezo pelo trabalho. O desprezo pelo elemento desinteressado pela labuta também está registrado entre os colonos alemães oriundos da Pomerânia, assentados em áreas ao sul da província, nas imediações de Pelotas e São Lourenço. Ali, o trabalho é fator primordial de aceitação ou não do indivíduo pelo grupo social.

Na imigração italiana do RS, o conceito de trabalho adquire um significado ético-religioso quase autônomo e torna-se um referencial para medir o valor moral das pessoas. "Ser bêbado, blasfemar e praticar outros atos condenados pelo grupo, com exceção de matar e roubar, tudo pode ser desculpado, em boa parte, se o

⁸¹ Durante a Primeira República, o PRR representou no RS o situacionismo, com ações políticas e administrativas inspiradas em Augusto Comte, cujas premissas fundamentais eram Ordem e Progresso. No entanto, para alcançar tal progresso, tornava-se imperioso valorizar o trabalho que, em decorrência do regime escravagista, era considerado indigno pelos homens livres e pelos próprios escravos. Assim, a operosidade passou a ser a tônica do discurso oficial, como incentivo às mudanças

indivíduo é trabalhador" (De Boni, 1994: 105). Isso não significa que o controle social entre os membros da comunidade sofresse relaxamentos. Ajudava-se de boa vontade o indivíduo ou a família atingida pelo infortúnio, mas execravam-se aqueles que, tendo saúde e condições de trabalhar, tentassem viver de esmolas - sinônimo de preguiça e vagabundagem.

A título de resumo, a **obsessão pelo trabalho** atribuída aos imigrantes **italianos e alemães** pelos gaúchos tradicionais, e assumida como virtude maior pelos próprios colonos, tem a ver muito mais com uma **questão cultural** do que de índole. O histórico de **privações** trazido da **Europa** levava o imigrante a se agarrar na nova oportunidade com uma determinação que não se achava construída entre os gaúchos tradicionais. A herança de práticas e ofícios forjada pela **Revolução Industrial** sobre os imigrantes trouxe para o cenário **pré-capitalista** do latifúndio pecuarista um contingente de trabalhadores estranho aos meios de produção local: trabalhava em **pequena propriedade**, ocupava **mão-de-obra familiar**, cultivava o plantio e a criação de forma **diversificada** e, logo que reuniu **excedentes**, organizou o **comércio** e a **economia** da área ocupada, instalando **serviços** e o **escoamento** da produção. O passo seguinte foi preparar a base para o desenvolvimento da **indústria** na província. Em contraposição, a estrutura fundiária das **grandes estâncias** se mantinha com a **criação extensiva de gado**, tocada pela **mão-de-obra escrava** de origem africana, que operava basicamente para a produção de charque, dentro de uma cultura que **desprezava o trabalho artesanal** e o serviço de cultivo da roça.

nas relações de produção. Os imigrantes e seus valores passam a servir de exemplo para o novo ideário.

Quadro 10 - TRABALHO DOMÉSTICO

ASSUNTO	NÚMERO DE TIRAS	
	BLAU	RADICCI
Relações de trabalho	7	16
Animais e trabalho	9	8
Sub-total	16	24
Total	40	

O bloco temático **TRABALHO DOMÉSTICO** surgiu como indicador identitário pela recorrência com que sua designação apareceu nas tiras cômicas. No livro "Nós, os teuto-gaúchos" o trabalho foi mencionado em 13 textos (de um total de 57), ao passo que em "Nós, os ítalo-gaúchos", 18 textos (de um total de 46) enfatizaram a temática. Ou seja: o maior número de menções sobre trabalho está no livro sobre os ítalo-gaúchos.

A proporção destes textos mantém sua correlação com as tiras. De um total de 40 desenhos, 16 são de Blau e 24 são de Radicci, ou seja, o personagem ítalo-gaúcho faz a maior parte das referências a tais temáticas. Para efeito de análise, este bloco teve as tiras classificadas da seguinte forma: **relações de trabalho** (23), e **animais no trabalho** (17).

Sem escravos, operando com mão-de-obra familiar e fazendo produzir uma propriedade rural de pequena área através da diversificação, imigrantes italianos e alemães que chegaram no RS a partir de 1824 eram elementos estranhos ao latifúndio

escravocrata e pastoril que dominava o sistema produtivo no campo. Principalmente nas primeiras gerações, cada filho saudável que viesse à luz desde cedo era visto e empregado como um ajudante a mais no trabalho do lote. Mas o trabalho mais pesado era mesmo repartido entre o homem e a mulher - esta com sobrecarga, invariavelmente. Talvez não seja possível conceber o sucesso das colônias sem o trabalho feminino.

Reconhecido pelos próprios luso-brasileiros como a mais importante razão para o desenvolvimento da província, a forma de trabalho dos colonos sugere um mito colado ao imigrante e seus descendentes. A imagem que os teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos fazem de si mesmos também incorpora essa valorização. Por outro lado, a repulsa pelo não-trabalho e o sujeito indolente também aparece como uma postura não só usual, mas também recomendável dentro da cultura dos colonos.

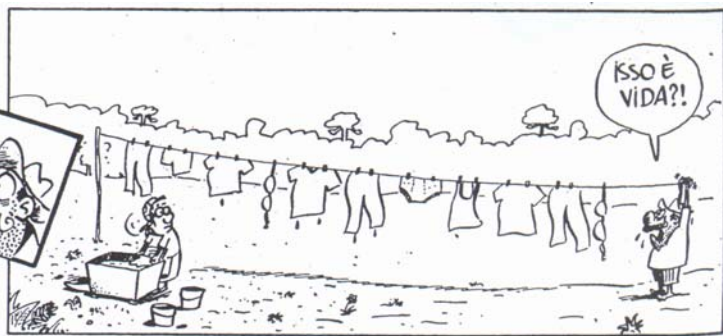
5.6.6 Análise das tiras – Trabalho doméstico

5.6.6.1. Relações de trabalho

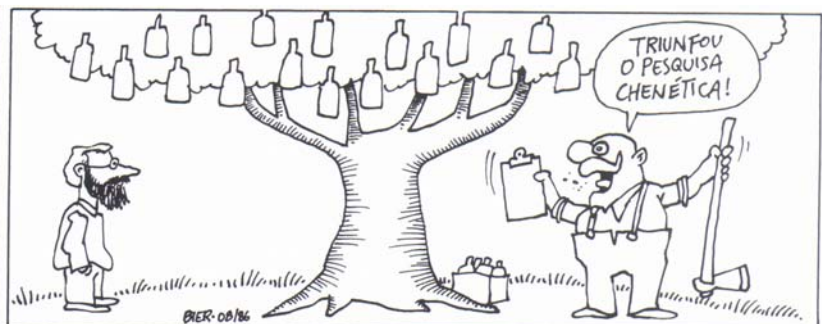


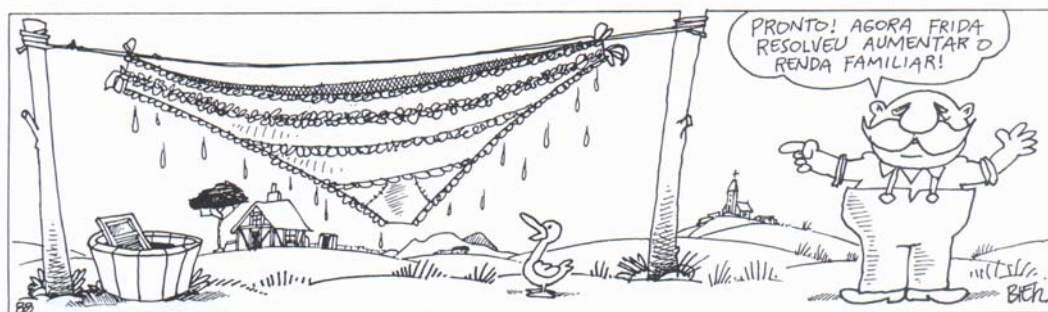












São 11 tiras abordando a sobrecarga da mulher no trabalho, três de Blau e oito de Radicci. Blau escapa das tarefas de casa para a cerveja do armazém e Radicci é taxativo ao afirmar que "o trabalho é a chuva de pedra no parreiral da vida". O humor destas tiras também é produzido por mecanismos diversos, mas, do ponto de vista da identidade étnica, o elemento que mais poderia causar o riso é justamente a ruptura com o real. A obsessão dos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos pelo trabalho, a exemplo de seus antepassados, é vastamente mencionada na literatura sobre os imigrantes. A má vontade para trabalhar apresentada pelos personagens, na cultura do imigrante e seus descendentes, é considerada um defeito que só perde em repúdio para o roubo e o homicídio. Justamente quando o sistema produtivo se constrói sobre a mão-de-obra familiar, uma única "peça" (pessoa da família) que não faça a sua parte das tarefas pode comprometer o bem-estar ou o sustento do grupo todo.

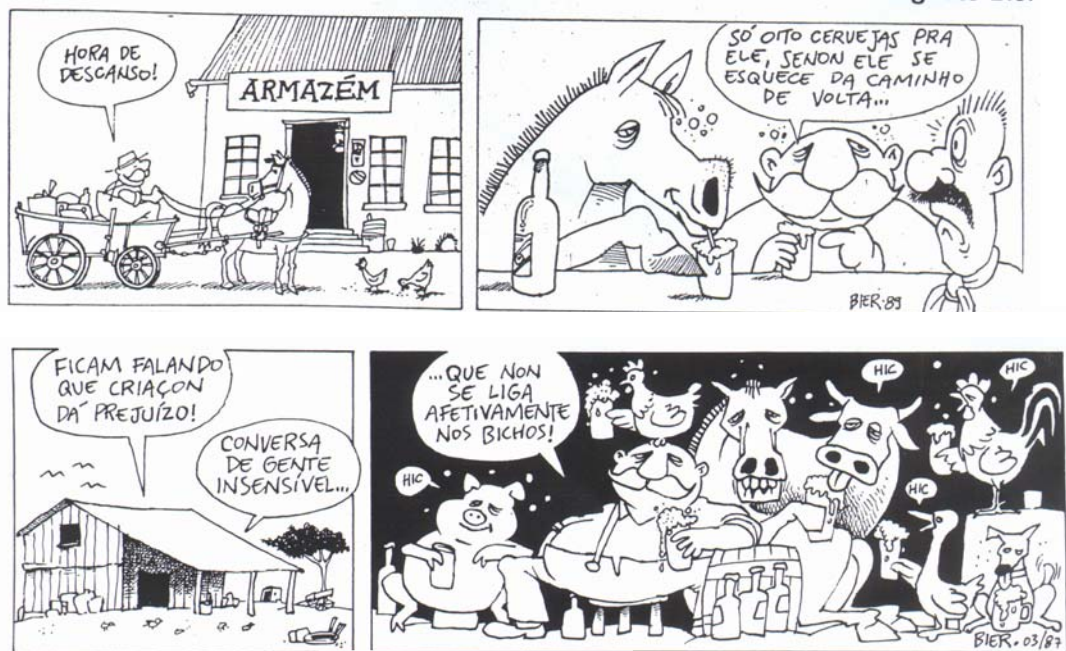
Em outras piadas Radicci dispensa a mulher, dizendo que a tarefa a cumprir é "trabalho de homem", num surto de machismo, mas logo precisa voltar atrás e pedir ajuda, imediatamente se rendendo a uma prática típica da pequena propriedade rural,

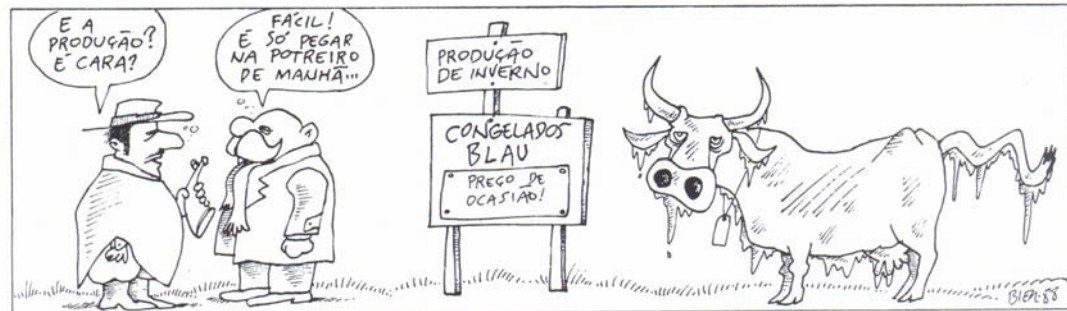
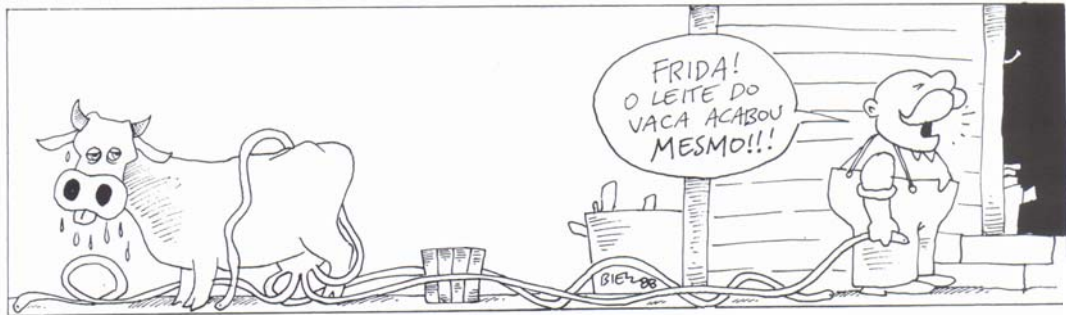
que é a mão-de-obra familiar. Embora a cultura das colônias seja patriarcal, a colaboração da mulher é imprescindível não apenas na divisão do trabalho, mas também na manutenção dos valores morais e religiosos da família, tarefa levada a efeito quando a labuta diária terminava e todos se recolhiam para o jantar e as orações antes do repouso noturno. O filó, típico da colônia italiana, deve ser o exemplo mais acabado desse tipo de prática.

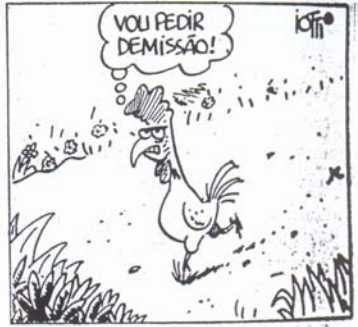
Este bloco também mostra tiras encenando a produção e preparo de comida, apresentando dois tipos de alimentos bem característicos dos grupos étnicos teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos. A sopa é reconhecidamente o prato principal na gastronomia dos desafortunados, e tanto italianos como alemães têm suas receitas, herdadas dos imigrantes. Tal herança é ainda cultuada durante o inverno, mesmo que a mesa posta seja de uma família abastada. Nas tira de Blau (em que aparece a sopa), é o inesperado que vem para fazer rir, quebrando o senso comum. Com Radicci, o alimento evocado é uma tradição italiana no RS: o salame, o embutido mais identificado com a zona de colonização dos ítalo-gaúchos. Que é feito da carne do porco, um animal que precisa ser capturado e abatido antes de ir para a mesa. Alguns perguntam a razão para vários colonos de hoje preferirem matar um porco engordado na propriedade em vez de comprarem o animal no açougue ali perto. As respostas são geralmente duas: poder aproveitar tudo do animal abatido (do grito ao torresmo) e por conhecer a procedência da carne. E são duas, também, as características identitárias correspondentes: o senso de economia e máximo aproveitamento, e a desconfiança sobre produtos desconhecidos.

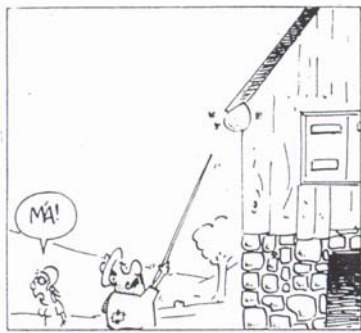
A bebida também se apresenta em um conjunto de tiras. Nas piadas do italiano, a ruptura que ocasiona o mecanismo humorístico se dá muito mais pelo desenho do que pelo discurso do personagem. Além disso, a fidelidade à produção artesanal da bebida característica de cada etnia - o vinho, no caso dos italianos - está evidenciada. Não é o caso de Blau, que, nas tiras cômicas, investe tanto na produção de destilados quanto na de cerveja. O que não se deve estranhar, se forem levados em conta registros de que os imigrantes alemães, logo que chegaram, não só passaram a comercializar a cachaça gaúcha, como também a produzi-la e consumi-la. Como o fabrico de cerveja era mais trabalhoso, sua produção local não passou a ocorrer de imediato. A diversificação rural da produção das pequenas propriedades dos colonos está metaforicamente representada em duas tiras de Blau, que transpõe sua forma de produzir para a destilaria e a cantina da sua casa.

5.6.6.2. Animais no trabalho









A produção diversificada do minifúndio das zonas de colonização alemã e italiana do RS também é evocada através da inclusão de diferentes animais domésticos nas tiras cômicas de Blau e Radicci. Em sua maioria ligados de alguma forma ao trabalho, eles são importantes na tração de arados e veículos, na produção de alimentos, na caça e na segurança da propriedade. No entanto, para provocar o riso, em algumas piadas os animais assumem comportamento humano - bebendo cerveja ou fazendo um protesto contra maus tratos, por exemplo -, mas, por trás desse mecanismo humorístico, há todo um conjunto de aspectos que remete ao tipo de propriedade rural da colônia, um cenário que se difere das características do latifúndio pastoril tradicional.

Mesmo produzindo sobre uma diferente estrutura fundiária, o colono não deixou de incorporar elementos da cultura hospedeira, isto é, do latifúndio pastoril. Um exemplo disso pode estar representado em uma tira que menciona claramente a relação sexual de seres humanos com animais.⁸² O uso da indumentária do tropeiro e a adoção do churrasco e da erva-mate também estão entre os aspectos da cultura gaúcha tradicional assimilados pelo imigrante. Mas seu ambiente era outro, embora interagisse com o latifúndio de diversas maneiras.

É a produção diversificada uma das características do minifúndio do colono. Os animais, em sua maior parte, podem ser reunidos sob um mesmo telhado (geralmente o galpão) durante a noite. Mas, independentemente do tipo de acomodações, o colono sempre usou racionalmente a pequena área do lote (pequena

⁸² O fenômeno é verificado nos campos gaúchos, e registrado em estudos a respeito de populações predominantemente masculinas e/ou em áreas de baixíssima demografia de mulheres. Essa prática é referida de forma humorística num poema chulo famoso (ver nota de rodapé 5).

em relação às sesmarias dos estancieiros), tirando o máximo de proveito de cada espécie. Em sua criação havia animais de corte (porcos, galinhas, marrecos, gansos), de tiro e transporte (cavalos e bois), de leite (vacas e cabras), de guarda e de estimação (cães e gatos). Não se pode omitir o aproveitamento e produção de derivados, como ovos, queijo, manteiga, banha, embutidos e outros, cujos excedentes impulsionaram o comércio da província a partir da região ocupada pelos imigrantes.

CONCLUSÃO

AUFWIEDERSEHEN! CIAO!

Palavras terminais sobre uma jornada que mal começa

Considerando as relações estabelecidas ao longo desta investigação entre as representações humorísticas da identidade e os textos tomados como referência para a análise das tiras, este trabalho, que aqui encontra sua conclusão, teve como objetivo demonstrar que o humor pode funcionar como elemento de resgate da identidade. Para tanto, lançou mão das tiras cômicas de dois personagens que foram publicados simultaneamente em um semanário de Porto Alegre, ao longo de 130 edições, entre 1987-1989. Tais personagens representam dois grupos étnicos significativos do RS, quais sejam, o alemão (Blau) e o italiano (Radicci).

Quando se é alvo de uma piada ou quando se é ridicularizado por outro, percebemos que existimos, porque rir também significa relativizar um sentimento ou gesto. Aquele que foi troçado, percebe que existe. Além do que, isso, provavelmente, também o coloca em condições de retribuir. O humor, junto a outros elementos, estabelece o reconhecimento entre imigrantes e gaúchos tradicionais (e os respectivos descendentes). Ao ser ridicularizado ou troçado, alguém sempre é apontado. Neste caso, os aspectos engraçados (para os gaúchos) são os mesmos que

tornam o imigrante peculiar: suas características étnicas. Mais recentemente, os descendentes dos imigrantes resgatam os valores ridicularizados da sua etnia, incorporam o riso alheio ao seu olhar e à própria história de vida, e riem dos outros e da sua gente através das tiras de Blau e Radicci. Mas também provocam o riso dos descendentes dos gaúchos luso-brasileiros que lêem as tiras cômicas nos jornais. Embora o caso não integre este trabalho, é interessante observar que os mais difundidos desenhos de humor sobre os gaúchos também são de autoria de um deles: o cartunista Santiago, criador do personagem Macanudo Taurino Fagunde. Assim, o gaúcho mostra que também sabe rir de si mesmo.

Nas tiras cômicas, Blau e Radicci foram apresentados ao público ambientados no meio rural, evocando o primeiro cenário ocupado pelos imigrantes ao chegarem no RS. O cenário, ainda que visível, não chegou a ser analisado como traço da tipologia construída. Como os produtores rurais dos nossos dias, residentes nas mesmas zonas de colonização, ainda reproduzem, em menor ou maior escala, a cultura dos seus antepassados, a localização de elementos identitários para a análise das tiras não ofereceu dificuldades. Afinal, tratava-se de um cenário óbvio, já que o jornal “O interior” era destinado ao público rural.

Um exemplo desses aspectos diz respeito à arquitetura, manifestação cultural significativa, relativamente abundante e ainda facilmente encontrável nas áreas de colonização do RS. Apesar de não ter sido contemplada como temática, a arquitetura típica utilizada pelos primeiros colonos está presente em várias tiras dos dois personagens. As casas da área de colonização italiana são erguidas com tábuas, geralmente sobre um porão acima do subsolo, este feito com pedras ou tijolos,

normalmente utilizado como armazém e cantina para fabrico de vinho doméstico. Já as edificações da colônia alemã se caracterizam pela armação de madeira preenchida com pedras ou tijolos, conhecidas como casas de enxaimel.

Quanto às temáticas abordadas pelas tiras, em duas delas (práticas políticas e a relação imigrante x gaúcho) os desenhos do ítalo-gaúcho Radicci não se fizeram presentes, sendo que, nas demais, os dois personagens se apresentaram lado a lado, variando em maior ou menor número de aparições. Nas tiras de Blau predominam as temáticas **práticas políticas**, a **relação imigrante x gaúcho** e **comida e bebida**. As tiras de Radicci compuseram maioria nas temáticas **religiosidade**, **tino comercial** e **trabalho doméstico**.

Sem a pretensão de estabelecer uma relação direta entre tiras, tematizações, número de aparições, abordagens e o referencial sobre a identidade dos grupos em questão, esta pesquisa não teve como explicar a razão pela ausência das tiras do ítalo-gaúcho em dois grupos temáticos. No entanto, deve-se considerar que, embora o conjunto de tiras sobre práticas políticas não tenha a presença de Radicci, a literatura consultada informa que os ítalo-gaúchos tiveram participação marcante no cenário rio-grandense, com destaque para sua massiva organização junto à Ação Integralista Brasileira (AIB) na década de 1930. Posteriormente, os movimentos operários da colônia italiana também tiveram peso na arena política do estado. As tiras deste bloco resgatam, entre outros elementos, uma perplexidade dos imigrantes diante dos governantes e seus desmandos, questão ainda presente na realidade nacional. É dessa perplexidade que parecem brotar os motes para as piadas de Blau, frequentemente acionando o humor a partir da busca de saídas – geralmente insólitas – para a sua

contingência ou para a má situação dos parceiros. O mecanismo de humor está presente, mas nem sempre desencadeia o riso. Ao invés disso, aproveita o estratagema do inesperado para fazer uma denúncia ou revelação.

O bloco temático Relação Imigrante x gaúcho não apresenta tiras de Radicci, embora a literatura acuse o contato dos imigrantes alemães e italianos com o gaúcho. Isso talvez se deva à relativa facilidade com que ocorreu a integração dos italianos no cenário humano rio-grandense, ao contrário dos alemães. Uma provável “carência de traumas” nesse processo pode não ter feito dos choques culturais da integração um elemento marcante o suficiente para merecer espaço nas piadas de Radicci. Já as tiras de Blau expõem o convívio dos gaúchos de origens diversas, sendo que o luso-brasileiro ainda veste parte da vestimenta tradicional, mais usualmente o chapéu de aba larga, guaiaca, botas e bombachas, que o imigrante de certas regiões não demorou a adotar. No que tange à relação dos colonos com os rio-grandenses, talvez sejam dois os aspectos a justificar a mais rápida integração dos imigrantes italianos com os gaúchos, do que a dos alemães, embora estes tenham chegado cerca de meio século antes. O primeiro pode ser o idioma. Os dialetos italianos estavam muito mais próximos da língua portuguesa do que a fala dos alemães, facilitando significativamente a comunicação. O segundo aspecto pode ter sido a religião. Enquanto os imigrantes italianos professavam todos a fé católica – religião oficial do Império do Brasil -, os alemães vinham divididos entre católicos e protestantes. Estes últimos, que já sofriam com a comunicação, carregavam ainda o fardo da discriminação religiosa. Tal fenômeno estimulou um isolamento cultural refratário cujo refúgio foi a germanidade (Deutschum). Não havia como amenizar o choque,

como ficou demonstrado na historiografia. O humor surge no espaço dado justamente ao tipo gauchesco, depositário de uma herança cultural estereotipada sobre a Revolução Farroupilha – da qual alemães e italianos fizeram parte -, que assombra seu interlocutor pela gestualidade exagerada e a obstinação pelo separatismo. As diferenças históricas, étnicas e culturais de Blau e Rego, o separatista, fazem pano de fundo para os interesses comuns dos personagens e suas tramas, muitas vezes urdidas contra o governo federal instalado em Brasília. A radicalidade do separatista brinca com os contornos caricaturais que o movimento adquire sazonalmente, desde 1835. E Blau, também diversas vezes, se presta de coadjuvante, evocando aquele espanto que seus antepassados devem ter manifestado diante dos desmandos políticos nos tempos da colonização.

A religiosidade majoritariamente presente nas tiras de Radicci coincide com a importância das capelas no centro de apoio não só espiritual, mas também social e econômico dos núcleos da zona de colonização italiana. Esse fervor católico e a importância do sacerdote, de maneira especial nas pequenas paróquias de hoje, ainda é um indício da organização social dos primeiros imigrantes. Os colonos alemães, ao que parece não manifestavam seu fervor religioso da mesma forma que os italianos, talvez por conta da história trazida da Europa. Estes construíam escolas junto às igrejas – católicas e protestantes - e viam na educação um instrumento de cidadania, o que deve ter contribuído para discussões ideológicas importantes dentro das comunidades, inclusive com o questionamento das autoridades eclesásticas. Este confronto, por outro lado, está muito mais presente nas tiras de Radicci, do que nas de Blau, ao passo que este percorre o caminho da dessacralização. As tiras de

Radicci provocam o riso pelas investidas contra o vigário, que faz da missa uma pregação para arrecadar fundos, e para isso se inspira num discurso medieval derrubado pela Reforma, que evoca a venda de indulgências. O “pão-durismo” atribuído aos ítalo-gaúchos está evidente na revolta de Radicci contra o religioso, e isso abre espaço para o funcionamento do humor. Perto da agressividade engraçada de Radicci neste Bloco, Blau protagoniza piadas quase pueris.

O bloco temático sobre o tino comercial também é dominado pelas tiras de Radicci. A vocação que os italianos, um povo peninsular, têm para o comércio encontra raízes há milhares de anos, junto a outras civilizações do Mediterrâneo. Mas a organização do comércio e a implantação da indústria gaúcha são atribuídas à comunidade germânica, fazendo a alegria dos coletores de impostos da então Província de São Pedro, como enfatiza detalhadamente o pesquisador Jean Roche (1969). No entanto, à medida que chegavam novas levas de imigrantes italianos, grupos compostos por trabalhadores urbanos passaram ao dar ao comércio um impulso que logo lhes assegurou uma posição de liderança na área. Os gracejos predominantes nas tiras fazem menção à vigarice, à esperteza do bodegueiro – o comerciante do lugar -, sempre às voltas para tirar vantagem sobre a freguesia. Radicci e Genoveva, portanto, também têm lá seu caderninho de contas, o que é um perigo!

O trabalho doméstico forma outro bloco temático em que a maioria das tiras é de Radicci. Culturalmente arraigado como um dos valores mais caros – senão o mais importante de todos -, tanto para italianos quanto para alemães, o trabalho árduo e obstinado dos imigrantes ajudou a fazer do RS um dos mais importantes pólos

econômicos do país. O cenário dessa característica encontrado nas tiras, como já foi comentado, é o da pequena propriedade rural. O trabalho se dá em regime de mão-de-obra familiar. Em muitas das piadas, as mulheres dos personagens passam de coadjuvantes a protagonistas. O que nos remete à importância dada à mulher nos dois grupos étnicos, em especial no que dizia respeito à educação dos filhos e à administração doméstica, mesmo que em ambiente machista. O humor de parte das tiras, no entanto, tematiza o trabalho pelo seu contraponto, que é a preguiça, ou melhor: a preguiça de Blau e Radicci. São as mulheres dos personagens que os chamam de preguiçosos, protegidas pela autoridade moral de quem está fazendo a sua parte, enquanto os parceiros as enganam sem cumprir com as deles. Essa ruptura com o senso comum, por exemplo, cria o ambiente para o funcionamento do humor. Também o deslocamento da autoridade tradicionalmente masculina para a esfera feminina oferece campo para o riso.

Blau compõe a maioria das tiras no bloco referente à comida e à bebida. Blau domina com piadas sobre bebida e Radicci enfatiza a gastronomia típica da colônia italiana do RS. Embora a fome tenha obrigado os dois grupos aqui estudados a migrar, a literatura demonstra que a contingência e a miséria dos italianos era mais grave. Ainda que alimentado pela esperança de possuir um lote de terra, o imaginário dos italianos era definitivamente seduzido pela promessa de comida e bebida em fartura, propaganda na qual as companhias de imigração se esmeravam. Da fantasia para a realidade houve mudanças dramáticas, e as diferenças foram identificadas na frugalidade disponível na nova terra. Alemães e italianos trazem da Europa diversas receitas características de suas terras de origem, mas estas, na “Mérica”, adquirem

novos temperos e se misturam tanto no preparo quanto nas mesas, fundindo-se com a culinária local, cujo prato mais reconhecido é o churrasco. Mesmo assim, Radicci não dispensa uma boa passarinhada e tampouco Blau recusa uma porção de cuca com lingüiça. Radicci faz rir com sua insistência em comer só o que conhece, e carrega seu tabu alimentar para criar constrangimentos em toda parte. Blau provoca o humor com as piadas sobre bebida, incluindo desculpas e artimanhas de toda ordem para beber cada vez mais e com maior prazer.

Os temas aqui levantados sobre os dois grupos de imigrantes estão limitados pelo objeto de estudo e a literatura que lhe deu suporte. Provavelmente há outros aspectos identitários, mas que não foram contemplados nas tiras cômicas. Todavia, deve-se observar que, apesar da integração entre alemães e italianos hoje verificada nas respectivas zonas de colonização do RS, as características culturais específicas de cada etnia permitem a delimitação de áreas de concentração bem definidas. Por outro lado, o reconhecimento das características de cada grupo diante do próprio olhar e do olhar do outro permite que o convívio entre eles (e destes com os demais) se dê com liberdade bastante para que os preconceitos surgidos dos choques culturais, de parte a parte, já possam ser tratados através de um humor despido de agressão. Isso não quer dizer que as piadas agressivas tenham desaparecido do cenário interétnico gaúcho. Em alguns casos, ganham contorno de ofensa e até de crime de preconceito racial.

Em termos de representação, as informações dão pistas de que as tiras cômicas teriam funcionado como elementos de resistência pacífica e simpática dentro de um ambiente dominado pelos valores tradicionalistas e nativistas,

demonstrando que, através de personagens étnica e culturalmente caracterizados, pode ocorrer uma representação legível não apenas pelos integrantes das etnias publicadas, mas também pelos demais grupos étnicos participantes do mosaico formador da população gaúcha, apontando para uma integração em cujo “ecossistema” essas tiras cômicas são criadas e se difundem afirmativamente.

Talvez a integração plural e multiétnica dos gaúchos tenha experimentado sua mais recente afirmação dentro do espaço aberto pelo Nativismo no terreno da cultura regional. A eclosão do Movimento Nativista do RS, a partir dos anos 1970, estimula o surgimento de personagens étnicos no desenho de humor em circulação no meio editorial gaúcho. Formado na esteira do MTG, mas contrapondo-se aos seus régulos ortodoxos através de uma postura mais leve e flexível, o Nativismo, num dado momento, seguiu cultivando as raízes e cultuando o passado do gaúcho primitivo, ou seja, o tipo humano evocado a partir de um cenário campeiro, épico e pastoril. Foi nesta linha de inspiração que o cartunista Santiago criou seu mais conhecido personagem de humor, o Macanudo Taurino Fagunde. No entanto, os demais rio-grandenses, ao longo do movimento, pareciam ter ficado à margem da história. Talvez para demonstrar que outros tipos de gaúcho também eram dignos de menção, surgidos de origens diversas daquelas contempladas pelo Nativismo, criou-se Radicci, o ítalo-gaúcho, e Alemão Blau, o teuto-gaúcho.

Com base na literatura de referência, pode-se arriscar a opinião de que as tiras de Blau e Radicci, desde seu lançamento, prosseguem construindo e reconstruindo identidades permanentemente, reafirmando, confrontando e representando valores identitários a cada nova publicação que continua chegando aos leitores todas as

semanas (Blau) ou todos os dias (Radicci). Por outro lado, essas mesmas tiras cômicas não perdem o referencial comum dos seus antepassados, cujas culturas aparentemente são resgatadas com variáveis que não se desligam da raiz. São, pois, os elementos identitários mapeados na pesquisa.

Freud definiu o humor como defesa a um certo tipo de dor social, mas que também assume formas agressivas quando alguém se sente acuado e ataca antes de ser atacado. Embora o ser humano seja o único animal a rir, a sua postura nos demais aspectos do comportamento aqui enunciado – dor, medo, acuação, ataque – não parece diferenciada daquela dos outros mamíferos. Mas o que isso tem a ver com etnia e identidade? Pois vejamos: Investigando as relações entre imigrantes alemães e italianos no RS, no seu contato com os povoadores mais antigos, na sua maioria luso-brasileiros, poderemos encontrar posturas semelhantes. Por trás de tudo aparece o medo diante do desconhecido, a repulsa pelo novo, a desconfiança para com o diferente e o acuação (com o possível ataque) diante da hostilidade. Nos contatos entre os grupos de imigrantes e os gaúchos primitivos – que provavelmente já troçavam o escravo africano e o contrabandista castelhano – o humor provavelmente já ia construindo a sua obra e demarcando, através do riso, as identidades postas em contato que estavam formando o mosaico étnico sul-rio-grandense. Tais marcas, como se pode observar, sobrevivem em boa parte até nossos dias. Só que delineando os diferenciais muito mais por divertimento do que por agressão. Do contrário, talvez a publicação de tiras cômicas com personagens étnicos não tivesse espaço no RS.

Justamente por tratar as culturas dos imigrantes (e dos seus descendentes) de forma inesperada, e através do riso, o humor resgata os aspectos identitários e suas

características específicas e diferenciadoras diante do grupo todo. O leitor reconhece nas tiras cômicas os sinais característicos das culturas dos teuto-gaúchos e dos ítalo-gaúchos. Adicionando-se o tratamento humorístico sobre as temáticas evocadas no enredo, é provocado o riso.

Se os estudos sobre humor já vêm sendo desenvolvidos desde antes de Cristo, a partir de registros de Aristóteles na Grécia antiga, a investigação acadêmica a respeito do desenho de humor e sua relação com questões de identidade, por outro lado, ainda parece um sertão inóspito à espera de cartografia. Todavia, é sabido que o mosaico étnico rio-grandense se compõe de muitos outros grupos, dos quais certamente poderão surgir novos objetos de estudo.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Janaína. **Conflito social no Brasil: a revolta dos Mucker**. São Paulo: Símbolo, 1978.
- ASSIS, Valesca de. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- ALMEIDA, Fernando Afonso de. **Linguagem e humor – comicidade em *Les Frustrés de Claire Bretécher***. Niterói: EdUFF, 1999.
- BARTH, Frederik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. in POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- BENDER, Ivo C. **Comédia e riso: uma poética do teatro cômico**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS – EDIPUCRS, 1996.
- BERGSON, Henri. **O Riso- ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BERND, Zilá. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Série Documentos, vol. 5. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1994.
- BERNARDI, Aquiles. **Nanetto Pipetta**. Tradução de Alberto Stavinski e Mara Tcacenco. Caxias do Sul: EST/EDUCS/Correio Riograndense, 1988.
- BERSCH, Pe. Ivo I. **Recordar é viver - cancionero popular**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- BIEHL, João Guilherme. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- BIER, Augusto Franke. **Alles Blau – as aventuras do Alemão Batata na Terra do Cambalacho**. Porto alegre: Sulina, 1989.

- BOEHM, J. H. **Memoires Relatifs á l'expedition au Rio Grande do Sul** in "Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande" (1776-1979), vol. III, Rio de Janeiro: IHGB/IGHMB, 1979, P. 164.
- BOURDIEU, Pierre. **L'identité et la représentation**. Actes de recherche en sciences sociales, n. 35, p. 63-72, 1980.
- BRANDALISE, Carla. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- BREMMER, Jan (org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: terra à vista!**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2000.
- CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **Sabor a tí. Metodologia cualitativa en investigación social**. México: Biblioteca Universidad Veracruzana, 1997.
- CADEMARTORI, Lúgia. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CARBONI, Florense. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto alegre: editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- CASTRO, Maria Lília Dias de. **O humor no processo de produção/recepção**. São Leopoldo: Unisinos, artigo on-line/ Intercom 1999 (Rio de Janeiro).
- _____. Mídia impressa: **jogos que envolvem os efeitos de humor**. São Leopoldo: Unisinos, artigo/ALAIC 2000 (Chile).
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Série Documentos, vol. 5. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1994.
- CORADINI, Odaci Luís. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, 1996.
- COSTA, Rovílio. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- CORTES, J. C. Paixão. **The Gaucho – Dances, Costumes, Craftsmanship**. Porto Alegre, Garatuja/Riocell, 1976, p. 34.
- CUCHE, Denys. **A noção da cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

- CUNHA, Jorge Luiz da. In **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- DAMASCENO, Athos. **Imprensa caricata do RS no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1962.
- DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DE BONI, Luís. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Série Documentos, vol. 5. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1994.
- _____. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- DOTTI, Corina Michelin. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- DUNDES, Alan. **Cracking Jokes – Studies of sick humour cycles and stereotypes**. Berkeley, CA: Ten Speed Press, 1987.
- FAGUNDES, Antonio Augusto. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- FLORES, Hilda A. H. **Memórias de Brummer**. Porto Alegre: EST, 1997.
- FLORES, Moacyr. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- FONSECA, Joaquim da. **Caricatura – a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- FREITAS, Décio. **O maior crime da Terra**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996.
- _____. **O homem que inventou a ditadura no Brasil**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999.
- FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Obras completas, v. 8. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958-1959.
- FROSI, Vitalina Maria. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

- GASTAL, Ney. In **Almanaque Tchê!**. Porto Alegre: Editora Tchê! 1987.
- GOULART, Mário. In **Almanaque Tchê!** Porto Alegre: Editora Tchê!, 1987.
- GUAZZELLI, César. **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HEREDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- HESSEL, Lothar. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, 1996.
- História do Homem nos últimos dois milhões de anos**. Lisboa: Seleções do Reader's digest, 1975.
- HUNSCHE, Carlos H. **O ano de 1826 da imigração e colonização do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Metrópole, 1974.
- _____. **O biênio 1824/25 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)**. Porto Alegre: IEL, 1975.
- IOTTI, Carlos Henrique. **Demo Via**. Caxias do Sul: Rugeri MEC-RUL, 1985.
- JACKS, Nilda. **Mídia Nativa – indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- JENKINS, Richard. **Rethinking Ethnicity**. London: SAGE Publications, S/D.
- KREUTZ, Lúcio. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- LANG, Guido. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- LUZZATO, Darcy L. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- MACHADO, José Olavo. **Rio Grande do Sul no período republicano**. Rio de Janeiro: Itaimbé, 1973, p. 59-60.

- MACIEL, Maria Eunice de Souza. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Série Documentos, vol. 5. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1994.
- _____. In **Horizontes Antropológicos – Comida**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- MAESTRI, Mario. **Diversidade Étnica e identidade gaúcha**. Série Documentos, vol. 5. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1994.
- MANFROI, Olivio. **Imigração e identidade cultural – a colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Estudos íbero-americanos, vol. 2. Porto Alegre: 1975
- MARCON, Itálico. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- MEYER, Dagmar E. E. **Identidades Traduzidas – Cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2000.
- MICHIELIN, Francisco. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS, 1996.
- MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia Alemã: imagens do passado**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- _____. **Colônia Alemã: 160 anos de história**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.
- _____. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- OBERACKER JR., Carlos H. **Carlos Von Koseritz**. São Paulo: Ed. Anhambi, 1961.
- OLIVEN, Rubem. **A parte e o todo**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. in **Psicanálise e colonização**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- O Interior**. Porto Alegre: Fundação da Produtividade/Fecotrigo, 1989 – edição 649.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- O’SULLIVAN, T. et alle. **Key concepts in communication and cultural studies**. London: Routlege, 1997.

- PIOVESAN, Rosemar. **Frótole del baracon**. Santa Maria: UFSM, 1995.
- POZENATO, José Clemente. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- RABAÇA, C. A. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1978.
- RAMBO, Arthur Blasio (org.). **A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros**. Porto Alegre: Unisinos/UFRGS, 1995.
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996
- RIGOTTO, Germano Antônio. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- RILLO, Apparicio S. **Rapa de Tacho**. Porto Alegre: Editora Tchê!, 1982.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROCKEMBACH, Silvio. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- RODRIGUES, Mario Lúcio Bonotto. **Macanudo Taurino: o humor gráfico como articulador da identidade cultural**. Porto Alegre: dissertação de mestrado em Comunicação e Informação (UFRGS), 2000.
- RÜDIGER, Francisco. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- SANTIN, Silvino. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.
- SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado – povoamento, colonização, história política**. Vol. I. Lajeado: edição do autor, 1993.
- SILVA, Haike R. K da. **Representações do Humor no Imaginário Teuto-Brasileiro**. São Leopoldo: Dissertação de Mestrado em História (Unisinos), 1996.
- SILVEIRA, Mauro César. **A batalha de papel – a Guerra do Paraguai através da caricatura**. Porto Alegre: L&PM, 1996.

TONET, Tânia Maria Zardo. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

TRONCA, Tadiane. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ufrgs, 1996.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1996.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O analista de Bagé**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

WEBER, Regina. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

WERLANG, William. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.